

ENTRE TRAÇOS E CONTEXTOS:

As charges de Carvalho Déda no jornal A Semana (1959-1968)



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Vice-Governadora

Eliane Aquino Custódio

Secretário de Estado do Governo

José Carlos Felizola Soares Filho



SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Francisco de Assis Dantas

Diretor Administrativo-financeiro

Jecson Leo de Souza Araujo

Diretor Industrial

Milton Alves



EDISE - EDITORA DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE

Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial

Ezio Christian Déda Araújo

Irineu Silva Fontes

João Augusto Gama da Silva

Jorge Carvalho do Nascimento

José Anselmo de Oliveira

Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

AMANDA DE OLIVEIRA SANTOS

ENTRE TRAÇOS E CONTEXTOS:

As charges de Carvalho Déda no jornal A Semana (1959-1968)



Aracaju

2022

Copyright©2022 by Amanda de Oliveira Santos

Capa

Rodrigo Carvalho

Diagramação

Rodrigo Carvalho

Revisão

Yuri Gagarin

Pré-Impressão

Dalmo Macedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Amanda de Oliveira
Entre traços e contextos [livro eletrônico] : as
charges de Carvalho Déda no jornal A Semana
(1959-1968) / Amanda de Oliveira Santos. --
Aracaju, SE : Segrase, 2022.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-86004-76-2

1. A Semana (Jornal) - Simão Dias (SE) - História
2. Charges 3. Déda, José de Carvalho, 1898-1968
4. Imprensa - Sergipe (Estado) - História 5. Sergipe
(Estado) - Política e governo I. Título.

22-120302

CDD-070.444

Índices para catálogo sistemático:

1. Charges : Jornalismo 070.444

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE

Rua Propriá, 227 · Centro

49010-020 · Aracaju · Sergipe

Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420

edise@segrase.se.gov.br

Como já dizia o saudoso Tim Maia:

*“Ah! Se o mundo inteiro me pudesse ouvir;
Tenho muito pra contar, dizer que aprendi!”.*

É com muito amor e carinho que dedico esse trabalho

aos meus pais, Maria Lucia e José Severo;

à minha irmã, Carolaine Oliveira dos Santos;

aos meus avôs, Pedro Severo (*in memoriam*) e

José Nunes (*in memoriam*);

minhas avós, Maria Solidade e Amélia Anicleto (*in memoriam*).

E ao meu querido amor Lucas Carvalho.

Agradecimentos

*“Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas antes de dormir
Eu nem cochilei
Os mais belos montes escalei
Nas noites escuras de frio chorei”*
(Toni Garrido)

Foi através de andanças, lágrimas, sorrisos, dias, manhãs, tardes, noites e madrugadas que consegui dar forma a mais um novo filho. Nesse percurso, muitos me ajudaram com palavras de fé, força, amor e carinho. E venho aqui agradecer. Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me ofertado a luz divina, me guiado e protegido contra as inseguranças e desafios da vida.

Agradeço com muito carinho aos meus pais, Maria Lucia e José Severo, que, com tantos esforços, sempre lutaram para educar e criar suas duas únicas filhas. Essa vitória é nossa. A você, minha irmã Carolaine Santos, por estar sempre ao meu lado.

Com muito carinho agradeço aos meus avôs, Pedro Severo (*in memoriam*) e José Nunes (*in memoriam*), mesmo vivendo em outro plano divino, sei que sempre estiveram comigo. Saudades eternas.

Às minhas avós, vó Maria Solidade por todo amor, elogios e principalmente por suas rezas. Te amo muito, minha “pretinha vieia”. E a você, minha avó Amélia Anicleto (*in memoriam*), quantas saudades eu tenho dos nossos momentos compartilhados.

Agradeço muito a você, Lucas Carvalho. Muito obrigada por toda compreensão, carinho, amor e atenção, você faz parte de minha história. Ao meu tio Rosemario Severo, agradeço de todo coração, por todas orações, ensinamentos, rezas e carinho. Meu tiozão.

Agradeço ao professor Valter Euda dos Santos, por ter despertado em mim o amor pela História. Não poderia esquecer de agradecer a professora mestra Isabella Cristina Chagas, por ter acreditado em mim durante os primeiros períodos da graduação, e por sempre incentivar, dentro e fora dos bancos acadêmicos. Namastê que o universo lhe abençoe.

Gratidão aos professores da graduação, por todos ensinamentos e incentivos. Obrigada ao trio dinâmico, prof.^a Dr.^a Mariana Emanuelle Barreto de Gois, Dr. Igor Fonseca de Oliveira e ao Mestre Rafael Santa Rosa Cerqueira.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (UFS), em especial à nossa coordenadora professora Dr.^a Edna Maria Matos Antônio, pelo carinho, cuidado e atenção. Às professoras Dr.^a Greice Schneider e Dr.^a Tatiana Guenaga Aneas, do Departamento de Comunicação, por ter ofertado a disciplina Teoria da Imagem, na qual pude compreender um pouco mais sobre meu objeto de pesquisa.

É claro que não poderia esquecer do *Gran* Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá. Meu querido e nobre orientador, meu muito obrigada por ter acreditado em meu trabalho e ter aceitado me orientar. Você foi capaz de transformar a pedra bruta em uma joia rara! Seus ensinamentos ficarão guardados para sempre em minha memória. Agradeço muito, de todo coração. Muito obrigada Tio Sá (como é conhecido carinhosamente nos bastidores).

Agradeço aos professores que acompanharam meu trabalho na qualificação e defesa, sendo eles: o Dr. Claudefranklin Monteiro Santos, do Departamento de História da UFS, o professor Dr. Giliard da Silva Prado, Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Dr. Marcelo de Mello Rangel, Departamento de História da Universidade de Ouro Preto (UFOP). Meu muito obrigada.

Através da pesquisa, tive contato com outros professores e historiadores que me ajudaram de forma significativa. Agradeço muito ao professor Dr. Gilmar de Carvalho (*in memoriam*), do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC), obrigada pelas obras enviadas e sugestões sobre xilogravuras, que foram muito importantes para minha pesquisa. Ao professor Dr. Pedro Krause Ribeiro, pelas dicas e materiais enviados sobre o uso das charges e caricaturas. E ao historiador José Ibarê Costa Dantas, meu muito obrigada de todo coração, por suas contribuições e obras enviadas, além das dicas e pontuações em meu trabalho. Gratidão por tudo.

Agradeço à família Déda, em especial ao senhor Carlos Alberto de Oliveira Déda, pela confiança e disponibilidade de sempre. O senhor que tanto esteve ao meu lado durante esses longos anos de pesquisas dando dicas valiosas. Gratidão por tudo, meu nobre amigo Beto Déda.

Um agradecimento mais que especial à vice-governadora Eliane Aquino Custódio, por ter auxiliado na realização da publicação dessa obra. Igualmente agradeço a toda equipe dos Serviços Gráficos de Sergipe (SEGRASE), pelo belíssimo trabalho desempenhado na preparação do livro. Um forte agradecimento ao diretor-presidente Francisco de Assis Dantas, ao pessoal do design e da assessoria de comunicação. E é claro que não posso esquecer o diretor industrial Milton Alves, por toda dedicação em lançar essa nova obra. Gratidão, esta é a palavra certa!

Ao jornalista Virgílio Luthero Maynard, muito obrigada por tudo. Sempre atencioso. Não sabe o quanto me ajudou com as obras que me presenteastes. Muito obrigada de todo coração.

Em minha jornada de pesquisa na cidade, tive o grande prazer de conhecer com mais afinidade a historiadora Edjan Alencar, uma grande mulher! Muito obrigada por todas as conversas trocadas, por sua amizade, pelo carinho, palavras de conforto, por

me ajudar de todas as formas! Sou muito, mas muito grata a ti, minha querida e grande amiga!

Muito obrigada às amigas Ana Maria Ferreira de Oliveira, pela leitura crítica do trabalho e pelas dicas valiosas. Não poderia esquecer de você, Verônica Andrade, muito obrigada por todos esses anos de amizade, e pelas palavras de força e fé, assim como todo carinho. Você é um ser de luz, que veio brilhar na terra. Meu muito obrigada a você, minha amiga Alessandra Carvalho (*in memoriam*), por todo carinho de sempre e por ter pagado minha inscrição no processo seletivo do mestrado. Obrigada por ter confiado em mim e ter me ajudado.

Aos amigos(as) da turma do mestrado 2019. Em especial Vanessa Nascimento, Cândida Oliveira, Cassiano Celestino, Maria Aline, Fernanda Cavalcanti e Daniel Alves, vocês foram pessoas que pude conhecer e admirar, agradeço por tudo. Muito obrigada. Agradeço também a Paloma, nossa linda secretária que sempre esteve pronta a nós ajudar. Agradeço a você, Jéssica Mesias, pelas dicas e orientações na escrita do meu projeto. Muito obrigada, por tudo.

Meus sinceros agradecimentos a todos, e peço desculpas aos que, por ventura, esqueci os nomes. Desejo a todos o que há de melhor na vida.

*Dificuldades preparam pessoas comuns
para destinos extraordinários.*

C.S. Lewis

Apresentação

Entre os trabalhos acadêmicos produzidos na área de humanas nas universidades de Sergipe, pode-se dizer que a maioria deles tem proporcionado um grande benefício ao conhecimento da história dos municípios.

Um exemplo expressivo é este livro *Entre traços e contextos*, que trata do jornal *A Semana*, de propriedade de José de Carvalho Déda, uma das figuras mais realizadoras de Simão Dias. Contar com um órgão de imprensa com alguma regularidade que contribua para elevar o nível de informação de seus habitantes não deixa de ser um ganho cultural. Nesse ponto, há registros de algumas experiências pretéritas na referida cidade. Já nos anos 80 do século XIX, há notícias da edição de uma pequena folha que teria circulado por cerca de quatro anos. Armino Guaraná identificou um segundo jornal em seu valioso levantamento até 1908. Depois apareceu outra experiência entre 1912 e 1916.

Mas foi *A Lucta* que, até então, teve maior importância como fermento de uma opinião pública em Simão Dias entre 1917 e 1937. Foi uma fase em que algumas demandas dos seus grupos sociais repercutiam nessa folha, num momento em que existiam na cidade duas orquestras, experimentos de teatro e o romancista Ranulfo Prata ambientava textos de ficção a partir da sociedade local. Enquanto *A Lucta* circulava, segundo Carvalho Déda em *Simão Dias - Fragmentos de sua História* (2008), ainda apareceram três iniciativas de jornais que se revelaram efêmeros nos anos 20 do século passado, mas deixaram sinais da animação cultural naquela conjuntura.

Após esses precedentes, apareceu *A Semana*, que circulou de 1946 a 1947 e de 1953 a 1969, objeto da dissertação de mestrado em História defendida na UFS por Amanda de Oliveira Santos, que enfrentou grandes dificuldades para frequentar o curso de graduação e, além de determinada, tem se revelado bastante desenvolta em suas produções.

Neste trabalho, analisa um dos mais duradouros jornais do interior sergipano. Ademais, a universitária enfoca uma particularidade talvez singular no jornalismo de Sergipe, o uso semanal de xilogravuras, criando charges a propósito de acontecimentos recentes. No caso, aparecem como ilustração à piada da semana, com objetivo de despertar atenção de um público maior, inclusive pessoas de precária instrução.

Como se tudo isso não bastasse, o estudo fornece uma boa contribuição à biografia de José de Carvalho Déda, uma das mais marcantes figuras da história de Simão Dias na sua luta pela produção do periódico no qual contava com a colaboração do irmão Francino Silveira Déda, autor de deliciosas crônicas semanais e, nos últimos anos, do filho Carlos Alberto de Oliveira Déda.

Embora nascido em Coité, hoje Paripiranga (BA), José de Carvalho Déda dedicou, desde jovem, o melhor de suas energias e de seu talento a Sergipe. Tendo começado como sapateiro, cedo afirmou-se como advogado provisionado, intendente operoso, inspetor de ensino, deputado estadual em três legislaturas e jornalista, além de ter publicado livros bem recebidos pela crítica. Ou seja, vivendo numa terra que deu a Sergipe cinco governadores, um dos quais seu neto, foi esse homem que, em variadas profissões, muito contribuiu para elevar o nível cultural dos cidadãos do município em que atuou. Mais do que isso, suas ações como parlamentar e escritor de textos em vários jornais e livros geraram uma influência que se esparramou pela sociedade sergipana.

O seu esforço para produzir o seu jornal semanário foi bem estudado por Amanda de Oliveira Santos, desde os componentes que constituíam *A Semana*. A tipografia e a forma de impressão. A tiragem e as sessões. Os colaboradores e as matérias. Os anúncios e o preço do exemplar no curso dos anos, assim como a distribuição. Diante desses dados, fica evidente o esforço de minúsculo grupo, especialmente seu dedicado diretor, com recursos limitados para oferecer à comunidade um pequeno jornal de quatro páginas.

Nesse conjunto de atividades, avalio que um dos maiores desafios de cada semana era justamente criar uma xilogravura com charge, remetendo a algum acontecimento da atualidade em nível local, estadual ou nacional. Conforme observou a autora, “*o contato dos simãodienses com os desenhos, serviu não somente como meio de interação informativa, mas com caráter de representação de elementos contidos nos acontecimentos diários, onde a população se auto identificava ao observá-las*”.

Outra tarefa expressiva e, em certa medida, delicada era como se posicionar diante de fatos recentes, cujo desdobramento era imponderável. Essa questão apresentava um problema também para a análise da jovem pesquisadora. Como interpretar a posição do jornal diante da alusão a fatos políticos ocorridos geralmente há 50, 60 ou 70 anos, referentes a particularidades eventuais de determinada conjuntura?

Aqui, os leitores podem notar como Amanda de Oliveira executou essa tarefa por meio de pesquisa, visão de conjunto e senso de observação. Afinal, conseguiu entender os contextos políticos e mostrar as preferências partidárias, o teor crítico do semanário e as oscilações dos discursos do jornal através do tempo. Firmada em uma bibliografia bem selecionada e conceituada, com linguagem fluente, a autora revelou-se segura na definição dos conceitos e pôde demonstrar não apenas o significado dos recursos das xilogravuras, mas também a relevância da publicação do periódico para a formação de uma opinião pública entre seus leitores situados em Simão Dias e alhures. Cabe-nos esperar que a autora, agora cursando doutorado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), nos brinde com outros bons trabalhos que ampliem a compreensão da sociedade sergipana.

José Ibarê Costa Dantas

Historiador, professor e escritor sergipano

Prefácio

Desde sua criação, em 2012, o Mestrado em História, da Universidade Federal de Sergipe, tem contribuído para o debate interdisciplinar sobre Cultura e Sociedade, estabelecendo um intercâmbio historiográfico com pesquisadores voltados para a história local e regional.

Nesse processo de formação de professores-pesquisadores, de alto nível, são várias as dissertações transformadas em livros, demonstrando a qualidade da produção discente. Os egressos do programa têm mostrado preocupação com a possibilidade de atingir um público mais amplo do que o acadêmico.

Nesse livro ora prefaciado temos mais uma obra original sobre as charges do jornalista José de Carvalho Déda, publicadas no jornal *A Semana*, de Simão Dias (SE). Ao lado do irmão, Francino Silveira Déda, este periódico foi publicado entre 1946 a 1969, com algumas interrupções.

A autora optou por analisar as charges de cunho político, veiculadas entre os anos de 1959 a 1968, em que o jornalista toma partido, em tom irônico e até debochado, nos debates políticos do período. Sua produção imagética de mais de quatrocentos xilogravuras não deixa dúvida sobre a importância da história local para se compreender a própria história nacional, pois suas gravuras iam além do cotidiano municipal, inserindo-se nas questões mais destacadas do cenário estadual e nacional.

Ancorada em bibliografia especializada, a jovem historiadora soube interrogar as imagens produzidas, trazendo à lume dimensões que, apesar do padrão estético pouco aprimorado pela urgência jornalística, revelaram as lutas políticas e ideológicas do final dos anos 1950 e a década de 1960.

Com ironia e humor, o jornalista articulava o verbal e o não verbal nas colunas, como “Piada da Semana” e “Coluna dos la-

vradores”, para refletir sobre o modo de vida dos sertanejos, a partir do olhar do que via e ouvia em suas andanças pelo interior de Sergipe. A pesquisa para suas produções literárias, como *Breféias e burundangas do folclore sergipano* e *Formigas de Asas*, ambos de 1967, certamente contribuíram para a confecção das charges, publicadas na seção “Piada da Semana”, destacando-se o personagem Zé Povo, que, ironicamente, utilizava um linguajar interiorano para criticar a política local e nacional.

Suas xilogravuras, inspiradas na literatura de cordel, ganharam relevo no contexto de polarização política e ideológica, a partir das eleições de 1960 até o golpe civil-militar de 1964, tomando partido da União Democrática Nacional (UDN), ao qual filiara-se depois de sua conturbada saída do Partido Social Democrático (PSD) após as eleições de 1954.

Nessa conjuntura, seus artigos e charges optaram pela crítica social em defesa da reforma agrária, desde que realizada dentro da ordem, criticando as Ligas Camponesas como radicais e próximas do regime cubano. Todavia, chama a atenção o silêncio das imagens diante do golpe civil-militar de 1964, talvez explicada por sua proximidade com o governador deposto, Seixas Dória.

Já Francino Silveira Déda escreveu crônica relativa ao “Flagelo Vermelho”, aproximando-se dos golpistas civis e militares. Entretanto, segundo a historiadora, ao longo do ano de 1964, o cronista vai se distanciando deles.

Das cento e sessenta imagens publicadas no período de 1964–1968, a autora optou pela análise do personagem Zé Povo em sua crítica às precárias condições de vida do sertanejo sergipano no quadro de estiagem longa no período de 1959 a 1966. As condições de vida do sertanejo se deterioraram, como ficou registrado na charge publicada no número 661, de 1965: “O sertanejo arrazado: E agora, Zé; desemprego no Sul e fome no sertão!”.

Como nem o golpe de 1964 nem a ditadura militar se transformaram em história, voltarmos a esse passado talvez seja o melhor antídoto para combater os discursos negacionistas que adulteram fatos históricos, com intenções ideológicas, como nos lembra a historiadora Heloísa Starling.

Assim, a publicação desse livro reitera a importância da produção universitária nas reflexões sobre os destinos da nação brasileira, questionando o passado e o presente, pois, para além das narrativas utilitárias, temos que reivindicar o seu lugar de produção de saber e pensamento crítico diante dos ataques à democracia no Brasil hodierno.

Boa leitura.

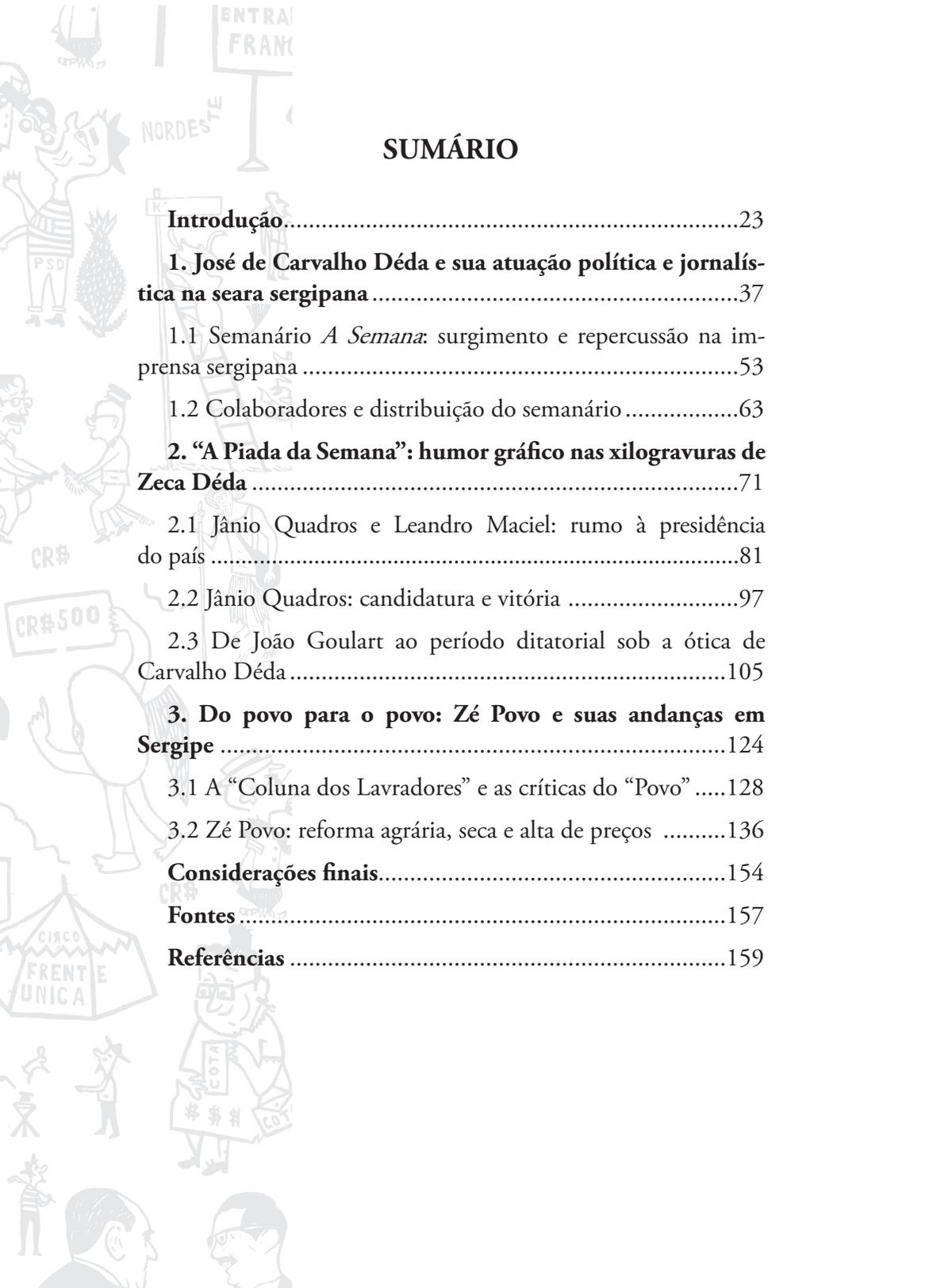
Antônio Fernando de Araújo Sá

Professor Titular do Departamento de História da Universidade
Federal de Sergipe

LISTA DE SIGLAS

| | |
|---------------|---|
| APES | Arquivo Público Estadual de Sergipe |
| BA | Bahia |
| BNB | Banco do Nordeste do Brasil |
| CGT | Comando Geral dos Trabalhadores |
| Cr\$ | Cruzeiro (moeda) |
| d.C. | Depois de Cristo |
| DNOCS | Departamento Nacional de Obras Contra a Seca |
| ED | Esquerda Liberal |
| HQs | História em Quadrinhos |
| IAPC | Instituto de Apoio aos Profissionais da Ciência |
| IHGSE | Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe |
| INAMPS | Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social |
| JK | Juscelino Kubitschek |
| OAB | Ordem dos Advogados do Brasil |
| PCB | Partido Comunista Brasileiro |
| PDC | Partido Democrata Cristão |
| PL | Partido Liberal |
| PR | Partido da República |
| PRP | Partido Republicano Progressista |
| PSB | Partido Socialista Brasileiro |
| PSD | Partido Social Democrático |
| PSP | Partido Social Progressista |

| | |
|-------------|------------------------------------|
| PST | Partido Social Trabalhista |
| PTB | Partido Trabalhista Brasileiro |
| PTN | Partido Trabalhista Nacional |
| SE | Sergipe |
| UDN | União Democrata Nacional |
| UFC | Universidade Federal do Ceará |
| UFOP | Universidade Federal de Ouro Preto |
| UFS | Universidade Federal de Sergipe |
| UFU | Universidade Federal de Uberlândia |

The background of the page is a collage of various political cartoons and signs. At the top left, there's a sign that says 'ENTRA FRANK'. Below it, a sign says 'NORDESTE'. In the middle left, a sign says 'PSD' next to a pineapple. Further down, a sign says 'CR\$'. Below that, a sign says 'CR\$500'. At the bottom left, a sign says 'CIRCO FRENTE UNICA'. At the bottom center, a sign says 'COTA'. At the bottom right, a sign says 'COT'. There are also several cartoon figures, including one with a 'PSD' shirt, one with a 'COTA' sign, and one with a 'COT' sign.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| Introdução | 23 |
| 1. José de Carvalho Déda e sua atuação política e jornalística na seara sergipana | 37 |
| 1.1 Semanário <i>A Semana</i> : surgimento e repercussão na imprensa sergipana | 53 |
| 1.2 Colaboradores e distribuição do semanário | 63 |
| 2. “A Piada da Semana”: humor gráfico nas xilogravuras de Zeca Déda | 71 |
| 2.1 Jânio Quadros e Leandro Maciel: rumo à presidência do país | 81 |
| 2.2 Jânio Quadros: candidatura e vitória | 97 |
| 2.3 De João Goulart ao período ditatorial sob a ótica de Carvalho Déda | 105 |
| 3. Do povo para o povo: Zé Povo e suas andanças em Sergipe | 124 |
| 3.1 A “Coluna dos Lavradores” e as críticas do “Povo” | 128 |
| 3.2 Zé Povo: reforma agrária, seca e alta de preços | 136 |
| Considerações finais | 154 |
| Fontes | 157 |
| Referências | 159 |

Introdução

De um modo geral, a imprensa utilizou diferentes meios interativos para divulgar as informações, destacando-se, entre eles, os elementos visuais, como os desenhos gráficos. Em Sergipe, o semanário *A Semana*, editado e redigido pelo jornalista José de Carvalho Déda, trouxe, em suas edições, uma série de fatos por meio do uso de charges e caricaturas, satirizando diferentes episódios presentes no cotidiano local, estadual, nacional e internacional. A presente obra é fruto da dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS), e tem como objetivo analisar a atuação jornalística de Carvalho Déda no processo de confecção de charges e caricaturas no referido semanário, a fim de compreender a utilização das imagens como suporte ideológico nos embates políticos de então. Nesse sentido, analisamos suas afiadas e criativas críticas políticas, que repercutiram na sociedade simão-diense e sergipana da primeira metade do século XX.

Como figura pública, Carvalho Déda exerceu diferentes cargos no território sergipano, atuando como comerciante, inspetor e diretor escolar, sapateiro, delegado, vereador, prefeito, deputado estadual durante três eleições consecutivas, advogado provisionado, jornalista, radialista e escritor sendo atuante no campo do folclore sergipano.

Como jornalista, escreveu nos periódicos *O Paladino* e *O Cotinguiba*, ambos da cidade de Paripiranga (BA). Em território sergipano trabalhou nos jornais da capital, como o *13 de Julho*, *Diário de Sergipe* e *Correio de Aracaju*. No interior do estado, teve participação nos jornais *Estância* — na cidade de mesmo nome —, no *Oráculo*, *A Luta* e *A Semana*, sendo diretor e proprietário desse último, no período de 1946–1968. Neste periódico exerceu papel importante como mediador e propagador dos acontecimentos presentes no decorrer da semana na cidade de Simão Dias e regiões circunvizinhas. Entre

os anos de 1959–1968, passa a explorar as técnicas da xilogravura na construção de charges de cunho político, com tom irônico e até debochado em suas críticas.

O interesse pela temática surgiu através da pesquisa desenvolvida na graduação em História, cuja monografia foi apresentada em 2017, no Centro Universitário AGES (UniAGES), na qual foi realçada a importância do humor nas charges de Carvalho Déda nos embates políticos, mostrando as nuances para a representação de acontecimentos de cunho local da cidade de Simão Dias. Durante essa pesquisa surgiram novos questionamentos que impulsionaram a ampliação da temática.

O cenário da política sergipana, durante as décadas de 1940 a 60, foi marcado por diferentes disputas eleitorais e debates políticos, os quais inspiraram a elaboração das charges e caricaturas de Carvalho Déda, principalmente por sua inserção no campo político no estado, atuando como deputado estadual duas vezes consecutivas pelo Partido Social Democrático (PSD), e depois em um mandato pela União Democrática Nacional (UDN). Durante sua atuação como deputado, Carvalho Déda foi atuante no meio jornalístico, escrevendo de modo contínuo no jornal *Diário de Sergipe*; porta-voz do PSD no estado; e no periódico *Correio de Aracaju*, representante da UDN, exercendo a função de diretor durante o período de 1955 a 1959.

A postura jornalística de Carvalho Déda altera-se com a mudança partidária, pois ambos os partidos, PSD e UDN, eram considerados conservadores e mantinham semelhanças em relação às suas atuações políticas: “o primeiro, de base burguesa agrária e industrial, e o segundo, de base burguesa urbana e setores da classe média” (VACCARI, 2011, p. 20). Quando mudou de partido, sua escrita se manteve ligada à base agrária, sempre com propostas reformistas, mas incorporou em seus escritos um embasamento sobre os setores da classe média, destacando o seu

modo de vida. Tais fatores interferiram no processo de construção ideológica das suas charges.

Mesmo atuando em outros jornais na capital, foi somente no semanário *A Semana* que Carvalho Déda fez uso dos seus desenhos gráficos, confeccionados por meio da xilografia, técnica milenar que consiste em talhar o desenho na madeira. Esse “processo pode ser realizado por meio de duas técnicas, de acordo com o modo como a madeira é cortada” (RABAÇA; BARBOSA, 2014, p. 293). Os dois modos de fabricação são chamados de xilogravuras de fibra e xilogravuras do topo. Carvalho Déda utilizava-se da primeira forma, cortando a madeira na vertical em sentido ao comprimento da árvore.

Por serem feitos através dessa técnica, as charges e caricaturas mantinham um padrão estético pouco aprimorado, se comparado com outras produções desenvolvidas em jornais, como, por exemplo, o *Diário de Pernambuco*. Entretanto, seu trabalho resultou em mais de 400 desenhos, todos publicados em *A Semana*. Por que Carvalho Déda somente publicou nesse semanário? Qual era a intencionalidade dos desenhos?

Talvez sua escolha em publicar as charges no semanário provenha de sua posição política, uma vez que podia criticar, de modo irônico, diferentes partidos políticos de oposição às suas convicções ideológicas na época, isto é, explorando a imagem como um dos recursos, em favor de sua posição partidária. Para além dessa concepção, é importante destacar que, nesse semanário, Carvalho Déda não atuou somente como jornalista, mas por ser ele de caráter mais autoral, sendo proprietário e diretor do periódico.

Também pode derivar da alta taxa de analfabetismo existente na cidade e os desenhos, com sua linguagem dinâmica e irônica, serviam não somente como meio de interação informativa, mas com caráter de representação de elementos contidos nos acontecimentos diários.

A pesquisa torna-se relevante por trazer à tona uma discussão a respeito do papel desempenhado pela mídia impressa no processo de articulação das informações circuladas no período de 1959–1968, na cidade de Simão Dias. Nesse contexto, de forma criativa e versátil, os jornais, diariamente, renovavam suas táticas de repassar as diferentes informações à população, no qual o uso de recursos gráficos como charges, caricaturas, HQs, cartuns, entre outros, eram recorrentes no meio jornalístico. Nesse sentido, para potencializar as notícias divulgadas no semanário, as gravuras de Déda colaboram para avaliar elementos existentes no cotidiano do município, assim como a compreensão da abordagem política municipal, estadual e nacional, auxiliando para o entendimento dos acontecimentos que influenciaram no quesito da memória e representação da política sergipana.

Para tanto, foi utilizado como suporte documental um arsenal de registros históricos que englobam recortes de jornais, depoimentos, documentos oficiais, cartas, documentários, fotografias, discursos e obras de escritores sergipanos. A análise dessas fontes foi a etapa de singular dificuldade no estudo, principalmente no que tange à proposta de interligar as diferentes informações e contextos com as charges utilizadas no trabalho. Outro ponto que dificultou a escrita foi a lacuna na historiografia local acerca das temáticas abordadas pelas charges.

Importante frisar que a obra não parte da ideia de reproduzir a história da imprensa, com abordagem similar aos estudos desenvolvidos por historiadores(as) e pesquisadores(as) como Nelson Werneck Sodré, José Freitas Nobre, Hélio Vianna, Maria Helena Rolim Capelato, entre outros, mas utilizar o uso da imprensa para a compreensão da história, tomando “(...) a Imprensa como fonte primária para a pesquisa histórica” (ZICMAN, 1985, p. 89).

Além dos citados estudos clássicos, destacam-se também os trabalhos de Tânia Regina de Luca, Maria de Lourdes Eleutério,

Flávio Aguiar, Luiza Villaméa, Ana Luiza Martins, entre outros, a pesquisa foi desenvolvida com o intuito de escrever e se pensar em uma história interdisciplinar, pontuando a imprensa como meio de comunicação “(...) estratégico para a compreensão da vida contemporânea” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 254), ou seja, a fonte jornalística escrita como uma enciclopédia do cotidiano com “(...) registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões” (LUCA, 2008, p. 112).

A metodologia utilizada parte de uma análise exploratória e qualitativa, com o intuito de obter nova percepção historiográfica a respeito do uso de recursos gráficos na imprensa sergipana. Do acervo digitalizado do jornal *A Semana*, foram selecionadas as charges e caricaturas publicadas na seção “A Piada da Semana”. Através do cruzamento das fontes, foi possível compreender as mensagens contidas nas imagens, utilizando-se a aplicação de entrevistas que colaboraram no entendimento do cotidiano no período. Desse modo, o presente estudo não pretende se colocar como definitivo, mas apenas pontuar para algumas das variadas leituras interpretativas que podem ser feitas por meio do olhar de cada observador.

Como ponto de partida, buscou-se definir e distinguir charge e caricatura. O termo charge deriva da palavra francesa *charger*, apresentando como significado à conotação de carregar, exagerar. Nesse sentido, as charges têm como características a representação dos acontecimentos contemporâneos de modo exagerado, possuindo tipicamente o caráter cômico, satírico e irônico. São atuantes, principalmente, em temas voltados para questões sociais e políticas, sejam elas nacionais ou internacionais, no qual “deve procurar um assunto momentoso e ir direto onde estão centrados a atenção e o interesse do público leitor” (RABAÇA; BARBOSA, 2014, p. 43).

A charge é um texto visual icônico, no qual se elaboram como textos coerentes e coesos, sendo capazes de transmitir “informações (informatividade), utilizando o sistema pictórico, ou sincreticamente o pictórico e o verbal. Os chargistas colocam neles suas opiniões, suas críticas a personagens e fatos políticos (intencionalidade)” (ROMUALDO, 2000, p. 30).

A caricatura tem como premissa a retratação fisionômica humana “com características grotescas, cômicas ou humorísticas” (RABAÇA; BARBOSA, 2014, p. 37). E. H. Gombrich (1995) destaca que o experimento da caricatura no âmbito artístico foi responsável por representar a expressão facial dos indivíduos, em que “a invenção da caricatura-retrato pressupõe a descoberta teórica da diferença entre semelhança e equivalência” (GOMBRICH, 1995, p. 364). A caricatura toma teor de retrato zombaria quando “os defeitos dos traços copiados são exagerados e acentuados desproporcionalmente, de modo que, no todo, o retrato é o do modelo enquanto seus componentes são mudados” (GOMBRICH, 1995, p. 365).

Já a charge tem como especialidade “a crítica humorística imediata de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política” (RABAÇA; BARBOSA, 2014, p. 43). Rozinaldo Antônio Miani (2014, p. 135) afirma que as charges são caracterizadas no âmbito da comunicação como uma das principais fontes de pesquisa, englobando a modalidade de linguagem iconográfica e do humor gráfico, sua estrutura básica constitui em textos verbais como forma de acompanhamento ou com autonomia temática, e não aparecem necessariamente textos verbais. Porém, no campo histórico, busca-se compreender a interlocução intercomunicativa da imagem com os acontecimentos históricos, ou seja, como determinados episódios foram representados. Para além das caricaturas e charges, no campo de estilo gráfico existe também o cartum, que, segundo Motta (2006), é outro “gênero de desenho de estilo mais livre, em que o autor geralmente ignora personagens ou fatos reais, dedicando-se a temática atemporal e universal” (MOTTA, 2006, p. 15).

A utilização de textos humorísticos em suportes de comunicação aparece de forma recorrente nos periódicos, principalmente por reforçar assuntos “como custo de vida, corrupção, políticos internos ou desequilíbrio econômico” (CARVALL, 1996, p. 14), constituindo-se em temas fundamentais para o trabalho dos chargistas. Essa utilização das charges atua principalmente por demonstrar as suas principais características, o seu potencial de clareza crítica em evidenciar a “opinião sobre algo ou alguém usando, para tanto, de uma linguagem gráfica, a mais sintética possível” (CARVALL, 1996, p. 14).

Como meio de pesquisa histórica, Nelson Werneck Sodré (1999) destaca que, na imprensa brasileira, o advento de charges e caricaturas teve um considerável impulso através da inovação técnica, no qual “o humorismo foi precursor da caricatura, que apareceu quando as técnicas de gravação permitiram conjugá-lo à atração visual do desenho e da imagem” (SODRÉ, 1999, pp. 202-203). Em muitos casos, as charges e demais desenhos gráficos — caricaturas, cartuns, quadrinhos — são tidos como uma forma de expressão de “arte menor, ou mesmo incapaz de alcançar a verdadeira arte” (MOTTA, 2006, p. 16).

Por isso, durante determinado período, não haviam estudos voltados para esse tipo de expressão crítica social. Segundo Rodrigo P. de Sá Motta (2006), as charges, caricaturas e cartuns eram considerados como algo elaborado por crianças, por causa dos seus traços e, principalmente, pelo fato de provocar o riso:

O preconceito contra o riso, que uma parte da tradição do pensamento ocidental considera manifestação de mentes inferiores, indigna de espíritos elevados, transferiu-se para a caricatura. Se provoca riso não é coisa séria, e não merece ser tratada como tal. Daí a relativa escassez de reflexões sistemáticas sobre essa arte, em contraste com a importância de seu alcance social (MOTTA, 2006, p. 16).

A contribuição desses tipos de desenhos no ambiente jornalístico é relevante pelo “valor como documento histórico, como repositório das forças ideológicas em ação, mas, também, como espelho de imaginário de época” (FLÓRES, 2002, p. 10). As charges e caricaturas podem ser consideradas pelo público como algo cômico, para a diversão e entretenimento social. Porém, esse meio de mensagem é guardião de um poderoso discurso ideológico, sendo a arte da caricatura considerada como uma “arma das mais poderosas na imprensa, pela universalidade do seu alcance” (LIMA, 1963, p. 05).

Peter Burke (2004), ao referir-se sobre o trato em relação às fontes iconográficas, abrange que “o uso de imagens por historiadores não pode e não deve ser limitado à ‘evidência’ (...) Pinturas, estátuas, publicações e assim por diante permitem a nós (...) compartilhar as experiências não verbais ou o conhecimento de culturas passadas” (BURKE, 2004, pp. 16-17).

A função social existente nos desenhos gráficos consiste, em grande parcela, na crítica política de acontecimentos atuais, cumprindo a tarefa de articular o verbal com o não verbal, a fim de tornar o desenho algo mais acessível, no que tange às informações presentes em determinados contextos sociais. É nesse jogo de articulação que os artistas gráficos conseguem anexar o seu posicionamento político e social. Nessa perspectiva, faz-se importante compreender quem está por trás do processo de elaboração de uma charge ou caricatura, ou seja, quem é o caricaturista, a fim de entender qual o seu posicionamento social, político e ideológico dos diferentes episódios mencionados. Esses elementos nos guiam na percepção de particularidades que identifiquem se a mensagem exposta é tendenciosa a um determinado meio.

Para José Fiorin (1998), a ideologia “é constituída pela realidade e constituinte da realidade. Não é um conjunto de ideias que surge do nada ou da mente privilegiada de alguns pensadores” (FIORIN,

1998, p. 30). Quando inseridas no meio jornalístico, as ideologias contidas em “grupos que propagam suas ideias, geralmente procuram evitar que os receptores possam perceber a realidade por outro prisma que não aquele que lhes é proposto” (GARCIA, 2005, p. 53). Nos desenhos gráficos, o discurso imagético de humor serve para expandir as informações.

No processo de elaboração, os chargistas usufruem de fontes e textos como base para a confecção ideológica da charge, que tem “infinitas possibilidades de interpretação que circulam os discursos chargísticos. Eles assumem importante papel na construção e legitimação de significados, pois carregam visões de mundo formadoras e conformadoras de opinião pública”. Nessa perspectiva, o teor do discurso da charge é um importante mecanismo para desvelar o “cotidiano da sociedade, valores, experiências, fraquezas, misérias e grandezas marcadamente humanas. Por isso as charges são potencialmente decisivas no processo de construção e veiculação de ideologias” (PILLA; QUADROS, 2009, p.01).

É importante frisar que para a fixação ideológica contida nos desenhos gráficos, o cômico torna-se um elemento fundamental para a repercussão do discurso midiático. A utilização do humor gráfico nos meios comunicativos, principalmente nos jornais impressos, colabora para a expansão das informações contidas nos diferentes periódicos. A representação existente nas charges e caricaturas repercutem na sociedade como algo coletivo, dando destaque para as divisões do mundo social.

Henri Bergson (2018) investiga o processo de significação do riso, destacando procedimentos de fabricação da comicidade, partindo de três princípios bases: a) não há comicidade fora daquilo que é humano; b) a comicidade exige algo como uma “anestesia momentânea do coração” para produzir efeito; c) o riso é algo do grupo ao qual pertencemos. O autor reafirma o pensamento aristotélico, sinalizando a característica do riso como sendo algo inerente do ser humano:

Não há cômico fora do que é propriamente humano. Uma paisagem pode ser bonita, graciosa, sublime, insignificante ou feia; nunca será risível. Podemos rir de um animal, mas apenas porque surpreendemos nele uma atitude ou expressão humanas. Podemos rir de um chapéu; mas o que ridicularizamos neste caso não é o pedaço de feltro ou de palha e, sim, a forma que os homens lhe deram, o capricho humano que o moldou. Como um fato tão importante na sua simplicidade não chamou há mais tempo a atenção dos filósofos? Muitos definiram o homem como um ‘animal que sabe rir’. Poderiam igualmente tê-lo definido como um animal que faz rir, pois, se algum outro animal ou qualquer objeto inanimado chegam a tanto é por semelhança com o homem, pela marca que o homem neles imprime ou pelo uso que deles o homem faz (BERGSON, 2018, p. 38).

Desse modo, ao rir de um objeto, não rimos verdadeiramente do artefato, mas da forma como o mesmo foi produzido por alguém, ou seja, por um ser humano. Nessa abordagem, a manifestação do riso está interligada a esfera do pensamento racional, no qual são incompatíveis à misericórdia e à compaixão. Ao falar sobre o cômico na esfera das caricaturas, Bergson (2018) chama atenção para o caráter da fisionomia e a expressão facial comum existente entre o ser humano e uma caricatura, em que mesmo graciosa ou bela pode transmitir o riso para quem observa.

Nessa concepção, Bergson (2018) trata sobre a fixidez da caricatura ao relatar que o rosto é “tanto mais cômico quanto mais ele nos sugere a ideia de alguma ação simples”. Deste modo, faz uma listagem de tipos fisionômicos, afirmando a existência de rostos “que parecem ocupados em chorar indefinidamente, outros em rir ou assobiar, outros em soprar eternamente um trompete imaginário” (BERGSON, 2018, p. 47). O autor considera como efeito cômico apenas as características formais que compõem a caricatura, que provoca o riso, desconsiderando o contexto em que a caricatura foi criada.

Em sua análise sobre o riso, Propp (1992) enfatiza a caricatura ao classificá-la como exagero cômico, relatando que o exagero somente é cômico quando revela um defeito, no qual se “não existe, o exagero já não enquadra no domínio da comicidade” (PROPP, 1992, p. 88). Para o autor, a essência da caricatura está nos detalhes, sendo ele exagerado, com o intuito de atrair uma atenção especial, “enquanto todas as demais características de quem ou daquilo que é submetido à caricaturização a partir desse momento são canceladas e deixam de existir” (PROPP, 1992, pp. 88-89).

A representação cômica tem como particularidades não somente as características fisionômicas, mas a sua deformidade, ou seja, o exagero no qual lhe foi atribuído. Nesse sentido, Propp (1992) destaca que a “caricatura sempre deforma um pouco (e às vezes de modo substancial) o que é representado. São figuras verdadeiras, pinçadas diretamente da vida” (PROPP, 1992, p. 89). Para além das diferenças do humor entre os povos e de suas singularidades no âmbito das caricaturas, o pensador russo destaca que cada “época e cada povo possui seu próprio e específico sentido de humor e de cômico, que, às vezes, é incompreensível e inacessível em outras épocas” (PROPP, 1992, p. 32).

Através dessa análise do autor, o humor tem sentidos distintos em diferentes épocas, por conta das mudanças de valores. Porém, para poder compreender uma charge é preciso situar-se no contexto que a mesma foi construída, sendo de suma importância a compreensão da crítica exposta nela.

Além da fonte iconográfica, fez-se necessário utilizar a fonte oral nesse trabalho, pois, através do relato colhido do tipógrafo, foi possível compreender como atuava a fabricação do jornal e consequentemente como era a divulgação do periódico. Para Paul Thompson (1992), a história oral é um método que deve ser pensado como uma técnica e não de forma isolada, como um compartimento. Por esse motivo que o uso da fonte oral foi

indispensável, pois a contribuição dessa técnica contribuiu para “(...) conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história” (THOMPSON, 1992, p. 137)

A obra está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *José de Carvalho Déda e sua atuação política e jornalística na seara sergipana*, traz à tona uma breve explanação sobre a biografia de Carvalho Déda, destacando sua posição política e sua atuação como jornalista no território sergipano. Nesse mesmo capítulo, faz-se um estudo sobre o semanário *A Semana*, administrado por Carvalho Déda, nos anos de 1946 a 1968, como o único jornal circulante na cidade de Simão Dias à época, fundamental para a discussão de assuntos políticos e literários na sociedade da época.

O segundo capítulo, intitulado “*A Piada da Semana*”: *humor gráfico nas xilogravuras de Zeca Déda*, analisa o surgimento da seção “A Piada da Semana”, enfatizando o seu teor ideológico no processo informativo. As charges e caricaturas confeccionadas, através da técnica da xilogravura, foram utilizadas para a representação de diferentes episódios, principalmente os acontecimentos políticos e sociais. Nesse capítulo foi possível fazer uma análise sobre a utilização ideológica das charges, no que tange aos acontecimentos políticos presentes no momento, como a aliança de Leandro Maciel com o ex-presidente Jânio Quadros; a vitória do Jânio nas eleições de 1960, a trajetória de João Goulart como presidente e o golpe de 1964.

O terceiro e último capítulo, intitulado *Do povo para o povo: Zé Povo e suas andanças em Sergipe*, destaca como o personagem Zé Povo, de Carvalho Déda, foi idealizado para trazer as diferentes insatisfações da população sergipana. Para a construção do capítulo, conta-se de modo contínuo os artigos publicados nas seções “Políticas em Pequenas doses” e a seção “Coluna dos Lavradores”, pois ambos espaços eram utilizados para a publicação de artigos sobre

o modo de vida dos sertanejos, principalmente a segunda, na qual Carvalho Déda foi capaz de utilizar o pseudônimo João Sem Terra, narrando o que via e ouvia dos moradores do campo.

A relação existente nos três capítulos traz uma concepção do modo como eram intencionados e direcionados determinados dados, através dos desenhos gráficos. A união dos três auxiliam para compreender como Carvalho Déda pode utilizar-se do discurso político, mediante os acontecimentos presentes no período, no qual seus personagens intensificaram as informações com intuito de atrair ainda mais o público.

Observa-se que, para manter o semanário, Carvalho Déda e demais colaboradores elaboraram diferentes estratégias para a manutenção do semanário durante seus 23 anos de existência. Mesmo passando por dificuldades em adequar o maquinário e demais equipamentos, nota-se que a estratégia do uso das seções diversificadas, assim como os desenhos gráficos, as anedotas, adivinhas e demais elementos, contribuíram para a perpetuação do jornal, sendo hoje utilizado por pesquisadores(as) em diferentes campos de conhecimento.

1. José de Carvalho Déda e sua atuação política e jornalística na seara sergipana

A atuação de José de Carvalho Déda na cidade de Simão Dias e em Sergipe se destacou, principalmente, como deputado estadual, advogado e jornalista. Era filho do casal José Antônio de Carvalho Déda e Olívia Silveira Déda, nascido em 01 de dezembro de 1898, na cidade de Patrocínio do Coité, atual Paripiranga (BA). Seu pai era funcionário público, exercendo a função de tabelião e escrivão. Sua infância foi marcada por estudos que o auxiliaram em sua vida como intelectual, fazendo “o curso primário, sob a regência de um homem de letras notável, o professor Francisco de Paula Abreu, poliglota e cientista, destacado pela Sociedade de Astronomia Francesa com diploma de sócio honorário” (DÉDA, 2008, p. 21). Não continuou seus estudos por causa do empobrecimento do seu pai, pois havia ficado cego devido ao seu trabalho e não tivera condições suficientes para arcar com as despesas da casa, assim como os estudos dos filhos. Ainda jovem, sua família mudou-se para Riachão do Dantas (SE) e, em 1913, vieram para a cidade de Simão Dias (SE), onde Carvalho Déda viveu até o seu falecimento no ano de 1968.

Seu irmão, Francino Silveira Déda, destaca em sua crônica “O homem forte”, publicada no jornal *A Semana*, edição nº 813, no dia 07 de setembro de 1968, o perfil de Carvalho Déda, comentando a sua transferência da cidade de Patrocínio do Coité:

Em 1900 foi para a Cidade de Riachão do Dantas, onde era Tabelião o seu progenitor, que também ocupava neste Estado, o lugar de Escrivão da Assembleia Legislativa. Em Riachão, foi matriculado na Escola pública da Prof.^a Rosa Frião, em 1905; transferido depois para a Escola da Prof.^a Raquel de Lemos, e mais tarde para o Colégio da Prof.^a Grigória Frique do Prado Dantas. Em 1910 voltou a Paripiranga, matriculado na Escola do Prof. Francisco de Paula Abreu. Frequentou por alguns meses o Colégio

Americano de Ponte Nova-BA. Voltando para Paripiranga, dedicou-se à arte de sapateiro (DÉDA, 1968, p. 02).

Em Simão Dias, Carvalho Déda exerceu diversos cargos profissionais, dividindo sempre os afazeres com seus irmãos. Um dos seus primeiros trabalhos foi como “comerciante vendendo sapatos” (SANTOS, 2011, p. 34). Órfão de pai, precisava trabalhar para ajudar nas despesas da casa, mas não deixava os estudos de lado, dividindo tempo com trabalho e estudo. Carvalho Déda

Batia sola e estudava. Estudava e batia sola. Seu salário: dois mil réis semanais com os quais ajudava sua mãe viúva. Mas o menino Zeca sabia revidar com coragem e energia as peças que a vida tentava lhe pregar. Não tardou a possuir pequena indústria de calçados. Com isso, e com a sua força de vontade poderia ser hoje um próspero negociante no ramo: Mas não era sapatos o que lhe interessava. Era o saber (NETO, 1962, p. 01).

Sua vida não ficou somente restrita ao trabalho de comerciante, ganhando rumos significativos na cidade de Simão Dias. Mesmo havendo habilidades como sapateiro, e no antigo comércio do município, o seu desejo maior era o de atuar na política. Na edição nº 29, publicada no dia 23 de março 1947, no semanário *A Semana*, Carvalho Déda aborda sobre como conseguiu espaço no cenário político:

Nunca tive vocação para o comércio; a minha forte tendência sempre foi a política. Bem ou mal, a política sempre esteve na massa do meu sangue como uma cousa hereditária. Na casa do meu patrão, durante o pouco tempo que permaneci recebendo cama, mesa e alguns cocorotes também, encontrei um ambiente algo compatível com o meu temperamento de pequeno ‘observador político’. Ali juntavam-se os correligionários de ‘seu’ Alcino para discutir assuntos da política local e ‘tosar’ um pouco dos que militavam nas hostes opostas. Eu escutava com certa volúpia aquelas conversas. Uma noite então, um dos de-

mais companheiros de ‘cavaco’: — Olhem êste menino! Em vez de ir dormir fica aqui escutando um bocado de coisas... vejam lá que êste diabo é sobrinho do Joviniano! (O Dr. Joviniano Carvalho, então Deputado Federal, era meu tio e padrinho) (DÉDA, nº 29, 1947. p. 01).

Na nota, Déda enfatiza que, por ficar ouvindo as conversas, começou a ter contato com os bastidores políticos, auxiliando em sua entrada na política. Mas é importante estabelecer uma relação com o trabalho de sapateiro, pois, como tinha maior contato com a população, ouvindo as inquietações sociais e políticas, possuía mais afinidades para desenvolver seus discursos políticos, assim como suas teses apresentadas nas assembleias nas quais participou. O texto traz a construção da memória do autor, em relação ao que ele queria que fosse lembrado sobre a sua vida. Desse modo, faz uma linearidade de momentos, considerada para ele pontos importantes sobre a sua atuação no meio público.

Adentrou na carreira de jurista através “do seu parente e amigo, o (...) Antônio Manoel de Carvalho Neto. Começou a praticar a advocacia em uma época em que poucos conseguiam formar-se em Direito e muitos se destacavam pelo seu talento jurídico” (DÉDA, 2008, p. 21). Atuou durante décadas como advogado provisionado, ficando conhecido nas cidades de Simão Dias, Riachão, Lagarto, Paripiranga e municípios circunvizinhos.

Exercendo esta função, Carvalho Déda era bastante respeitado e temido por alguns bacharéis da época. O advogado Edvaldo Campos, em documentário sobre a vida de Carvalho Déda, aborda que muitos advogados de Bahia e Sergipe tinham medo de enfrentar o rábula, Zeca Déda. Segundo Campos (2008), “todos tinham medo. Então nós olhávamos para ele quase como uma veneração. Um semideus! O suprassumo do mundo jurídico naquela nossa região”. Segundo seu filho, o desembargador Artur Oscar de Oliveira Déda (2008), Carvalho Déda não gostava de ser chamado de rábula, isso devido ao lado pejorativo da palavra, que remetia a um

advogado de pouca cultura ou conhecimento que praticava chicaneria, apelido que não soava bem aos seus ouvidos. Em resposta a esses ataques, na edição nº 5.048, publicada em 27 de maio de 1956, no jornal *Correio de Aracaju*, Carvalho Déda expõe um artigo no qual rebate as ofensas existentes no período:

Contra nós provisionados, certos bacharéis costumam atirar o qualificativo “rábula”. Nos chamam de *rábulas*. Não teríamos razão para molestamentos, se o vocabulário fosse usado por esses rezingentos para apontar aqueles que, sem serem bacharéis, advogam na primeira instância; todavia nos apoquentamos, e com muita razão, quando sentimos que a palavra é usada com sentido pejorativo, como baldão para nos humilhar. (...) nós os provisionados, sobraçando nossas modestas provisões, produto do nosso esforço, da nossa instituição, da nossa vocação, lutamos também, e com igual entusiasmo, pela grandeza da LIBERDADE, pela grandeza do DIREITO, pela grandeza da JUSTIÇA, que são os suportes da CIVILIZAÇÃO e da DEMOCRACIA (CORREIO DE ARACAJU, ed. 5.048, 24/05/1956, p. 01).

Continuando o artigo, Carvalho Déda coloca que eram poucos bacharéis que mereciam a verdadeira titulação, mesmo passando noites em claro, lendo diferentes obras, eram poucos que realmente mereciam tal premiação. Nessa premissa, ele tinha como intuito trazer para o público a questão do caráter, da igualdade e principalmente do respeito com os provisionados. Para ele, os inimigos dos provisionados eram aqueles bacharéis que, constantemente, resmungavam contra os profissionais que não possuíam diplomas, eram os que possuíam “um anel vistoso, uma carta encanudada e uma mentalidade rochosa, escura como breu, onde jamais penetrará um raio de luz, um tiquinho de saber” (DÉDA, 1956, p. 01). Sobre sua advocacia, Campos (2008) aborda que era voltada para a caridade, posto que nos vários júris que concorreram juntos o “único honorário que nós recebemos do réu foi um abraço, depois da absolvição, e ele ficava feliz com isso”.

Para além de sua carreira jurídica, Carvalho Déda alcançou destaque na cidade de Simão Dias e no estado de Sergipe, atuando na política. No ano de 1930 foi nomeado Delegado Militar da Revolução, onde pouco tempo depois passara a ser Delegado de Polícia. E, através de um plebiscito, fora nomeado como Prefeito de Simão Dias, sendo o segundo intendente a exercer o cargo no período governamental de Augusto Maynard, permanecendo no posto nos anos de 1932 e 1935. Cumprindo essa responsabilidade, fez diferentes obras e melhoramentos no município, como a construção do açougue municipal e a festa do centenário da cidade, no ano de 1935. A renúncia de Carvalho Déda foi, segundo Marcelo Domingos de Souza (2002), um ato “em solidariedade a Augusto Maynard, que naquele momento perdia o governo para Eronides Ferreira de Carvalho” (SOUZA, 2002, p. 45).

Quando deixou o cargo de prefeito no ano de 1935, Carvalho Déda elaborou um relatório orçamentário prestando contas do que havia gastado e o que tinha sobrado do dinheiro da prefeitura. Esse relatório, o dinheiro, a programação do dia do centenário da cidade e outros objetos foram colocados em uma urna de ferro e anexados em um obelisco, o qual ficava situado na praça José Barreto. A urna somente foi encontrada na década de 1980, quando houve uma reforma na praça, na gestão do prefeito Manoel Ferreira de Matos, popularmente conhecido como “Caçulo”, entre os anos de 1983 e 1989.

Após sua renúncia, submeteu-se a concursos, sendo inscrito como solicitador do Foro “e depois, por novo concurso obteve a carteira de advogado provisionado, inscrito na OAB Secção de Sergipe” (DÉDA, 2008, p. 239). No ano de 1935 foi vereador no município de Simão Dias. Em 1942 foi nomeado Inspetor Geral do Ensino Primário.

Vânia Batista de Souza (2016) relata que, nesse período, as suas visitas sempre eram motivo de honra nas instituições, “a sua pre-

sença era motivo de orgulho para os estudantes, isso deve-se ao fato da oratória, sentimento de admiração era tamanha por parte destes, que faziam questão de o inspetor ser paraninfo dos formandos dos grupos escolares com frequência” (SOUZA, 2016, p. 47).

Como deputado estadual disputou quatro eleições, das quais obtivera três legislaturas consecutivas na Assembleia Legislativa Estadual. Em seu primeiro mandato obteve 1.139 votos, pelo Partido Social Democrático (PSD), exercendo o cargo nos anos de 1947 a 1950. A segunda representação como parlamentar envolveu os anos de 1951 a 1954, também pelo PSD, sendo eleito por 1.442 votos. Sua atuação nesse partido durou nessas duas disputas eleitorais, pois, por causa de intrigas e interesses políticos dentro do PSD, fizeram com que Carvalho Déda rompesse sua aliança com os membros do partido, migrando para UDN.

Ibarê Dantas (2017) comenta essas divergências, destacando que Leite Neto, na época presidente do partido, havia rejeitado o nome do simãodiense Carvalho Neto para disputa como governador, na campanha de 1950. Segundo o historiador, o presidente do partido havia manifestado preferência pelo desembargador “Gervásio de Carvalho Prata, amigo fraterno daquele advogado, companheiro de caçadas nos campos de Simão Dias, casado com uma irmã de sua esposa. Era um nome de grande prestígio e respeitabilidade que, então, ocupava a vice-presidência da Comissão Executiva do PSD” (DANTAS, 2017, pp. 227-228).

Porém, não foi o nome de Gervásio indicado para concorrer ao pleito eleitoral de 1950, e sim o nome de Arnaldo Rollemberg Garcez Dantas (1989) enfatiza que a escolha de um novo candidato, o qual iria substituir José Leite, perdurou durante meses, causando divergências no partido:

Francisco Leite Neto, sabendo que seu nome não seria aceito pelo PR para suceder o irmão, passou a trabalhar para que o nome do candidato fosse o pecuarista e desem-

bargador aposentado, Gervásio Prata (...) uma das figuras mais eminentes do PSD. A ideia foi difundindo-se e o velho Gervásio Prata passou a ser cumprimentado como virtual candidato da coligação PSD-PR, criando, assim, uma situação de fato. Júlio Leite, chefe político do PR, consciente de sua importância para a vitória da coligação, no momento da negociação vetou o nome de Gervásio Prata e defendeu a candidatura de Arnaldo Rollemberg Garcez, pecuarista ligado ao grupo de Itaporanga e um político de maior confiança do PR, inclusive por haver militado na URS, de 1933 a 1937. Sem grande poder de barganha, o PSD, um tanto contrafeito, teve de aceitar o novo candidato, sob pena de tornar certa a vitória udenista (DANTAS, 1989, pp. 188-189).

Desse modo, por causa da rejeição dos dois simãodienses — Carvalho Neto e Gervásio Prata —, o grupo de correligionários do PSD da cidade de Simão Dias ficou insatisfeito com a posição do partido. Dantas (2017) enfatiza que “o processo de escolha do candidato a governador de 1950 deixou sequelas que jamais foram superadas, especialmente dentro do grupo de Simão Dias, composto pelo que havia de mais expressivo no partido” (DANTAS, 2017, p. 159).

Humilhado pela atitude, o desembargador Gervásio Prata mudou-se para o Rio de Janeiro e nunca mais voltou para sua cidade natal. Em carta enviada a Carvalho Déda, Prata relata que:

Bem me recordo daquela noite em que o governo de Ser-gipe se transferiu das mãos do juntamente interino, vás da Ditadura togada, muito que nos cobriu de humilhação pelo que se passou na posse do novo Interventor, mas que não foi maior porque o Interventor em exercício, destitui do seu aviso, teve a feliz imagem de estar presente e com ele o chefe do novo Partido, discursando ambos, por conta própria, erigindo a muralha de defesa dos decaídos (PRATA, 1948 apud DÉDA, 2008, p. 147).

Mesmo havendo intrigas constantes, antes do pleito eleitoral de 1950, Carvalho Déda disputou a eleição em favor do PSD, “foi eleito deputado estadual e Carvalho Neto, deputado federal” (DANTAS, 2017, p. 159). Souza (2002, p. 78) aborda que Carvalho Déda desvinculou-se do partido por causa da decisão de Sebastião Celso de Carvalho, o qual queria concorrer como deputado estadual. Porém, não foi esse o motivo ao certo para sua saída do PSD, e sim por conta das diversas divergências no partido e a humilhação que havia sofrido o grupo de Simão Dias, com a rejeição dos nomes de Carvalho Neto e Gervásio Prata para governo.

Dantas (2017) traz uma análise importante para a compreensão da continuidade de Carvalho Déda e Carvalho Neto no PSD, durante a eleição de 1950:

Como eram fundadores do partido e tinham uma relação quase sagrada com a agremiação, embora feridos e incomodados, todos continuaram leais, mantendo um silêncio obsequioso até a eleição de 1950. Entretanto, Carvalho Déda sentiu-se humilhado por uma facção interna da aliança PSD-PR. Em decorrência, afastou-se daquela coligação, depois se aproximou de Leandro e, posteriormente, integrou-se aos quadros da UDN, tendo sido um dos poucos casos de mudança partidária em Sergipe nesses tempos do Estado populista (DANTAS, 2017, pp. 159-160).

Como forma de esclarecimento de sua saída do partido, Carvalho Déda escreveu o artigo ‘O povo que me julgue’, lido no programa *Resenha Política*, da Rádio Liberdade de Sergipe, e publicada na edição nº 93 do jornal *A Semana*. Nesse artigo, assim se posiciona ante as intrigas existentes entre os políticos do PSD:

Vitorioso e no poder o candidato da coligação, aquele mesmo que havíamos repellido nas urnas, adotamos uma política de tolerância, respeito e mesmo de colaboração com seu governo; não como adesistas desprezíveis, mas

visando a fortalecer o partido no âmbito estadual, assim como à soberania do Diretório no âmbito municipal.

Com este propósito e sob esta orientação, despendi o melhor das minhas energias, na medida da inteligência e saber, nos trabalhos da Assembleia Legislativa (...). Fui tomado para bode expiatório. Era o culpado por todos os acontecimentos de Simão Dias. Para o reajustamento pessedista em Simão Dias era preciso jogar um homem ao mar. A minha vida passou a ser espiada e destrinchada pelos “grupelhos” pessedistas que, com isso, queriam se exculpar das atitudes anteriores contra o Sr. Arnaldo Garcez, que eles então pensavam nunca chegaria ao Governo de Sergipe (DÉDA, 1954, p. 01).

Carvalho Déda expôs a motivação de ter mudado de partido, enfatizando sobre como ele era tratado e visto no meio dos líderes pessedistas. Sentindo-se ofendido, relata que nunca havia sido tão humilhado, principalmente pelos seus próprios correligionários, que utilizavam o *Diário de Sergipe* para lhe ofender:

Sofri as maiores humilhações, ao passo que os meus companheiros de Diretório ficavam a salvo. De fato, eu era o mais vulnerável, dada a minha situação de deputado assíduo, sobretudo porque era, de certo modo, obrigado a frequentar o Palácio, em atenção às recomendações que recebia do Dr. Leite Neto, que se encontrava no Rio de Janeiro (...). Nunca, jamais, em tempo algum, um homem da minha têmpera fora tão humilhado (...). Quando, porém, feriam de leve a dignidade do meu chefe em Simão Dias, eu reagia com toda a força. Mas continuava a cavalheiro, desfazendo, uma por uma, as infâmias arquitetadas pelos pessedistas oportunistas e desleais que se agrupavam em torno do “sol nascente”, solapando o prestígio do Chefe distante. Assistia com serenidade às ridículas manobras que os “grupelhos” faziam para a derubada de Simão Dias. Continuei defendendo o governo, sustentando calorosos debates com a oposição; não por-

que morresse de amor pelo governismo, mas para ajudar à bancada a que eu pertencia. Entretanto, minha lealdade era compreendida, pela maioria da própria bancada, como uma fraqueza de um Simão Dias arrependido e acovardado (DÉDA, 1954, p.01).

As disputas existentes entre o PSD e UDN se processaram, de modo ativo, entre os anos 1930 até 1964. Segundo Marcelo Souza (2002), essas rivalidades na cidade de Simão Dias, assim como em outros municípios interioranos, agiram “de forma violenta, onde o controle da polícia, da exatonia e da máquina administrativa, determinava o controle e a permanência no poder” (SOUZA, 2002, p. 60).

Sobre o rompimento de Carvalho Déda do PSD, o ex-deputado estadual Manoel Cabral Machado faz um relato interessante a respeito de esclarecer o possível estopim final para a saída de Déda do PSD:

Nesse tempo Déda integrava o PSD, eu do PSD líder do governo. Carvalho Déda participava dos deputados integrantes do PSD. Aí aconteceu um fato muito terrível, que com a indicação de Arnaldo Garcez, o grupo de Simão Dias não aceita. E acontece que Carvalho Déda fez um discurso e fez referência a esposa do governador. Então alguns deputados foram dizer ao governador Arnaldo que Déda tinha feito um discurso atacando a mulher do governador. Arnaldo faz um acordo e entrega as posições de Simão Dias a José Dória de Almeida, ao José Dória de Almeida que foi o deputado da UDN. Então ele passa a apoiar o governo e Déda passa para a oposição (MACHADO, 2008, s/p).

Desse modo, o momento de separação foi ocasionado por diversos ataques, sobretudo de alguns jornalistas do jornal *Diário de Sergipe*. O jornalista João Oliva Alves destaca a firmeza que Carvalho Déda enfrentava o governo, onde “ele divergiu na opinião dele, como também não deu nenhum apoio ao Arnaldo” (ALVES, 2008).

Dantas (1989) apresenta que a saída de Carvalho Déda do PSD, “foi o primeiro golpe” (DANTAS, 1989, p. 200) para o partido. Com a quebra da aliança, pouco tempo depois se filiou a União Democrática Nacional (UDN), onde disputou o seu terceiro mandato, obtendo 1.872 votos, exercendo a função nos anos de 1955 a 1958. Na eleição teve como aliados o Partido Social Trabalhista (PST) e o Partido Trabalhista Nacional (PTN). Sua entrada na UDN foi vista como sinal de novas investidas no partido.

Machado (2008) aponta que:

Com a chegada de Carvalho Déda, a União Democrática Nacional toma impulso maior. Porque, Carvalho Déda, não só falava bem, como escrevia bem, como era atrativo, trabalhador e o espírito assim de combate. Muito combativo e argumentava muito bem. Então me deu muito trabalho como líder de governo para rebater as oposições do Carvalho Déda (MACHADO, 2008, s/p).

Como udenista, Carvalho Déda disputou as eleições de 1954 e 1958, mas ficou como suplente no pleito de 1958 e não se elegeu. Durante seu mandato de deputado estadual foi responsável por diferentes ações, como a escrita do Regimento Interno da Casa, autor do projeto da emancipação política do município de Poço Verde e, como líder no governo Leandro Maciel, auxiliou no projeto urbanístico de Aracaju. E com a apresentação instrumental jurídico conseguiu a viabilização para o desmonte do Morro do Bonfim, concedendo espaço para a construção da Praça da Estação Rodoviária Luís Garcia.

Murillo Melins destaca que, quando a notícia sobre a demolição do morro se espalhou, alguns donos de pequenos comércios, cabarés e famílias humildes que residiam no local manifestaram-se através de abaixo assinado, porém não conseguiram reter a petição. Ao relatar sobre o dia da demolição, Melins relata:

Em uma certa manhã, o Bonfim acordou com o barulho das máquinas do Departamento de obras. Havia começado o desmanche... Os adultos, sem mais forças para protestar; e sem esperança de continuar morando ali, saíam em busca de caminhões e carroças, para levarem seus pertences para algum lugar, antes que os tratores destruíssem seus modestos bens. Alguns moradores mais resistentes permaneceram em suas casas (...) acompanhando o desmonte que, dia a dia avançava destruindo as primeiras habitações (MELINS apud DINIZ, 2009, pp. 160-161).

Segundo Osvaldo Ferreira Neto (2017), para muitos políticos da época, juntamente com a burguesia sergipana, o desmonte do Morro do Bonfim era algo necessário, pois era inconveniente para a paisagem de Aracaju, que estava passando por várias intervenções modernistas. Porém, é importante frisar que o local era ocupado por trabalhadores pobres, sem condições de morar em outras localidades. Segundo o autor, após “o desmonte na década de 50, alguns receberam casas populares no Agamenon Magalhães e outros foram expulsos para ocupações que existiam na cidade. Segundo os jornais, moravam mais de 134 famílias na região” (NETO, 2017, s/n).

Mesmo com o deslocamento dos moradores, muitos políticos na época aclamaram a derrubada do morro, pois iria trazer uma nova vista para Aracaju. Segundo Luiz Antônio Barreto (2005):

O terreno onde existiu o Morro do Bonfim, mesmo com as construções que surgiram, serviu para a montagem de circos, dentre eles o de Zé Bezerra, circo mambembe, de forte apelo popular. No local também costumavam fazer parada noturna os caminhões que traziam carga do interior. Aos poucos novos prédios, como o do INAMPS, o do IAPC, muitas casas nas várias ruas limítrofes com a grande duna, e ordenamento do tráfego por toda aquela área, modificando a vida do centro da cidade. O desmonte do Morro do Bonfim representou, sem dúvida, a maior

intervenção da engenharia no centro urbano de Aracaju (BARRETO, 2005, s/n).

A atuação de Carvalho Déda no meio político era considerada como uma das personalidades mais marcantes para a história de Simão Dias, principalmente no que tange às questões políticas e jornalísticas, assim como para a história de Sergipe.

Em Aracaju, por iniciativa do vereador Luciano Prado, após a morte de Carvalho Déda seu nome foi ligado a uma das principais ruas da capital sergipana. Em 2008, foi inaugurado o Viaduto Jornalista Carvalho Déda, cuja ordem de serviço foi assinada por seu neto Marcelo Déda, então prefeito de Aracaju. No ato da entrega contou com a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, governador Marcelo Déda Chagas, o prefeito Edvaldo Nogueira, desembargador e filho Artur Oscar de Oliveira Déda, o advogado Carlos Alberto Oliveira Déda e demais membros da política e componentes da família Déda.

Carvalho Déda teve seus primeiros aprendizados como jornalista na oficina do jornal *Paladino*, de sua cidade natal Paripiranga (BA). Surgido em 1919, por iniciativa do comerciante Manoel Coelho Cruz. Oliveira (2016, s/p) destaca que o jornal era feito de forma artesanal, com precários recursos tipográficos, compatíveis com o poder aquisitivo da cidade. Carvalho Déda escreveu no jornal *O Cotinguiba*, também fundado por Manoel Coelho Cruz naquela cidade baiana.

Também escrevendo em jornais de grande circulação no estado de Sergipe, como *13 de Julho*, *Diário de Sergipe* e o *Correio de Aracaju*, atuando como diretor e jornalista no periódico *Correio de Aracaju* nos anos de 1955 a 1959, seus artigos sempre atuava pontuando a máquina política do estado e principalmente os acontecimentos mais fluentes no período. Na cidade de Estância contribuiu para o periódico de mesmo nome — *Estância*. E em Simão Dias atuou em jornais como:

Oráculo, *A luta* e no seu próprio jornal, *A Semana*. Mas foi somente neste último periódico que Carvalho Déda debruçou-se na construção de charges e caricaturas, sobre diferentes notícias e acontecimentos no período.

Para além de sua carreira como comerciante, sapateiro, advogado, inspetor, radialista, jornalista e cargos políticos, uma das contribuições mais importantes de Carvalho Déda para a história de Simão Dias foi a escrita de obras como: *Simão Dias: fragmentos de sua história*, *Breféias e burundangas do folclore sergipano* e o romance *Formiga de asas*. Nelas são traçados panoramas sobre a história de Simão Dias, assim como a cultura do povo sergipano e cotidiano da população sertaneja.

Simão Dias: fragmentos de sua história foi publicada, pela primeira vez, no ano de 1967, sob encomenda do desembargador Gervásio Prata para Carvalho Neto e Carvalho Déda, já que “era uma obra para ser feita coletivamente, ele iria fazer a pesquisa para depois Carvalho Neto alinhar o texto” (DÉDA, 2008, s/p). Com o falecimento de Carvalho Neto, Carvalho Déda tornou-se o único responsável pela obra, elaborando uma narrativa sobre diversos aspectos sobre o cotidiano do município. Carvalho Déda, através de suas memórias, relatos dos antigos moradores e pesquisas em alguns documentos, pôde escrever com precisão a história de períodos importantes na cidade. Para “a construção do livro (...) utilizou livros, documentos, revistas e jornais, e valeu-se da nova técnica da história: a oralidade, ouvindo vozes contemporâneas, guardiãs da memória da cidade” (SANTOS, 2011, p. 68). Esses documentos utilizados auxiliaram para colher informações sobre os primeiros habitantes; a história sobre quem foi Simão Dias, o vaqueiro; mudança da feira; Simão Dias e a Guerra de Canudos; Lampião e demais cangaceiros; imprensa; teatro; iluminação pública; filarmônicas; escravidão; entre outros assuntos.

No título, a palavra “fragmentos” enfatiza que Carvalho Déda somente narra alguns aspectos sobre a história da cidade, atuando desse modo como um memorialista e não como um historiador, profissão que alguns tentam enquadrá-lo. Em suas próprias palavras, o autor comenta a construção da narrativa:

Servi-me, e muito, dos trabalhos de ilustres historiadores, notadamente o saudoso Padre Dr. João de Matos Freire Carvalho, a quem cabe, sem dúvida, a primazia de uma excelente informação histórica sobre Simão Dias, aliás, desconhecida da mocidade estudiosa de sua terra. Desta forma, dou-me por satisfeito em contribuindo com algum material para os futuros historiadores de Simão Dias (DÉDA, 2008, p. 22).

Sem dúvida, sua obra traz, para os historiadores e pesquisadores de Simão Dias e cidades circunvizinhas, possíveis indícios de investigação, pois, com base no que foi produzido por Carvalho Déda no livro e no jornal *A Semana*, é possível compreender como era o cotidiano dessa região, sua cultura, política, manifestações, entre outros episódios corriqueiros. Sua principal preocupação é a manutenção da memória, identidade e pertencimento da população simão-diense.

Segundo Jacques Le Goff (1990), a memória tem uma grande significância no campo das ciências humanas. A memória tem “(...) como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 423). Nesse sentido, a obra de Carvalho Déda contribui de modo significativo tal ato.

Brefáias e burundangas do folclore sergipano teve sua primeira edição em 1967, sendo reeditada em 2001, por iniciativa do governador João Alves Filho, através do Instituto Tancredo Neves.

Aqui o autor faz um apanhado geral sobre a cultura do estado de Sergipe, relatando algumas peculiaridades existentes na cultura do povo sergipano, destacando a cidade de Simão Dias, tais como historietas populares, apelidos individuais e coletivos presentes na região, vocabulários, provérbios populares, credences e remédios, danças regionais como reisado, entre outros conteúdos.

Com essa obra, Carvalho Déda ganhou repercussão em diferentes localidades, sendo mencionada pelo folclorista brasileiro Câmara Cascudo. A sua terceira edição foi publicada em 2008, como fruto da exposição itinerante em comemoração aos 110 anos de nascimento e 40 anos de morte de Carvalho Déda, destacando-se a importância da obra para a cultura sergipana pelo jornalista Luiz Antônio Barreto.

Já o romance *Formigas de Asas* foi escrito no início dos anos 1960 e seria lançado juntamente com os demais livros em 1967, mas o “movimento militar de 1964 inibiu a publicação” (BARRETO, 2008, p. 20). Publicado 40 anos depois de sua escrita, a obra destaca os ditados populares, as cooperações cotidianas no lidar com a terra, as negociações existentes entre os sertanejos, entre outros aspectos importantes sobre a vida dos nordestinos.

A produção dessas obras auxiliou no processo de conhecimento sobre a região e as inquietações políticas e sociais da época, que foram importantes para a escrita do jornal e confecção das charges, publicadas na seção “Piada da Semana”. Todas elas trazem um panorama sobre os aspectos da época, como: história, cultura e cotidiano sertanejo. Nas charges, a contribuição dos três trabalhos faz-se presente, como no romance *Formiga de Asas*, em que há uma ligação direta com o personagem Zé Povo, mostrando atitude de um agricultor. A linguagem cômica utilizada transmite o linguajar do interior, de pessoas que vivem de modo direto no campo.

Abordar a biografia de Carvalho Déda nesse trabalho torna-se significativo no processo de compreensão da intencionalidade de

suas charges e caricaturas, bem como as suas críticas periódicas nos escritos jornalísticos, principalmente no *A Semana*. Pierre Bourdieu (2006), em seu estudo “A ilusão biográfica”, aborda que “(...) uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história” (BOURDIEU, 2006, p. 183).

Nesse sentido, o autor reforça a ideia desenvolvendo a hipótese que a biografia é algo manipulável e direcionável, em que o caráter da invenção e dualidade na criação de uma história de vida pode ter influências que perpassam “(...) a individualidade biográfica da qual ele representa a forma socialmente instituída que assegura a constância através do tempo” (BOURDIEU, 2006, p. 186). Desse modo, seria uma lacuna analisar o acervo gráfico de Carvalho Déda sem entender sua história de vida, principalmente o jogo político que lhe cercava.

1.1 Semanário *A Semana*: surgimento e repercussão na imprensa sergipana

Durante anos, José de Carvalho Déda possuía um grande sonho, que era redigir seu próprio semanário. Esse desejo foi realizado em 1946, com o aparecimento de *A Semana* como “Órgão literário, independente e noticioso”. Inicialmente, o semanário era dirigido por Carvalho Déda, juntamente com o seu irmão Francino Silveira Déda. O nome do periódico surgiu através do seu trabalho semanal, pois a confecção da paginação durante o período era duradoura, demorando, às vezes, uma semana para a construção do jornal. Por esse motivo, os diferentes episódios eram registrados no decorrer da semana. A princípio, a impressão era feita na tipografia Ipiranga, pertencente a Virgílio Carvalho Oliveira, pequena tipografia que oferecia diferentes trabalhos na cidade de Simão Dias e regiões circunvizinhas.

Foi através do uso dessa tipografia que o semanário começou a ser impresso, circulando durante os anos de 1946 a 1969. O periódico

teve três fases de circulação. A primeira fase de 1946 a 1947 trazia informações distintas da cidade e localidades circunvizinhas, divulgando diferentes acontecimentos presentes na região.

Em sua primeira edição, Carvalho Déda ressaltou os motivos do aparecimento do jornal, destacando que o desejo dele era de “contribuir para o engrandecimento da terra preenchendo a lacuna, mas a despeito do nosso entusiasmo pela Imprensa” (DÉDA, 1946, p. 01). O jornalista refere-se à falta de produção periódica na cidade de Simão Dias, pois, o último jornal em atividade foi o semanário *A Luta*, criado por Emílio Rocha, publicado em 1917, perdurando até meados de 1937.

Um ponto interessante abordado na primeira edição, em 08 de setembro de 1946, foi sobre as dificuldades que iriam enfrentar para manter o semanário em circulação:

Conhecemos o caminho a percorrer, como sabemos das dificuldades e dissabores que nos esperam nas encruzilhadas que não são longínquas. Conhecemos o ambiente e a psicologia de nosso povo como conhecemos o nosso feitio inquebrantável. Seguiremos, a despeito de tudo quanto vier antepor-se ao nosso caminho, sem desprezarmos jamais a nossa linha de conduta honrada, a nossa coragem cívica e sobretudo a nossa honestidade, único cabedal que herdamos dos nossos honrados ascendentes e queremos conservar intacto para partilharmos com os nossos descendentes. (...) ‘A SEMANA’, esta folha que agora entregamos ao público da nossa terra, é e será, deste modo, um fruto da nossa honestidade, da nossa moderação e uma afirmação de que somos capazes de assumir a defesa dos interesses desta hospedeira terra de S. Ana. ‘A SEMANA’ não é de dois, é de todos e é de todos que esperamos a acolhida a que fazemos jus, não pelo interesse pecuniário que nos possa trazer, mas pela demonstração do patriotismo, de desprendimento, de cooperação que todos devem dar (DÉDA, 1946, p. 01).

Na primeira fase, o jornal circulava sempre aos domingos, com apenas 04 páginas, possuindo um quadro de seções distintas, como: Seção Religiosa, com anúncios diversos de cunho religioso; Seção de anedotas, com intuito de levar para a população humor literário; Seção social, reservada para anúncios natalícios, visitantes, casamentos e falecimentos, entre outros; Retratos femininos, designada para as mulheres. Nessa seção, a figura feminina era palco para poemas amorosos, exaltando a beleza e simpatia das mulheres. Seção charadas, espaço que mantinha uma periodização de enigmas com respostas abertas ao público, em alguns casos as adivinhações eram destinadas para alguns dos assinantes e tinha também o espaço destinado para as notícias semanais, publicadas na primeira página do semanário.

Na edição nº 07, de 20 de outubro de 1946, foi transcrita no jornal uma carta que o desembargador Gervásio Prata havia enviado para os diretores do jornal, Carvalho Déda e Francino Silveira Déda. Na carta, Gervásio Prata relata sobre o surgimento do periódico, destacando a importância do semanário para os munícipes. Em um dos trechos da carta, ele destaca sobre outros jornais que circularam no município, os quais desapareceram por diferentes motivos, ficando a cidade durante alguns anos sem um meio de comunicação impresso como o jornal:

Haviam-se acabado, com o desaparecimento deles, os noticiários semanais de Simão Dias, contendo o registro dos fatos do nosso imediato interesse, da nossa vida de sociedade e de povo, dando, em cada semana, o que de algo se passara entre nós e com isso o documentário para nossa história a ser manuseado e conhecido, hoje e amanhã, em qualquer tempo do futuro que marcha sempre adiante de nós. A lacuna vem de ser agora preenchida e de modo agradável a quantos estimam os hábitos civilizados, um jornal para todos que anseiam melhores dias, melhores ideias, melhores pensamentos, melhores propósitos, ajudando a promover a mentalidade da nossa gente, incen-

tivando o espírito de aproximação entre os elementos da coletividade (A SEMANA, nº 07, 1946, p. 04).

Para além das diferentes seções, os anúncios de lojas e fábricas da cidade, e circunvizinhança, auxiliavam na manutenção do periódico, como a Casa Montalvão, loja de tecidos em gerais, pertencente à família Montalvão, do Cine Ipiranga, pertencente a Virgílio Carvalho Oliveira, também dono da Tipografia Ipiranga, Casa funerária São José, de Paripiranga (BA), pertencente ao senhor José Nonato Nascimento, Paulo Déda, fábrica de calçados e artefatos de couro, irmão de Carvalho Déda.

Também anunciavam a loja Acylyno Coêlho Cruz, destinada para miudezas, ferragens, molhados e representante das máquinas de costura Singer, e a Fábrica de Bebidas S. José, pertencente ao senhor João Batista Filho.

O comércio na cidade havia sido retratado por Carvalho Neto, em 1925, na crônica “O homem das cabeças de pito”, e os anúncios publicados revelam a diversidade de lojas e pequenas fábricas. Segundo seu relato, durante o período das feiras-livres, havia uma forte agitação na cidade, registrada na revista *Commercial, industrial, agrícola e informativo Estado de Sergipe* (1933) no quesito da produção agrícola, destacando a “produção do café, fumo, canna de assucar, algodão, mandioca, cereaes de diversas espécies e madeiras para construção” (BARRETO, 1933, p. 193). Esses produtos favoreciam o comércio na região, considerado no período como “forte e muito conceituado, chegando mesmo a ser um dos mais movimentados do oeste” (BARRETO, 1933, p. 193).

Durante essa primeira fase, os anúncios traziam para os munícipes as novidades varejistas da cidade de Simão Dias e regiões circunvizinhas. Essa forma de se fazer jornalismo perdurou até a sua interrupção, no dia 29 de junho de 1947, fator esse decorrente da mudança da tipografia Ipiranga.

Para Vânia Batista de Souza (2016, p. 51), o semanário, nessa primeira fase, impulsionou a cultura local através dos escritos de Carvalho Déda, mas não era toda população que tinha acesso ao jornal, por conta do valor cobrado na época. Porém, o jornal foi um grande influenciador midiático no município, principalmente para questões sobre a política, conseguindo conquistar determinados grupos de assinantes.

Com poucos recursos para adquirir o maquinário gráfico, Carvalho Déda teve que sujeitar-se a interrupção do jornal, ficando seis anos impossibilitado de efetuar a impressão do periódico, por falta de uma tipografia na cidade. Nesse período de interrupção, atuou em outros periódicos influentes na imprensa sergipana, como *13 de Julho*, *Diário de Sergipe*, *Correio de Aracaju* e, em Estância, no periódico *Estância*.

Trabalhando em outros periódicos em Sergipe, Carvalho Déda mantinha contato com pessoas influentes no território sergipano e outros estados, a fim de encontrar um maquinário tipográfico para imprimir novamente *A Semana*. Do Rio de Janeiro, Carvalho Neto, em carta datada do dia 05 de novembro de 1951, respondeu ao pedido de informação, relatando que:

Tenho procurado muito uma tipografia. Preços inacessíveis. Mesmo maquinaria velha está custando preço exorbitante. O Orlando Dantas comprou uma máquina velha — só a máquina — por cinquenta mil cruzeiros. Não deixo, porém, de procurar (NETO, 1951).

Sua busca durou até 12 de abril de 1953, quando finalmente conseguiu adquirir o maquinário em um leilão público que ocorreu na cidade de Propriá. O maquinário adquirido no leilão foi uma rotativa francesa do século XVIII, era movida a mão através de uma manivela “igual a usadas nas casas de farinha do interior” (DÉDA, 2015, p. 01). A compra foi comprovada “mediante Carta de Arrematação assinada por Dr. João Fernandes de

Britto” (DÉDA, 2011, p. 02). Desse modo, beneficiando-se de oficina própria, localizada na Rua Dr. Joviniانو de Carvalho, nº 37, Carvalho Déda voltou a editar o semanário, sob sua direção e gerência.

Na imprensa brasileira, a inserção das rotativas remonta ao ano de 1901, então consideradas como novas tecnologias, impulsionando o “aumento da triagem que naquele ano chega a extraordinária cifra de 60 mil exemplares” (BARBOSA, 2007, p. 23). Por serem algumas elétricas, as rotativas eram capazes de imprimir altos volumes de jornais.

Segundo o tipógrafo Luiz Santa Bárbara, o semanário era “o único jornal da cidade” (BÁRBARA, 2017). No dia 18 de julho de 1953, o jornal *A Semana* retornou sua circulação, mantendo-se até 22 de julho de 1967.

Carvalho Déda, na edição nº 42, publicada em 18 de julho de 1953, traz para o público na primeira página do semanário o verdadeiro sentido do jornal, enfatizando principalmente o valor ético do trabalho jornalístico:

Volta A SEMANA a circular com roupagem nova, isto é, tamanho maior, maior tiragem, mais completa materialmente falando. A modificação é, apenas no concernente a material, porque no mais não mudou. A orientação doutrinária é a mesma. Continuará sendo manancial de informações. Diremos como Simão Dias vive e como quer viver. Defendemos a alto e bom som os interesses do povo (DÉDA, 1953, p. 01)

Em outro trecho, é destacado o intuito do jornal de se manter sempre a serviço da população:

A nossa pena estará sempre a serviço do povo simão-diense, que exige verdade e respeito de linguagem, por isso mesmo estará particularmente a serviço de nossa própria dignidade, que é baseada na verdade e no decôro. Ademais, nem

o povo quer ler a má leitura nem consentiremos que por conduto das nossas colunas passe para as veias do público o veneno da corrupção. Os nossos colaboradores terão que pautar os seus trabalhos dentro nas normas do nosso programa de respeito ao público (DÉDA, 1953, p. 01).

Carvalho Déda destaca também sobre a sua relação política, enfatizando a respeito do valor ético no qual o periódico iria seguir:

No que diz respeito à política podemos assegurar que jamais nos afastaremos da verdadeira ética. Político partidário militante é o nosso Diretor, Deputado Carvalho Déda, o que não impedirá esta fôlha de fazer comentários em tórno dos acontecimentos de ordem política, desde que reflitam no interêsse público.

Como respeito a si próprio e aos correligionários professos da eterna vigilância, o nosso Diretor não consentirá que o seu jornal descambe para o terreno inglório dos azadumes pessoais, para o jornalismo de aluguel, para a técnica do mexerico. Ninguém de bom senso poderá confundir atitudes próprias do jornalismo sadio com politicagem mesquinha, porque, na verdade, despertar energias em benefício da coletividade, defender a liberdade humana, protestar contra abusos do poder, apontar erros administrativos, pugnar pelo bem estar do povo, mostrando-lhe os roteiros convenientes, orientando-lhe no exercício dos deveres cívicos, ressaltando valores, aplaudindo a quantos se baterem pelos reais interesses de Sergipe e seu povo, isto, francamente, não fazer politiquice, mas praticar o verdadeiro jornalismo, sem quebra da dignidade político-partidária. Fora disto o jornal deixaria de ser o respiradouro do povo, e A SEMANA quer ser o respiradouro geral das consciências sertanejas. Um jornal do povo a serviço do povo (DÉDA, 1953, p. 01).

Mesmo utilizando um discurso não partidário e não pessoal, o jornalista destacava a sua posição política em campanhas

eleitorais a favor da UDN e seus aliados, bem como rebateu algumas críticas pessoais, muitas vezes por meio de charges.

A retomada do semanário foi registrada em crônica de Albe-ron Machado, jornalista e membro da Associação Sergipana de Imprensa. Em agradecimento, Carvalho Déda, na edição nº 46, de 15 de agosto de 1953, publica uma nota destacando: “Vati-cinando o triunfo d’A SEMANA fulgurante jornalista confia na nossa coragem cívica e para estimular-nos lembra as atividades jornalísticas do nosso conterrâneo Emílio Rocha” (A SEMANA, nº 46, 15/08/1953, p. 02).

Na edição nº 4.803, publicada no dia 07 de agosto de 1953, os jornalistas do *Correio de Aracaju* também fazem uma home-nagem sobre a volta do periódico. Carvalho Déda, como forma de agradecimento, republicou a nota na íntegra na edição nº 46, no dia 15 de agosto de 1953:

“A SEMANA”

Temos sobre nossa mesa de trabalhos mais um número do hebdomandário A SEMANA que se edita na cidade de Simão Dias. Apresentando uma feição gráfica simpática, o vibrante e combativo periódico inaugura essa sua nova fase de luta sob os melhores auspícios. Agora sua direção do nosso confrade deputado Carvalho Déda, cuja experi-ência em matéria de jornalismo, de lado da sua robusta e brilhante inteligência, constitui uma garantia para a vida do seu volante jornal.

É com a maior satisfação que registramos o reaparecimento d’A Semana, formulando à sua nova direção os melhores vo-tos de felicidade nessa sua fase de labor, que já nasce vitoriosa (A SEMANA, nº 46 1953, p. 02).

Em sua nova fase, *A Semana* passou a ter uma moldagem de estética diferente, com tamanho 49x33, tiragem entre 500 a 800 exemplares, possuindo 04 páginas e em casos especiais 06.

Os valores cobrados para aquisição do periódico modificaram-se durante o período de circulação. Nos anos de 1946 e 1947, somente era cobrado o valor anual de Cr\$ 30,00 e a quantia semestral de Cr\$ 20,00. Em nota explicativa no jornal, aborda que os valores seriam pagos pelos assinantes de maneira adequada, e os anúncios que eram os principais mantenedores do jornal “poderão ser sob ajuste anual, mensal ou parceladamente e de qualquer parte do Paiz” (A SEMANA, 1946, p. 03)

Com a volta do periódico, os valores cobrados foram reorganizados e ajustados. De 1953 a 1959 eram cobrados os valores através de quatro modalidades, sendo eles: anual, quantia de Cr\$ 50,00; semestral, Cr\$ 30,00; trimestral, Cr\$ 20,00, e mensal, Cr\$ 5,00. O valor das publicações também vinham expostas no semanário, cobrados por centímetros e páginas: na primeira custava Cr\$ 3,00; segunda, Cr\$ 1,50; terceira, Cr\$ 1,50; quarta, Cr\$ 2,50.

Nos anos de 1960 e 1961, os valores das assinaturas eram: anual, Cr\$ 70,00; semestral, Cr\$ 40,00; trimestral, Cr\$ 30,00; mensal, Cr\$ 8,00. Em 1962 até o primeiro semestre de 1963, os valores sofreram alterações novamente, custando: anual, Cr\$ 100,00; semestral, Cr\$ 60,00; trimestral, Cr\$ 40,00; mensal, Cr\$ 8,00.

A partir do segundo semestre de 1963, novamente ocorreram modificações nas cobranças mantendo os mesmos valores até 1964. Eram assim dispostos os valores: cobrados por ano Cr\$ 200,00; semestre, Cr\$ 100,00; trimestre, Cr\$ 60,00; por mês, Cr\$ 40,00. Esses aumentos de valores não agradavam a população. Utilizando os questionamentos dos munícipes, Carvalho Déda fez uma charge publicada na edição nº 569, no dia 31 de agosto de 1963, trazendo um senhor sentado em um banco da praça lendo o jornal, com um grande sorriso de deboche, sendo ocasionado ao ver o valor do semanário, estampado na primeira página a quantia de Cr\$ 200,00. Na

legenda da charge, enfatiza o modo como os moradores se expressavam quando recebiam o jornal, entoando: “Vôte, seu Zeca! Jornal de 200 cruzeiros por ano! Que falta de carestia!” (A SEMANA, nº 569, 1963, p. 02).

Em 11 de agosto de 1964, os valores foram alterados novamente, ficando assim dispostos: anual, Cr\$ 300,00; semestral, Cr\$ 150,00; trimestral, Cr\$ 70,00; mensal, Cr\$ 40,00. No dia 18 de agosto do mesmo mês, os valores sofreram alterações, passaram a ser arrecadados os valores: por ano, Cr\$ 400,00; por semestre, Cr\$ 200,00; trimestre, Cr\$ 100,00, mês, Cr\$ 50,00; valor avulso, Cr\$ 20,00¹. As quantias cobradas perduraram até 1965, ano no qual passaram a ser cobrados somente os valores anuais de Cr\$ 1.000,00 e avulsos de Cr\$ 50,00.

No dia 13 de agosto de 1966, os valores cobrados foram alterados, passando para Cr\$ 2.000,00 a quantia anual e Cr\$ 50,00 o valor avulso. Nos anos de 1967 a 1969, o valor do periódico não é mais exposto nas edições. Foi possível observar também que, de 1966 a 1969, houve uma diminuição significativa de publicações dos comerciantes da cidade e região circunvizinha, que anteriormente utilizavam a quantidade de duas páginas de anúncios variados. A sua distribuição era sempre matinal, sendo levado na casa de cada assinante do jornal.

Através dos valores, é possível traçar o perfil dos consumidores do jornal. Um simples sertanejo não tinha condições para adquirir o exemplar do semanário, tanto pela alta taxa de analfabetismo, como pelo valor cobrado. Mesmo expondo o cotidiano agrícola com a “Coluna dos Lavradores” e as charges sobre os assuntos corriqueiros na cidade, essas informações restringiam-se a um grupo seletivo da sociedade simão-diense.

1 O valor avulso não era divulgado nos anos anteriores, somente a partir de 1964.

1.2 Colaboradores e distribuição do semanário

Para além dos valores cobrados nas publicações, o semanário contava com um número significativo de colaboradores, como o jornalista Francino Silveira Déda, que escrevia ininterruptamente, desde a primeira fase do periódico, uma crônica semanal sobre assuntos diversos relativos à educação, cultura, política, aspectos sociais, manifestações cívicas, entre outros.

Durante o ano de 1947, Francino foi nomeado prefeito de Simão Dias, mas continuou escrevendo as crônicas e demais notas no jornal, utilizando alguns pseudônimos como “Frasilde”, “Sininho” e “Sineta”.

Houve a contribuição de artigos escritos por Antônio Conde Dias, Max Neto, W. F. Santos, Renato Nunes, João Lima Filho, Zenas Campos, Marius de Andrade, José Osvaldo Machado e Silva, Edson Caetano, A. Mascarenhas de Andrade, Edson Carvalho Oliveira, Virgílio Sobrinho, Luiz Santa Bárbara, Antônio Ferreira Filho, Josafá Fonseca Ferreira, Cláudio Dinart Déda Chagas, José Aloísio Freire, Amaral Cavalcante² e Clarita Santana, única mulher a ter seus escritos publicados no periódico, em forma de poemas, orações e recados de lembranças para os munícipes.

Artur Oscar de Oliveira Déda e Carlos Alberto Oliveira Déda, filhos de Carvalho Déda, também ajudavam na redação do semanário, do mesmo modo assumindo pseudônimos. Artur Déda assinou em alguns de seus artigos com os seguintes nomes: Ramires, A.D, A.O.D e Arosde. Carlos Alberto Déda utilizou os alônimos como: Berto, Beto Déda, Carlyle e Júnior. Durante muitos anos, este filho foi o responsável por entregar os jornais na cidade e regiões circunvizinhas. Também auxiliava no processo

2 Publicou no jornal *A Semana* seu primeiro poema, no qual foi dedicado a uma moça que foi tragicamente morta pelo seu irmão. Hoje, Amaral Cavalcante tem uma longa jornada como jornalista e escritor, sendo considerado um dos principais jornalistas do estado de Sergipe e membro da Academia Sergipana de Letras.

de construção do jornal, como a pintura das charges e caricaturas que eram publicadas na seção “A Piada da Semana”. Quando seu pai faleceu, ficou à frente do jornal, como diretor chefe.

Na parte da tipografia, durante todos os anos de circulação, contou com a contribuição dos tipógrafos Valter Carvalho Oliveira e Luiz Santa Bárbara. Em entrevista, este último, que atuou durante 12 anos no semanário, relata que a confecção da página era feita através de tipos, processo em que cada letra, sejam elas caixa alta ou baixa, eram colocadas uma por uma, mantendo-se a folha de publicação de anúncios.

Um fato interessante foi a utilização da tipografia para cursos de aprendizes, posto que na cidade haviam poucos tipógrafos. O espaço foi utilizado durante um certo período como sede para cursos de aprendizes, com a presença de jovens como “Luiz Carlos Santos (que se tornou tipógrafo profissional), Raul Vieira, Cláudio Déda, Osmar Barreto, Manoel de Dona Tude, Daniel Guimarães, José Américo Rodrigues e José de Oliveira Santos” (DÉDA, 2011, p. 03).

Para além de sua distribuição na cidade, o semanário possuía assinantes em outras localidades do território sergipano, como, por exemplo, Lagarto, Riachão, Poço Verde, Pinhão, Aracaju e na cidade de Paripiranga (BA). A distribuição era feita sempre nos dias de feiras-livres, pois não havia transportes locomotivos disponíveis em dias alternados e a circulação dos veículos coletivos eram somente em dias de feiras. Havia também clientes em Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Essa expansão de assinantes em outras localidades decorre da migração dos moradores da cidade para outras regiões do Brasil e o envio para esses estados era através dos correios. O jornal também era enviado para instituições públicas e privadas, como Arquivo Público Estadual de Sergipe (APES), Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHG-SE) e a Biblioteca Pública.

Epifânio Dória, em carta redigida em 1954, relatou a sua admiração com o semanário, parabenizando a escrita e habilidade dos irmãos Déda, que embora fosse escrito no interior de Sergipe, trazia sempre notícias de cunho atual, com criticidade e criatividade:

Continuo lendo os seus artigos no A Semana, os seus e os do Francino. Ambos comandariam qualquer grande jornal das nossas grandes cidades.

O seu editorial saído no jornal do Jil está excelente. Não se esqueça de que ponho de parte a política. Ele revela muita habilidade. O artigo de Francino está magnífico. Como é que ele, vivendo no interior, sem meio cultural suficiente, e sem biblioteca, se conserva tão em dia com as cousas da cultura? Refiro-me ao artigo sobre Toscanini (DÓRIA, 28/04/1954).

Nessa nova fase foi possível agregar outras seções com finalidades distintas, que perpassavam o cotidiano dos moradores da cidade, sendo possível observar noticiários de cidades circunvizinhas, de cunho nacional e até mesmo internacional.

Para além das seções existentes na primeira fase do periódico, foram inseridas a “Coluna dos Lavradores”, “Política em Pequenas Doses”, “No reino da astrologia”, “Indicador profissional”, “Seara Sergipana”, “Aspectos da cidade” e, a partir da edição nº 346, no dia 23 de maio 1959, a seção humorística “A Piada da Semana”, destinada às charges e caricaturas sobre os diversos acontecimentos presentes.

Zeca Déda, como era conhecido pelos moradores, utilizava diferentes pseudônimos para cada seção. Em “Retratos Femininos”, utilizava o nome Leonardo de Vinci. Na “Coluna dos Lavradores”, escrevia o João Sem Terra. Em “Aspectos da Cidade”, Lynce, e, em “Seara Sergipana”, Carlos Eugênio.

Além desses pseudônimos, fazia uso de alônimos como Pakézo em artigos sobre políticos. Marco Aurélio era utilizado em repor-

tagens. E em diversos artigos utilizava nomenclaturas como Seu Ambrósio, Cardé, Cazuzo, Ambrósio Soledade e Caduda.

Carvalho Déda somente não fazia uso dos pseudônimos nas seções “Política em Pequenas Doses” e “A Piada da Semana”. Contudo, poucos dias antes de falecer, assinou duas xilogravuras com o alônimo Zélis, publicadas na edição nº 811, no dia 21 de agosto de 1969, na seção “A Piada da Semana”.

Essa nova caracterização do periódico refletia o aprendizado que adquiriu nos diferentes trabalhos de Carvalho Déda em outros jornais sergipanos, durante o período em que o semanário manteve-se fora de circulação. A aproximação com o público leitor deveu-se às narrativas jornalísticas. Elaboradas de modo emocionada, utilizando os diferentes aspectos sociais, perpassando o meio político “criam um mundo imaginado, fazendo o público sentir-se participativo daquela realidade mitificada” (BARBOSA, 2007, p. 70).

Atuando como meio de resposta, o semanário foi utilizado para contestar as críticas lançadas pelos jornalistas do *Diário de Sergipe*, porta-voz do PSD. Na edição nº 119 e nº 120, publicadas em janeiro de 1955, Carvalho Déda faz diferentes exaltações sobre a posse de Leandro Maciel como governador:

Os boateiros a quem nos referimos agora, espalhavam aos quatro ventos que o Dr. Leandro Maciel não seria eleito; depois não seria proclamado, mais tarde que não seria diplomado. E agora?... Dirão eles, não tomará posse. Coitados, eles não sabem o que dizem. Faltam apenas 16 dias (DÉDA, 1955, p. 01).

Desse modo, ele rebatia as notícias contra a figura do Leandro Maciel. Os dezesseis dias abordados na nota referiam-se à contagem para a saída do governador Arnaldo Garcez (PSD) da administração governamental, eleito em 1950, e um dos responsáveis pela sua saída do PSD. Atuando de maneira ativa durante os anos de 1955 a 1959, Carvalho Déda ficou à frente do *Correio de Ara-*

caju, na capital, e d'*A Semana*, em Simão Dias. Nesse período, ambos os periódicos atuavam em conformidade com a política de Leandro Maciel, já que, durante os anos de 1955 a 1959, Carvalho Déda foi líder do governador.

A Semana circulou sem nenhum tipo de interrupções até o dia 22 de julho de 1967, quando, por motivos de saúde, Carvalho Déda teve que interromper o semanário. Porém, por conta dos inúmeros pedidos de personalidades influentes na cidade, como por exemplo o Dr. Manoel Salustino Neto, solicitando o retorno do periódico, Déda conseguiu convencer seu filho, Carlos Alberto Oliveira Déda, a dirigir o retorno do jornal.

Em relato anexado à coletânea *O Mundo de Carvalho Déda*, Carlos Alberto descreve como foi a reação de Carvalho Déda ao ver a nova edição do jornal:

Combinamos, então, em ampliar e melhorar a edição. Assim é que, em 16 de dezembro de 1967, reapareceu “A Semana” com nova roupagem, sob a direção dele e minha, continuando, todavia, sem alterar sua ética e a cuidadosa orientação democrática, em defesa da cidade. Jamais esquecerei a satisfação que ele demonstrou à tardinha daquela sexta-feira, dia 15.12.67, quando lhe apresentei o primeiro exemplar da nova fase do jornal. Ele folheou página por página e, revelando sua alegria, voltou-se para mim e disse com entusiasmo: — *Continuamos editando o melhor jornal do interior de Sergipe!* (Grifos do autor) (DÉDA, 2011, p. 03).

Em conjunto com o pai e demais jornalistas do periódico, como o seu tio Francino, Carlos Alberto soube desenvolver um bom trabalho no semanário, mantendo a população atualizada sobre os diferentes acontecimentos presentes no município e demais localidades no Brasil e Mundo.

No dia 01 de setembro de 1968, Carvalho Déda deixou em sua mesa seu último artigo, o editorial “Reformas”, matéria publicada

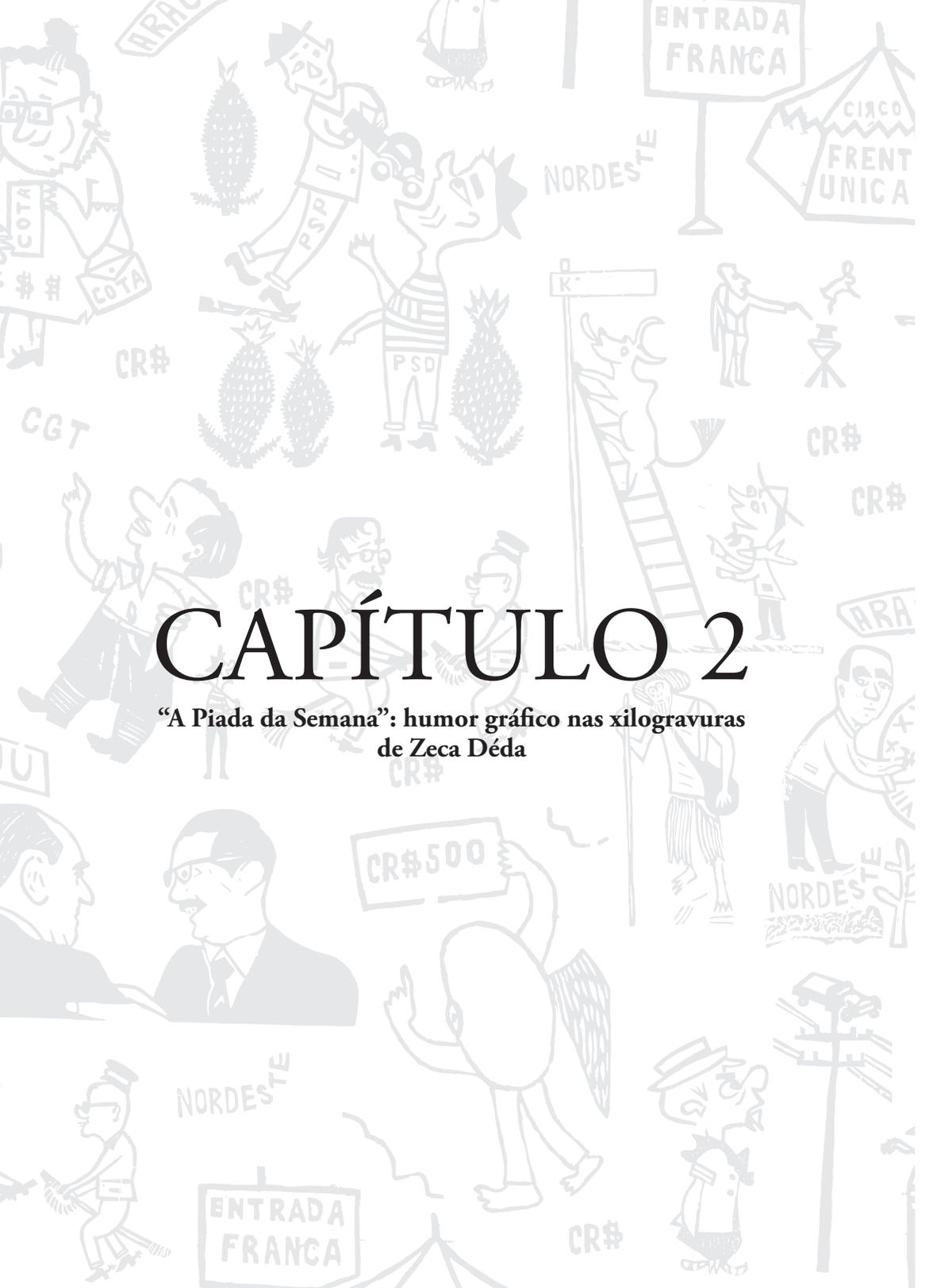
na edição nº 813, no dia 07 de setembro de 1968. Sob a nova direção, o semanário circulou até seu último número de 833, do dia 25 de janeiro de 1969. Carlos Alberto conservou a tipografia por mais de seis anos. Mas, por conta da sua jornada de trabalho no Banco do Nordeste, não foi possível continuar com a edição e direção do semanário. Em 1975, por falta de alternativa, teve que vender todo maquinário, por conta de sua transferência para a cidade de Jequié (BA), onde foi “chefiar o Setor de Crédito Rural da Agência do BNB naquela localidade” (DÉDA, 2011, p. 04).

É importante frisar que, mesmo havendo essas três fases no periódico, não houve mudanças no layout do jornal. Como mantiveram o mesmo maquinário, sem nenhuma inserção de impressora ou prensa mais nova ou atualizada, o periódico conservou a mesma estruturação gráfica de apresentação do jornal. Porém, um dos fatores que colaboram para a identificação e diferenciação das fases é o nome da direção, pois, na primeira fase (1946 a 1947) aparece os nomes dos irmãos Francino de Silveira Déda e José de Carvalho Déda como diretores.

Na segunda fase (1953 a 1967) somente o nome de Carvalho Déda aparece como diretor do jornal; e na terceira fase do semanário (1967 a 1969), em decorrência do falecimento de Carvalho Déda, desde 1967 até agosto de 1968 aparece como diretor responsável José Carvalho Déda e como diretor gerente o nome de Carlos Alberto Déda. Com o seu falecimento, algumas edições somente apareceram o nome do fundador, sem explicar quem era o diretor responsável ou editor. No ano de 1969 reaparece novamente a identificação, somente destacando o nome do fundador e o diretor, Carlos Alberto.

Nessa perspectiva, é importante destacar que durante os 23 anos (1946–1969) de existência de *A Semana* foi responsável por trazer para os moradores de Simão Dias e outras localidades as informações presentes no contexto local, nacional e internacional,

atuando como mecanismo de informação, de ideologia e como formador de opiniões. Como as charges auxiliaram de modo significativo para esse processo, estudá-las torna-se bastante necessário e importante.



CAPÍTULO 2

“A Piada da Semana”: humor gráfico nas xilogravuras
de Zeca Déda

2. “A Piada da Semana”: humor gráfico nas xilogravuras de Zeca Déda

O semanário *A Semana*, durante seu período de circulação, manteve uma boa aceitação do público leitor da cidade de Simão Dias e de outras localidades, principalmente por conta da linguagem dinâmica na construção das diferentes seções e por ser o único jornal circulante no município à época. Também se destacava dos demais semanários em circulação no território sergipano, em razão da seção “A Piada da Semana”, na qual publicavam-se charges e caricaturas sobre os diferentes acontecimentos e personalidades.

Marcelo Déda (2008), em entrevista gravada e divulgada na coletânea *O mundo de Carvalho Déda*, destaca diferentes pontos sobre a seção “A Piada da Semana”:

Antes que a charge fosse um elemento indissociável dos jornais, Zeca Déda fazia isso no jornal “A Semana” em Simão Dias. Naquela época não era comum, você pega as edições do Globo e você não percebe a centralidade da charge nas suas primeiras páginas, e ele introduziu na imprensa sergipana, pelo menos com regularidade, a charge. Que ele próprio fazia, através do método da xilogravura (DÉDA, 2008).

A técnica da xilogravura é considerada a mais antiga forma de impressão gráfica. Consiste na “arte de gravar imagens e letreiros em relevo num bloco de madeira que, depois de entintado, permite a reprodução de várias cópias por meio de estampagem” (FONSECA, 1999, p. 35). A origem do seu nome vem do grego *xylon* e significa madeira, lenho. Segundo Fonseca (1999), a primeira xilogravura que se tem notícia data de 1370, sendo o esboço da cena da Paixão de Cristo. O autor enfatiza que muito “tempo antes disso, entretanto, imprimiram-se na China e no Japão estampas com matrizes gravadas

em placas de madeira, conhecendo-se o fragmento de uma obra chinesa do ano 932 d.C.” (FONSECA, 1999, p. 35).

Gilmar de Carvalho (2011) relata que a xilogravura se constituiu no Brasil como uma marca popular no meio publicitário, sendo muito presente na história da imprensa brasileira em anúncios, cabeçalhos, vinhetas, ilustrações, entre outros. Segundo esse pesquisador, foi no Nordeste que esta “técnica milenar chinesa encontrou na ponta da faca sertaneja, no canivete de cortar fumo de rolo e até nas hastes de guarda-chuvas uma perfeita adequação e tradução de todo imaginário nordestino de princesas, monstros e mitos como Lampião e Padre Cícero” (CARVALHO, 2011, p. 17).

A partir dessa técnica, Carvalho Déda confeccionou mais de 400 charges e caricaturas, narrando alguns episódios políticos e corriqueiros na seção “A Piada da Semana”. Seu primeiro contato com a xilogravura deu-se quando era jovem, através dos livretos de cordéis. Por conta de sua habilidade com o estilete, adquirida no trabalho como sapateiro, começou a desenvolver suas próprias xilogravuras, a partir da edição nº 346, do dia 23 de maio de 1959, até a última edição do jornal. Com o seu falecimento em 02 de setembro 1968, as charges publicadas no jornal eram compilações de edições anteriores³, fazendo uso da assinatura: “Original de ZELIS”, pseudônimo criado por Carvalho Déda, e assinado somente em duas charges. Charges e Caricaturas publicadas em A Piada da Semana por ano:

3 Seu filho Carlos Alberto também confeccionou algumas charges, desenvolveu tal habilidade vendo seu pai. Porém, seus traços são diferentes, e somente foram publicadas em poucas seções do semanário.

Tabela 1: Publicações da seção “A Piada da Semana”

| Ano | Quantidade |
|--------------------|-------------------|
| 1959 | 46 |
| 1960 | 61 |
| 1961 | 63 |
| 1962 | 53 |
| 1963 | 52 |
| 1964 | 53 |
| 1965 | 52 |
| 1966 | 21 |
| 1967 | 3 |
| 1968 | 32 |
| Soma Total: | 436 |

Fonte: A SEMANA, edições referentes aos anos 1959 a 1968.

Os dados dessa tabela revelam a periodicidade da seção “A Piada da Semana”, ano após ano, realçando a significativa quantidade de publicações, excluindo as charges ou caricaturas reeditadas no periódico. Observa-se que nos anos de 1959, 1960 e 1961 houve uma grande quantidade de charges reveladoras do apoio político a Jânio Quadros e seus aliados, em virtude da vinculação partidária udenista de Carvalho Déda, um dos líderes políticos locais.

Já nos anos de 1966 e 1967 houve uma baixa produção de charges e caricaturas na seção, que foi interrompida a partir da edição nº 717, divulgada no dia 02 de julho de 1966, retornando somente na nº 775, publicada no dia 16 de dezembro de 1967. Um dos fatores que colaborou para esse rompimento de publicações, segundo Carlos Alberto, foi em decorrência de problemas de saúde de Carvalho Déda.

As publicações das charges e caricaturas auxiliaram de modo significativo a divulgação d'*A Semana*, pois os desenhos gráficos de Carvalho Déda conseguiam atrair o público leitor e não leitor. Isso pode ser observado no próprio jornal, quando se repetiam as xilogravuras e, em nota de rodapé, Zeca Déda colocava lembretes de que a “piada” foi novamente reprisada por causa dos diferentes pedidos de seus leitores. Outro motivo para essa repetição decorre também da sua vida dupla: como jornalista e deputado estadual, dividindo o tempo entre a cidade de Simão Dias e Aracaju.

Sobre a seção “A Piada da Semana”, Luiz Santa Bárbara (2017) relatou que essa nova moldagem no semanário atraiu ainda mais o público, com os munícipes procurando a sede do jornal para descobrir qual seria a piada daquela semana. Desse modo, as charges e caricaturas mantinham diferentes finalidades no periódico, perpassando a sua finalidade informativa, estética e artesanal, com destaque para o humor nas edições do semanário.

Carlos Alberto (2016), em artigo publicado em sua rede social, relata que o uso da técnica xilográfica para produzir as charges foi devido às dificuldades existentes na confecção do semanário, e também pelo custo que se tinha em relação as passagens para a capital, pois, como na cidade não tinha meios adequados para fabricação de gravuras, através de novas técnicas mais sofisticadas e ágeis, muitos desses trabalhos eram feitos em “Aracaju, em um laboratório que ficava na Rua 7 de Setembro ou Vitória Torta” (DÉDA, 2016).

Além da técnica utilizada, importante enfatizar que os desenhos gráficos auxiliaram para despertar a memória de acontecimentos passados e, conseqüentemente, o seu teor identitário, representativo do pertencimento ao município e à nação. Zygmunt Bauman (2005) traz uma análise expressiva sobre a importância da questão identitária:

(...) a “identidade” é uma ideia inescapavelmente ambígua, uma faca de dois gumes. Pode ser um grito de guerra de indi-

vídus ou das comunidades que desejam ser por estes imaginadas. Num momento o gume da identidade é utilizado contra as “pressões coletivas” por indivíduos que se ressentem da conformidade e se apegam a suas próprias crenças (...) e a seus próprios modos de vida (BAUMAN, 2005, p. 82).

Nesse sentido, as charges e caricaturas de Carvalho Déda têm a configuração de “grito de guerra”, que, mesmo trazendo em determinadas gravuras uma postura partidária, soube pontuar elementos nos desenhos que despertam a crítica dos acontecimentos presentes. Sob a ótica do estudo da representação, é importante frisar que, no acervo gráfico produzido, existem elementos peculiares que repercutem como algo coletivo, dando destaque para as divisões do mundo social.

Roger Chartier (2002) enfatiza que os diferentes aspectos da representação nos distintos âmbitos possibilitam uma análise que colabora para a interpretação cognitiva de acontecimentos presentes no mundo, ou seja, através da análise da representação dos fragmentos produzidos pela sociedade. Desse modo,

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos como a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 2002, p. 17).

A representação em muitos momentos tem interesses de grupos e, ao fazer uma ponte com a produção gráfica de Carvalho Déda, pode-se constatar tal fato, pois, embora tenha atuado em outros jornais, principalmente na capital, o jornalista somente confeccionou as xilogravuras para o semanário *A Semana*, expondo as diferentes informações de modo dinâmico para o processo de construção ideológica na sociedade simão-diense e circunvizinhança.

Esse processo decorre pelo baixo grau de escolaridade existente na localidade, uma vez que as exposições dos desenhos servi-

riam como apêndice para as informações circulantes no período, fazendo com que mais pessoas tivessem contato com as notícias diárias. O processo de pintura dos desenhos era colorido de modo individual, utilizando sempre três cores: amarelo, azul e vermelho. Por conta da demora na secagem das imagens, esse procedimento de pintura foi interrompido.

Sob esse caráter da baixa escolaridade, ao analisar o jornal, observa-se uma grande quantidade de edições do semanário destacando a questão do analfabetismo e falta de investimentos educacionais no município. Importante lembrar que durante determinado período Carvalho Déda era inspetor escolar, fator que o auxiliou a compreender o grau de escolaridade e as mazelas da educação na cidade. Desse modo, como produto ideológico, as charges constituem um espaço privilegiado no semanário, exercendo o papel de condutor crítico dos diferentes acontecimentos atuantes. Segundo Mikhail Bakhtin (1997):

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e retrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia (BAKHTIN, 1997, p. 31).

Como forma codificada do signo, as charges tinham como objetivo a união do significante e significado, ou seja, a lembrança e o conceito, que unidos constituem a concepção do signo e a significância das imagens. “A Piada da Semana” teve sua aparição na edição nº 346. Mas a primeira charge teve sua publicação na edição anterior, nº 345, publicada no dia 16 de maio de 1959, na seção “Política em Pequenas Doses”.

Depois da criação daquela seção, as charges sempre tinham como plano de fundo as notícias publicadas no semanário, porém, a seção “Política em Pequenas Doses” e a seção “Coluna dos Lavradores” mantinham um caráter mais aprimorado nos desenhos gráficos. Suas mensagens ganhavam a representação com a pretensão de ganhar um teor humorístico, auxiliando dessa maneira para o processo de fixação e divulgação ideológica das informações.

Essa fixação dos desenhos gráficos publicados tinha como suporte a expressão da mensagem, decorrente do impacto visual causado pelas imagens na sociedade. Sylvia Leite (1996) aborda que, diferentemente das caricaturas verbais, as visuais tinham como principal base o impacto social, pois “uma rápida vista d’olho permite a imediata apreensão do conteúdo proposto, dispensando qualquer comentário escrito, seu efeito é global” (LEITE, 1996, p. 32). A primeira charge tinha como objetivo a reflexão da falta de investimentos no município para a compra de um automóvel.

Figura 1: Primeira charge.



Fonte: A SEMANA, nº345, 16/05/1959.

A charge comenta a compra de uma caminhoneta feita pelo prefeito da época, o senhor Pedro Almeida Valadares, criticando a interrupção do investimento em relação à inserção da energia de Paulo Afonso. Por esse motivo, a caminhoneta foi desenhada em cima de um poste de luz. A construção do personagem traz a conotação que ele está assíduo sobre as questões presentes no meio político da época. É possível notar a construção fisionômica, sendo confeccionado portando trajes a caráter, de um senhor que sempre viaja, com uma aparência amigável, e fica olhando para o poste de luz de maneira fixa, sem compreender como a caminhoneta chegou ali, ou seja, como a mesma foi comprada, se na época vários investimentos foram cortados?

Tomando como base o modo que o personagem foi confeccionado, o opositor Carvalho Déda conseguiu articular de maneira codificada o acontecimento presente no período, a fim de criticar a atuação do prefeito Pedro Valadares. O discurso construído

era crítico acerca da atuação do gestor no município, buscando persuadir a população para tornar-se consciente e a par das informações. A notícia sobre a compra da caminhoneta rendeu diferentes edições no semanário, questionando o real motivo para a aquisição do veículo.

Na edição nº 340, uma nota critica o investimento feito, retratando que

O Prefeito determinou o congelamento da tradicional verba orçamentária de 'Água e Luz para a Cadeia'. Será uma represália ao Governador que ainda não entregou a Delegacia ao grupo pessepista, ou será mesmo um plano de economia visando o pagamento da '320' em prazo mais curto? (DÉDA, 1959, p. 01).

A nota critica a questão do congelamento de investimentos básicos, levantando a hipótese de que o uso do dinheiro era para a compra da caminhoneta. No jornal, Carvalho Déda também enfatiza que, por diversos momentos, o automóvel era visto pelos munícipes na época, servindo de transporte particular e não como suporte para as necessidades dos funcionários da prefeitura.

Como forma de abranger questões de cunho nacional, Carvalho Déda enfatiza na charge um poste de energia elétrica, fazendo alusão à criação da usina de Paulo Afonso (BA), obra realizada pelo presidente Getúlio Vargas, vigorada a partir do Decreto-Lei nº 8.031, de outubro de 1945. A cidade de Simão Dias também foi beneficiada com a energia gerada na usina. Porém, como em outras regiões do Nordeste, os simãodienses tiveram que esperar por um longo tempo a instalação elétrica no município.

Nessa perspectiva, a distribuição de energia na cidade era feita através de geradores, gerenciados pela prefeitura, no que se refere ao controle e revisão dos maquinários. A compra da caminhoneta acarretou na restrição de muitos serviços para o

melhoramento da distribuição elétrica na cidade. Por esse motivo, a crítica exposta na charge abrange esses dois elementos, que juntos auxiliam para a compreensão da situação presente no momento, pois, mesmo havendo a implantação dos postes de luz que seriam contemplados pelo fornecimento elétrico da usina, a cidade mantinha outras preocupações maiores, não sendo necessária a compra de um automóvel

Figura 2: Tem que engolir.



Fonte: A SEMANA, nº 349, 1959, p. 02.

Na charge apresentada na figura 2, Carvalho Déda traz a crítica sobre quem iria ficar com a responsabilidade da compra do automóvel, ressaltando a aliança entre o PSP e PSD. Como o prefeito era do PSP e mantinha aliados do grupo PSD na cidade, a charge destaca sobre o “jogo de empurra”, existente sobre a compra. Veja que na imagem tem dois homens, um representando o PSP e outro o PSD. E a configuração elaborada destaca que o homem representando o PSP tenta colocar na boca do re-

presentante do PSD a caminhoneta, com o seguinte diálogo: “*O PSD: — A caminhoneta eu engulo, sim senhor... Só tô cum medo é destes abacaxis espinhentos*”. O uso dos abacaxis remete que na prefeitura não tinha somente a compra da caminhoneta como principais problemas, mas haviam outros impasses mais graves na administração de Pedro Almeida Valadares, que o grupo de aliança — PSD — não teria como ajudar a resolver, como a falta de energia elétrica; a prestação de contas da prefeitura; e a ausência de infraestrutura nas estradas e consertos de pontes.

Como membro de oposição aos partidos citados na charge, o modo ideológico elaborado na imagem traz como ponto central a falta de comprometimento com a população por parte da prefeitura, pois não conseguia resolver os problemas existentes e tentava colocar a culpa em outros membros partidários. Esse modo de confecção das charges foi elaborado em boa parte das imagens que criticam a figura do Pedro Valadares, assim como as siglas partidárias do PSD e do PSP.

2.1 Jânio Quadros e Leandro Maciel: rumo à presidência do país

De maneira cômica e crítica, Carvalho Déda conseguiu expor, em *A Semana*, um conjunto de acontecimentos presentes nos anos de 1959 a 1960, com destaque na figura de Jânio da Silva Quadros, que em sua campanha eleitoral utilizava o slogan: “Varrer a corrupção” e, nos debates eleitorais, tinha como símbolo uma vassoura.

Jânio Quadros mantinha uma postura crítica e denunciava os salários baixos dos trabalhadores. Para Maria Vitória Benevides (1989),

Jânio ainda defende os migrantes nordestinos, os motoristas de táxi (...), os líderes sindicais, os professores e os

aposentados; denuncia os latifundiários, a corrupção e a violência na política e o péssimo atendimento nos serviços de saúde; finalmente, é o nacionalista que repele os monopólios, os trustes e os cartéis (BENEVIDES, 1989, p. 59).

Segundo Ibarê Dantas (2017), Jânio era um hábil manipulador das massas, sendo que “adquiriu enorme popularidade e virou um mito que o Movimento Popular Jânio Quadros expandiu pelo país. Sua notoriedade fascinou inclusive políticos udenistas do Nordeste” (DANTAS, 2017, p. 249).

No dia 09 de outubro 1959, reuniram-se em Aracaju representantes udenistas distintos da região do Nordeste, tendo como pauta a política nacional presidencialista. Estavam presentes “os Governadores dos estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Bahia e Sergipe e (...) deputados Jânio Quadros e Magalhães Pinto, (...) ex-governador Leandro Maciel” (CORREIO DE ARACAJU, 10/10/1959, p. 01).

Em contrapartida, o *Diário de Sergipe* publica, na edição nº 3.001, no dia 13 de outubro de 1959, um artigo relatando sobre esse encontro, destacando que Jânio Quadros era “o maior demagogo de todos os tempos, candidato quase certo da UDN à Presidência da República” (DIÁRIO DE SERGIPE, 13/10/1959, p. 01)

Na ótica de Ibarê Dantas (2004), no ano de 1960 criou-se em Sergipe “o eixo competitivo PSD X UDN, que até então balizava o posicionamento das forças políticas” (DANTAS, 2004, p. 136). Nessa perspectiva, as informações na imprensa sergipana refletiam tais posicionamentos políticos, uma vez que muitos jornais na época se posicionavam de maneira tendenciosa, apoiando determinado grupo político. Como membro da UDN, Carvalho Déda configurou o jornal *A Semana*, fazendo uma forte campanha eleitoral a favor de Jânio Quadros, e em diferentes momentos era representado via charges e caricaturas.

Carvalho Déda publicou no dia 24 de junho 1959, edição nº 351 desse periódico, um comentário na seção “Políticas em Pequenas Doses”, destacando sobre a possível pré-candidatura de Jânio Quadros e Marechal Lott, em que as “lutas eleitorais se desenrolarão entre os dois paralelos” (A SEMANA, nº 351, 1959, p. 01). Para intensificar a informação, publicou no dia 11 de julho 1959, a presente charge:

Figura 3: Jânio X Lott.



Fonte: A SEMANA, nº 353, 1959, p.02

A montagem da charge traz elementos característicos em ambos as personagens. Jânio Quadros foi representado com um bigode avantajado, cabelos bagunçados, usando óculos, e o Marechal Lott sendo retratado careca, de boina, portando óculos e trajando vestes militares. Mesmo destacando as características singulares em ambos, é importante frisar que na charge existem elementos que auxiliam de maneira significativa no processo ideológico da crítica, como a vassoura de Jânio e a espada de Lott como meio de transporte.

Essa leitura enfatiza o caráter e slogan político de cada um, destacando que o Jânio Quadros varreria a corrupção do país e o

Marechal Lott exerceria de modo agressivo no poder, pelo motivo de ser ele um militar atuante em diferentes momentos da história do país. No cenário nacional, muitos entusiastas viam o marechal como “sucessor de Getúlio. O próprio Lott discursava lembrando a memória do presidente morto” (CARLONI, 2010, p. 194).

Carvalho Déda, que era da UDN, apoiava a candidatura de Jânio Quadros, veja que na charge a personagem aparece em tamanho maior do que a figura do Lott, trazendo a alusão de que Jânio era “melhor”, com intuito de atrair mais votos para o candidato na cidade de Simão Dias. Mas, mesmo havendo essa configuração, é importante destacar que em Sergipe havia se criado uma grande corrente contra a candidatura de Jânio, envolvendo os grupos políticos “PSD+PR+PSB+PTB+PRP+PCB, estimulada inclusive pela campanha da *Gazeta de Sergipe*, que sempre enaltecia as iniciativas consideradas nacionalistas. O PSD e o PR, embora marcados pelo conservadorismo, acompanharam o candidato Lott” (DANTAS, 2004, p. 136).

Porém, mesmo Carvalho Déda apoiando as escolhas da UDN, fez diversas críticas ao Jânio publicadas no semanário. Em artigo na seção “Coluna dos Lavradores”, utilizando o pseudônimo João Sem Terra, Carvalho Déda critica as escolhas para a disputa presidencialista, destacando que para representar o povo, não deveria ser uma espada, nem uma vassoura e sim uma enxada “bem encabada e bem batida, simbolizando a reforma agrária” (A SEMANA, 11/07/1959, p. 01).

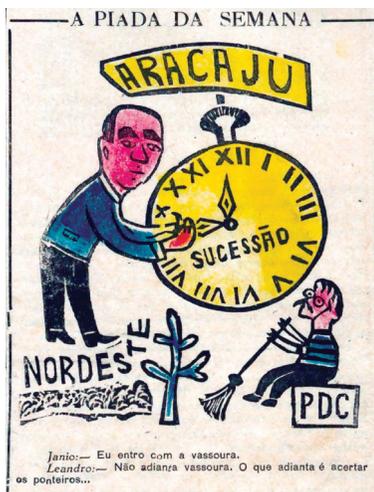
As investidas de apoio ao Jânio Quadros se intensificaram a partir do momento que Leandro Maciel foi indicado pelos membros da UDN para pleitear o cargo de vice-presidência, acordo firmado em reunião no Rio de Janeiro, com a participação de “Magalhães Pinto, Presidente da UDN, Governador Juraci Magalhães, Cid, Sampaio, Dinarti Mariz, Luiz Garcia e

representantes udenistas, credenciados do norte e nordeste do Brasil” (CORREIO DO PARANÁ, 06/11/1959, p. 01).

A notícia era reforçada na imprensa sergipana, com o *Correio de Aracaju* procurando manter ativo o perfil do Leandro Maciel. Segundo esses escritos dos jornalistas, Sergipe estaria bem representado com a escolha do ex-governador para o cargo de vice, pois “deu uma forte demonstração do que, sempre fiel ao seu passado de lutas gloriosas travadas nas praças públicas e no Parlamento, estará presente na batalha sucessória que se aproxima” (CORREIO DE SERGIPE, 09/11/1959, p. 02).

Antes mesmo de eclodir as diferentes notícias sobre a aliança de Jânio Quadros e Leandro Maciel, Carvalho Déda, nas edições nº 367 e 368, na seção “Política em Pequenas Doses”, fez comentários sobre a possível união, relatando que seria uma dobradinha eleitoral, com a volta do ex-governador aos pleitos eleitorais. Desse modo, na edição nº 369, publicada no dia 31 outubro de 1959, foi divulgada uma charge demonstrando o possível pacto dos dois.

Figura 4: Acertando os ponteiros.



Fonte: A SEMANA, nº 369, 1959, p. 02.

Os elementos que compõem a charge trazem consigo a representação da influência que Leandro Maciel tinha na região do Nordeste. Por esse motivo foi representado em tamanho maior, com trajes formais e em cima do nome “NORDESTE”, trazendo alusão de que se houvesse a aliança, Jânio Quadros ganharia um grande número de votos na região. O prestígio de Leandro Maciel “continuava elevado no seio da agremiação situacionista. Inquieto, astuto e bem articulado, ao deixar o governo, continuou mantendo contatos com as lideranças do partido, no âmbito nacional” (DANTAS, 2004, p. 137). Fator esse que auxiliaria ao pleito do Jânio Quadros no Nordeste e em outras regiões do país, pois, era visto como um ser descompassado e desengonçado, como retratado na charge.

A crítica principal da imagem está na mensagem sobre a monotonia do Jânio Quadros no Partido Democrático Cristão (PDC), uma vez que seus argumentos centrais ficavam restritos somente em varrer a corrupção. Por esse motivo o personagem está sentado nas siglas do PDC com a vassoura nas mãos, observando atentamente às colocações do Leandro Maciel, para que houvesse os acertos corretos necessários na política. As eleições estavam se aproximando e ele deveria ter melhores argumentos para concorrer ao pleito. Na charge, Leandro Maciel aparece ajustando as horas do relógio, olhando para o Jânio Quadros, dando sentido que estava ensinando como fazer o certo.

A caracterização do sentido imagético feita por Carvalho Déda, em relação à Leandro, transcende a sua personalidade, influenciado por sua forte amizade com o candidato, que por determinado período foi líder do seu governo. Na charge, o tamanho do Leandro indica também que ele seria melhor do que o Jânio, pois a UDN insistia na aliança dos dois, fator esse que não agradava muito a Quadros. Dantas (2017, p. 252) aborda que quando iniciou os comícios em direção ao Acre, Jânio não fazia questão da presença do Leandro, chegando a convidar o Fernando Ferrari para acompanhá-lo.

Irritado com as escolhas da UDN, Jânio renuncia à candidatura. Segundo Ibarê Dantas, “seu objetivo era demonstrar que a UDN era apenas um dos partidos que o apoiavam” (DANTAS, 2017, p. 253). A renúncia do Jânio Quadros foi alvo de diferentes debates nos jornais da época. O *Diário de Sergipe*, na primeira página da edição nº 3.015, publicada em 01 de dezembro de 1959, trouxe em destaque a nota jornalística: “*Sonho, desespero e ilusão: triste recordação da ‘vassoura’ do Jânio, para o udenismo brasileiro*”. No artigo, o jornalista, que manteve sua identificação anônima, faz uma recordação dos momentos decisivos para a escolha do Leandro Maciel a vice-presidente de Jânio Quadros, destacando a reunião dos governadores no Nordeste, que ocorreu às portas fechadas no Palácio Olímpio Campos.

A nota também traz um panorama sobre a comoção social em Aracaju, relatando que a bancada udenista sergipana estava certa que seria vencedora no pleito, quando houve a possível “renúncia” de Quadros. A nota frisa também que a UDN sofreu um grande prejuízo, onde:

As 40.000 (quarenta mil) vassouras encomendadas e as faixas distribuídas em vários pontos de nossa cidade e principalmente os cofres estaduais foram gravemente abalados pela “brincadeira de mau gosto” do Jânio-Leandro. Hoje só resta para o udenismo brasileiro, Sonho, Desespero e Ilusão. Jânio Quadros, de fato, deu uma “vassourada” em regra nos precipitados udenistas de todo o território nacional (DIÁRIO DE SERGIPE, 01/12/1959, p. 01).

Em contraposição às inúmeras críticas sobre o acontecido, os jornais aliados traziam manchetes relatando o posicionamento da UDN e elogiando o caráter de Leandro Maciel frente ao episódio. Nas edições nº 6.314 e 6.315, o *Correio de Aracaju* traz notas sobre a carta de Jânio Quadros enviada a Magalhães Pinto, enfatizando o espanto do diretor nacional da UDN com o recebimento da mesma.

N' *A Semana*, a edição nº 373 traz na primeira página a manchete com o título: “*Jânio Quadros desertou: gesto apolítico de um candidato — surpresa em todas as áreas políticas — Leandro Maciel resignatário*” (*A SEMANA*, nº 373, 1959, p. 01).

Para Carvalho Déda, Jânio abandonou a candidatura “quando recebia os maiores aplausos do povo e de respeitáveis agremiações partidárias. Fugiu deixando o seu rasto numa lacônica carta” (*A SEMANA*, nº 373, 1959, p. 01).

Esse episódio afetou a política sergipana e as alianças políticas na época, mas Carvalho Déda não fez nenhuma charge ou caricatura criticando a saída de Jânio Quadros nesse primeiro momento, externando posicionamento parcial ao acontecimento. A imagem do Jânio e Leandro somente apareceu no semanário na edição nº 376, publicada em 19 de dezembro de 1959, demonstrando uma conversação entre Quadros e Maciel, destacando que a saída do pleito foi para uma possível mediação sobre a situação da política.

Figura 5: Volta de Jânio.



Fonte: *A SEMANA*, nº376, 19/12/1959, p.02.

Na charge é possível observar que a caracterização fisionômica do personagem Jânio Quadros está com conotação de boa aparência, uma vez que se apresenta com cabelos arrumados e portando trajes formais. Diferentemente das outras charges, em que o personagem foi confeccionado com cabelos bagunçados e desengonçado, dando a perspectiva que não estava seguindo corretamente as sugestões partidárias na época, principalmente sobre a questão da aliança com o seu vice. Através dessa charge, Carvalho Déda pôde representar que estava tudo correndo corretamente e tranquilo no seio da UDN, sendo que a volta de Jânio Quadros trouxe significativas animações ao partido e aos seus correligionários.

Fazendo uma ligação com as notícias publicadas no *Correio de Aracaju*, é possível observar como a ligação de Jânio Quadros e Leandro Maciel estavam mais próximos, sendo representada na charge através do diálogo informal, uma vez que o personagem de Leandro faz menção ao cabelo do Jânio, fazendo gestos que ambos iriam abraçar-se e estavam felizes em revê-los.

Na edição nº 6.317 do *Correio de Aracaju*, traz na primeira página a matéria: “Jânio: Só voltarei com Leandro”. No artigo, os jornalistas se debruçaram sobre o apego que houve para a volta do Jânio, que “Depois de 2 horas de debates, os presidentes da UDN, PTN, PST, PDC e PL e os governadores Carvalho Pinto e Cid Sampaio decidiram enviar um manifesto ao deputado Jânio Quadros propondo a desistência de sua renúncia” (CORREIO DE ARACAJU, 02/12/1959, p. 01). Assim, Jânio Quadros havia entrado em contato com Carvalho Pinto, fazendo algumas exigências para a sua volta, sendo uma delas a aliança com Leandro Maciel. Depois do ocorrido, a UDN apoiou, de maneira intensiva, a candidatura do Jânio Quadros.

Na edição, nº 379, publicada no dia 09 janeiro de 1960, Carvalho Déda, por meio do seu pseudônimo João Sem Terra, na seção “Coluna dos Lavradores”, publica artigo relatando uma conversa com uns amigos camponeses, vindos de São Paulo recentemente, sobre como Jânio Quadros agiu na cidade de São Paulo. Na nota observa-se uma mediação ideológica reforçando que Jânio seria a melhor escolha, pois era “um homem pobre, mas honesto e de boa t^{em}pera” (A SEMANA, 1960, p. 01), atuante na varredura da “podridão” eleitoral.

Como diretor regional da UDN em Simão Dias, Carvalho Déda configurou, nesse artigo, uma manobra de fortalecer os votos a favor de Jânio Quadros, utilizando como meio de articulação a seção destinada para assuntos agrários e cotidiano dos sertanejos, enfatizando como seria benéfica para os agricultores a vitória do Jânio Quadros no pleito, sendo que iria ajudar nas questões do campo.

No final do artigo, Carvalho Déda enfatiza que aos “meus amigos lavradores se preparem para dar a necessária ajuda ao Jânio Quadros; nem que seja palha para reforçar sua vassoura, a vassoura de que o Brasil está precisando” (A SEMANA, 1960, p. 01).

Para além de sua posição na UDN, é importante destacar que as inúmeras publicações a favor ao Quadros tinham como intenção ganhar mais aliados ao candidato, pois uma grande parcela de votantes na cidade de Simão Dias apoiava o PSP aliado ao PSD, liderado pelo prefeito Pedro Almeida Valadares. Na mesma edição, Carvalho Déda confeccionou uma charge abordando a aliança da UDN com o Jânio Quadros. Na composição da imagem é possível perceber que a UDN estava a todo instante manobrando a candidatura do presidencialível.

Figura 6: UDN segue junto.



Fonte: A SEMANA, nº 379, 09/01/1960, p. 02.

A ilustração apresenta um diálogo em que Jânio Quadros é retratado como “medroso” e a UDN um partido seguro e firme, por meio da figura de uma mulher, cujas formas fisionômicas apresentam traços de senhora comportada e culta, demonstrando que os representantes políticos do partido eram respeitados e estavam querendo colocar o candidato no eixo correto. Analisando as fontes, foi possível perceber que a charge faz uma ponte com o artigo publicado na seção “Coluna dos Lavradores”, na qual enfatiza-se, para a sociedade simão-diense, que a UDN estava atuando sempre em prol da população e que Jânio iria seguir as colocações debatidas dentro do partido, uma vez que ambos seguiriam juntos, principalmente para tomar decisões benéficas para a nação.

Desse modo, a propaganda eleitoral criada em *A Semana* se intensificava cada vez mais. Segundo Garcia (2005), as ideologias difundidas através das propagandas incorporam na sociedade por meio das “mensagens, vinculadas pelos meios de comunicação ou divulgadas diretamente através de discursos e

apelos pessoais, convidam a votar em determinado candidato, enaltecem suas qualidades e informam sobre as obras que realizou” (GARCIA, 2005, p. 08-09). A figura 05 não mostra as benfeitorias de Jânio Quadros, mas engrandece a imagem da UDN, onde tem a configuração de mais poderosa.

Os debates eleitorais seguiam seu curso e a escolha do vice também. Na edição nº 382, publicada no dia 30 de janeiro de 1960, foi divulgada uma charge trazendo a figura do Leandro Maciel X Fernando Ferrari. Na ilustração é possível perceber o mapa do Brasil, dividido em cores diferentes com o intuito de mostrar a localidade e dimensão que ambos os candidatos tinham.

Figura 7: Maciel X Ferrari.



Fonte: A SEMANA, nº 382, 30/01/1960, p. 02.

A ideia passada na ilustração demonstra que Leandro Maciel tinha controle eleitoral em uma grande extensão territorial, sendo abordada na charge com a cor amarela, e Ferrari somente mantinha apoio no Sul do país, apontada na cor verde. Novamente a imagem do Leandro Maciel é exaltada, posto que foi elaborada de

forma gigante, com conotação de mostrar o seu poderio eleitoral e as suas redes de apoio, mostrando no mapa o espaço que suas alianças chegavam, envolvendo entre norte, nordeste e leste. Essa posição de Leandro Maciel seria uma estratégia fundamental para a aliança do Jânio Quadros, pois “boa parte dos nordestinos passou a vê-lo com simpatia na medida em que sua atuação poderia trazer benefícios ao seu povo” (DANTAS, 2017, pp. 257-258).

Segundo Ibarê Dantas (2017, p. 258), na imprensa sergipana, a imagem do Leandro Maciel tinha uma dupla colocação, uma vez que uma parte criticava o seu desempenho na política, culpando-o por alguns problemas no estado. Em contrapartida, havia os seus simpatizantes, que elogiavam de modo intensivo o seu desempenho frente à política.

Nessa composição, para além das charges já analisadas, Carvalho Déda desenvolveu no semanário uma cartilha mostrando as ideologias do Jânio e Leandro, fazendo um contraponto, a fim de demonstrar que a dupla consistia em um caráter decisivo para o pleito eleitoral, sendo que a figura do Leandro Maciel tinha mais argumentos e experiências do que o próprio Jânio. A presente cartilha trazia que:

Imagem 1: Jânio – Leandro.



Fonte: A SEMANA, nº 384, 13/02/1960, p.04.

A construção da cartilha é uma forma de reforçar como era o posicionamento de Leandro Maciel, dado que em muitos momentos durante a campanha eleitoral atuava sozinho. Dantas (2017) destaca a variedade de manifestações existentes no período, e a germinação de problemas no seio do convívio de Leandro Maciel e Jânio Quadros “inclusive pelas suas diferenças. Enquanto o candidato à presidência esbanjava energia com seus 43 anos, Leandro já se ressentia do peso dos 62 anos e era chamado de velho” (DANTAS, 2017, pp. 258-259).

Mesmo havendo essa construção da imagem de Leandro Maciel, Carvalho Déda, a todo instante, utilizava a questão da idade para retratação da sabedoria política adquirida, por esse motivo em muitas imagens o personagem é retratado como maioral. Essa construção também era devido ao modo de lidar no meio político, uma vez que fazendo um contraponto com o Jânio Quadros, Leandro tinha uma apresentação elaborada.

Novamente segundo Dantas (2017),

o primeiro se apresentava com gestos grotescos, variando do patético ao pitoresco, o segundo manifestava-se sóbrio, contido. Na oratória do ex-governador de São Paulo despistava das questões substantivas e revelava seu estilo teatral, dramático, exaltando, com frases de efeito, fazendo a multidão delirar, bem diferente do ex-governador de Sergipe que se mostrava sereno com discurso linear, direto e um tanto monocórdio (DANTAS, 2017, p. 259).

Desse modo, havia um convívio possível. Em 25 de abril 1960, Leandro Maciel renuncia ao cargo de vice, porém, Ibarê Dantas anuncia que a falta de concordância não era o ponto principal, e sim a falta de financiamento por parte da UDN em prol da candidatura de Leandro Maciel, pois “o vice não incor-

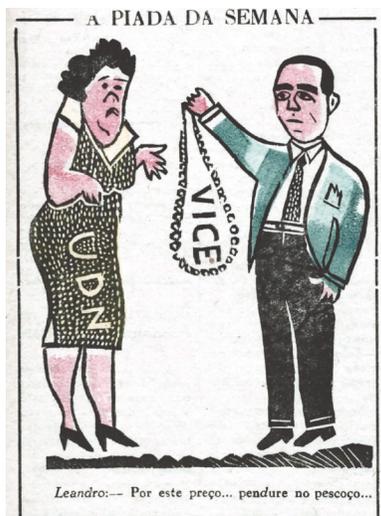
porava os votos do titular e (...) Jânio foi-se revelando favorito, a concorrência entre Leandro e Ferrari acentuou-se. As dificuldades aumentaram quando a aliança Jan-Jan (...) se expandiu (...) passou a receber a simpatia dos eleitores da UDN” (DANTAS, 2017, p. 259).

Os jornais partidários destacavam que foi um ato esperado. Em artigo datado de 27 de abril de 1960, o *Correio de Aracaju* divulga, em primeira página, a notícia sobre a renúncia de Leandro Maciel, reiterando a forte personalidade do candidato. Na nota, enfatiza que o “Governo da República, temeroso dos resultados de uma luta democrática nas urnas, apelou então para o seu método especial: o suborno de par com as chantagens” (CORREIO DE ARACAJU, nº 6.379, 1960, p. 01).

Em *A Semana*, Carvalho Déda não fala sobre questões de suborno, porém destaca que o meio político sofreu um forte abalo com a saída de Leandro Maciel do pleito eleitoral, enfatizando que já era esperada essa atitude, pois “vivia, nos últimos dias, o drama do abandono. Sentiu o líder udenista a falta de cobertura a sua candidatura, por parte do seu próprio partido” (A SEMANA, nº 395, 1960, p. 01).

Utilizando-se dessa informação, confeccionou uma charge, publicada em 14 de maio de 1960, sobre o assunto.

Figura 8: Renúncia Leandro Maciel.



Fonte: A SEMANA, nº 397, 14/05/1960, p. 02.

A ilustração traz a figura de Leandro Maciel entregando uma corrente para uma senhora que está representando a UDN. Nota-se que as características fisionômicas dele está diferente, com expressão séria, dando a demonstrar que não suportava mais as imposições do partido. Essa concepção, ao ser representado entregando a corrente, demonstra que estava se livrando de um peso, ou seja, a corrente que estava sendo carregada em seu pescoço. Além da quebra da corrente existente entre os dois candidatos. Nessa charge, a representação da UDN foi confeccionada através de uma senhora, “rechonchuda”, sem compreender o real motivo da renúncia do vice.

Deste modo, estabelecendo um nexos com o artigo publicado no *Correio de Aracaju*, é possível perceber a crítica de Carvalho Déda em relação ao suborno do partido, que não tinha sido escrito no artigo. Mas através da charge ele conseguiu relacionar a própria do partido com o peso corporal da senhora representada na imagem, visto que a aparência descabelada remete ao desespe-

ro de muitos aliados ao partido, pois não sabiam o que fazer para modificar aquela situação.

Como amigo de Leandro Maciel e membro ativo da UDN, Carvalho Déda não faz nessa charge e nem em outras críticas destacando detalhes sobre o impacto do acontecimento na política sergipana. Através da legenda da charge, Carvalho Déda usa da ironia para apoiar a atitude de Leandro Maciel. Essa concepção fica visível ao relacionar a imagem do colar que candidato está entregando à senhora UDN, com o escrito da legenda, ao falar que: “*Por esse preço... pendure no pescoço...*”, ou seja, se referia a falta de apoio existente.

2.2 Jânio Quadros: candidatura e vitória

Com a saída de Leandro Maciel, as charges de apoio para campanha do Jânio Quadros diminuíram no periódico. Somente se intensificaram em meados do mês de setembro, quando foi feita novamente uma forte campanha eleitoral apoiando o presidencial. Mesmo assim, a caracterização do personagem passou a ter uma intensa conotação irônica, com fisionomia modificada, em alguns casos trazendo à tona a configuração do riso de zombaria, uma vez que alguns defeitos ocultos do personagem foram apresentados. Segundo V. Propp (1992), “todo o vasto campo da sátira baseia-se no riso de zombaria. E é exatamente este tipo de riso o que mais se encontra na vida” (PROPP, 1992, p. 28), principalmente no campo jornalístico.

Ao analisar o humor contido nas charges jornalísticas, Romualdo (2000) enfatiza que para além da ironia e do próprio humor, os artistas gráficos são capazes de guiar os leitores para novas concepções, em relação ao acontecimento ou personalidade, onde ao caricaturar uma personagem política, o chargista usa de forma hiperbólica as linhas e faz, sublinhando certos traços

físicos do caricaturado, um julgamento de valor. Portanto, na charge, a caricatura é um meio de mostrar os defeitos velados dos caricaturados” (ROMUALDO, 2000, p. 55).

Para este autor,

A caricatura (...), ao revelar os defeitos ocultos, causa a retirada da máscara da seriedade/autoridade, usada pelos poderosos. Mas isso só é possível se realizarmos uma dupla leitura: lemos a seriedade/autoridade (primeira máscara) e, ao mesmo tempo, a ridicularização dessa autoridade/seriedade (segunda máscara). Ambas leituras estão pressupostas para o entendimento da charge (ROMUALDO, 2000, p. 56).

Carvalho Déda conseguiu incorporar essas duas concepções nas suas charges, sempre tentando esconder a ridicularização do personagem. Porém, ao analisar o desenho é possível observar que, em algumas charges, Jânio Quadros é caricaturado apresentando aspectos de alienado, como observado na figura 9.

Figura 9: No tabuleiro da baiana.



Fonte: A SEMANA, nº 402, 1960, p. 02.

A charge acima traz um cenário destacando o diálogo de Jânio Quadros com uma baiana no tabuleiro de acarajé, realçando a viagem do presidenciável à cidade de Salvador (BA), através do diálogo amigável transparece a recepção feita pelos baianos. A ironia aparece na construção da legenda, ao destacar que a pimenta ficaria para o Juracy. Nesse sentido, Carvalho Déda abrange que o governador da Bahia teria embates com o Juscelino Kubitschek, pois o presidente estava apoiando o candidato e, com a visita do Jânio Quadros, o Juracy recepcionou o candidato, subindo “no mesmo palanque, no mesmo comício, apoiando o nome do grande candidato popular” (CORREIO DE ARACAJU, 08/06/1960, p. 02).

A característica fisionômica do Jânio Quadros traz para a charge a configuração de espanto com a ligação do Juracy, pois, tal atitude poderia render consequências, já que estava sendo apoiado por JK. Na imagem, é possível notar também o fogo alto no tacho de acarajé, demonstrando dessa forma que a política estava passando por momentos quentes e acentuados.

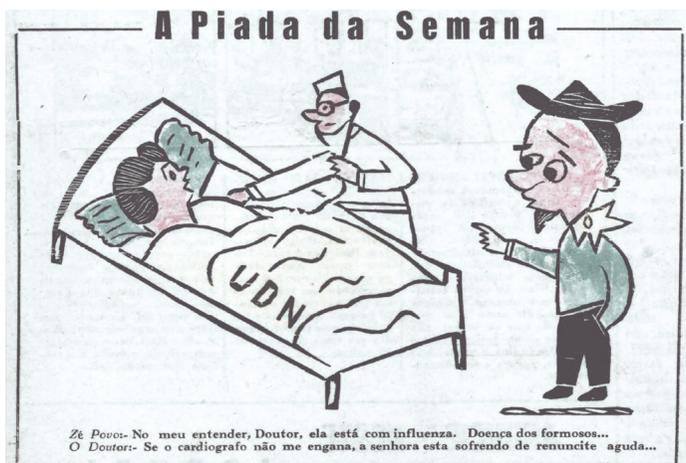
A volta do Jânio Quadros para São Paulo trouxe uma nova comoção para a UDN, por conta de sua ausência em uma reunião partidária. O jornal catarinense *O Estado* apresenta, em primeira página, artigo sobre a viagem, relatando o não comparecimento do presidenciável na reunião da UDN em São Paulo. A nota enfatiza a questão de uma ameaça feita pelo candidato aos líderes do partido:

O sr. Jânio Quadros deu o “bôlo” nos dirigentes nacionais da UDN e em 2 mil pessoas que se comprimiam no interior do Cine Centenário, em São Paulo, para assistir ao lançamento da candidatura do sr. Milton Campos à vice-presidência da República. O senador mineiro procurou esconder sua decepção dizendo que a festa era mesmo udenista, mas em todos os setores da UDN, era enorme a indignação e a revolta contra a candidatura presidencial.

O sr. Jânio ainda ameaçou nova renúncia por causa de anúncio em que a UDN dizia que o sr. Milton Campos era o candidato oficial do ex-governador à vice-presidência (O ESTADO, 14/06/1960, p. 01).

A partir do acontecido, Carvalho Déda confeccionou uma charge, colocando em destaque o personagem Zé Povo juntamente com um médico. Nessa ilustração traz à tona o caráter da preocupação dos líderes udenistas em relação a essa possível ameaça do Jânio. A figura do Zé Povo, nesse caso, serviu para enfatizar que a população estava atenta a tais notícias e gostaria de saber o que iria ser feito.

Figura 10: Dona UDN na consulta.

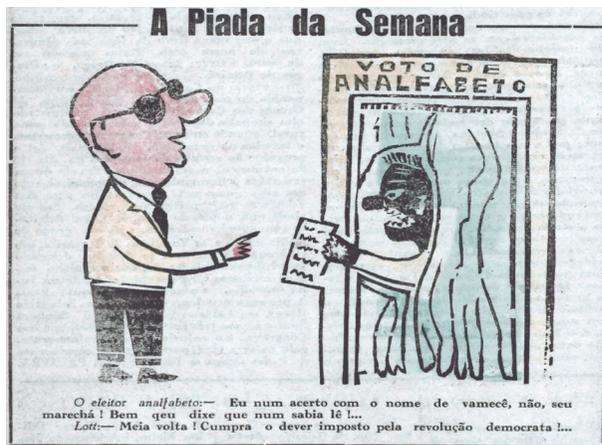


Fonte: A SEMANA, nº 402, 1960, p. 02.

Nota-se a imagem de uma senhora acamada, está assustada, trazendo a ideia que não sabia o que iria fazer para conter aquela situação. A figura do Zé Povo mostra uma configuração duvidosa, remetendo a maneira como a população estava se colocando frente à circunstância. Ao observar a charge, é possível verificar que a crítica do Carvalho Déda pontuava-se no personagem do médico, situando que a UDN estava passando por aquela insegurança, por falta de consulta a outros dirigentes e principalmente

a população. Por esse motivo que aparece o médico e o personagem Zé Povo. A figura do Jânio Quadros, depois da visita a Salvador, somente começou a aparecer na seção em meados de setembro. Antes, Carvalho Déda somente divulgava no jornal a configuração da política simãoodiense e, em alguns casos, a figura do Marechal Lott. Desse modo, é possível perceber que a insegurança transmitida por Jânio Quadros era algo que trazia dúvidas à UDN, sendo que Carvalho Déda não via motivos para expor através dos desenhos gráficos tais atos, escondendo as manifestações provocadas pelo presidenciável. Como forma de crítica à candidatura do Marechal Lott, foi publicada, no dia 30 de julho de 1960, uma charge enfatizando que o marechal obrigava os seus eleitores a votar, sendo tratados como analfabetos eleitorais.

Figura 11: Voto de analfabeto.



Fonte: A SEMANA, nº 408, 1960, p. 02.

A charge desloca para o palco de debates elementos que criticam a possível compra de votos por parte do partido do PSD. A confecção do personagem Marechal Lott remete ao boneco Pinóquio, principalmente na característica da mentira, sendo o principal motivo para o nariz avantajado. Na imagem, também transparece a

busca por pessoas que viviam em condições periféricas da sociedade e com baixos níveis de escolaridade. Tal fato está sendo demonstrado através do homem negro na cabine de votação. O uso do lençol na cabine não remete somente a questão da privacidade do eleitor no ato de votação. Mas também a configuração de uma faixa de circo, trazendo para a charge a crítica sobre atuação de Lott e seus aliados, principalmente em querer convencer a população mais necessitada.

Através dessa abordagem de circo, na edição nº 415, Carvalho Déda publica uma charge, colocando cada candidato como um palhaço de circo. Desse modo, coloca como plano central a figura dos três principais candidatos ao poder da República, sendo eles: o engolidor de espada, representando Marechal Lott; o engolidor de vassoura, referindo-se ao Jânio; e o engolidor de sapos, trazendo a figura do Ademar.

Figura 12: Grande circo.



Fonte: A SEMANA, nº 415, 1960, p. 02.

Mais uma vez, aparece a imagem do Zé Povo, com aspecto de confuso sem compreender a bagunça na política nacional, uma vez

que cada candidato estava fazendo coisas inusitadas para conseguir votos ao seu favor. Essa charge foi a última de cunho nacional antes das eleições. Jânio Quadros saiu vitorioso “nas eleições presidenciais de 1960 graças ao esmagador apoio que lhe conferem quase 6 milhões de votos” (FAUSTO, 2004, p. 170), que foi representada em charge da edição nº 421.

Figura 13: Grande vitória.



Fonte: A SEMANA, nº 421, 1960, p. 02.

A imagem apresenta o Jânio Quadros em tamanho maior erguendo a vassoura. Nota-se que a fisionomia do personagem está acentuada com cabelos arrumados e roupas formais. Os demais personagens foram confeccionados em tamanho menor, com Ademar de Barros sentado no chão, trazendo a concepção de arrasado com a derrota na eleição. A figura do Marechal Lott aparece assustado, olhando para Jânio Quadros, também foi construído de forma menor e em sua mão tem a espada entortada, sendo erguida para o presidente, como forma de simbolizar que estava entregando os pontos.

Essa charge incute a ideia de que Jânio Quadros era a melhor escolha e por isso fora eleito pela população. Enfatiza também a característica que ele era um grande político e iria varrer a corrupção no país, daí a forma exaltada do personagem levantando a vassoura, e na legenda traz a entonação “*Vamos varrer a vergonheira!*”.

Na edição nº 430, publicada em 31 de dezembro de 1960, foi divulgada uma charge relatando sobre a vinda de Jânio Quadros no ano seguinte. Dessa vez, a imagem apresenta o presidente sentado em cima de um abacaxi, com uma fisionomia de espanto, com olhos arregalados com medo do que iria enfrentar, dando a demonstrar que estava inseguro, razão essa de aparecer sério.

Figura 14: O abacaxi vem aí.



Fonte: A SEMANA, nº 430, 1960, p.02.

As aparições de Jânio Quadros nas charges diminuíram no decorrer do ano de 1961, sendo somente registrados alguns episódios, como a posse da presidência, o fechamento dos jogos de roleta e a sua renúncia. Todos esses momentos foram representados de modo afável, sem ter uma densidade crítica e nem entoação de irônico ou humorístico. Sobre a renúncia, a charge foi a mesma

figura 14, só que no lugar do ano foi colocado o nome “fim”, demonstrando que da mesma forma que conseguiu entrar na presidência, saiu dela montado novamente em um grande abacaxi, ou seja, em meio a grandes problemas que não conseguiu resolvê-los.

Mesmo atuante na UDN, Carvalho Déda soube desenvolver uma visão crítica nas charges sobre a campanha e governança de Jânio Quadros, as quais somente começaram de modo contínuo no semanário a partir do momento que Leandro Maciel renunciou à candidatura como vice. Nota-se que muitos acontecimentos foram amenizados, motivo esse decorrente da sua posição partidária. Diferentemente ao que aconteceu com o João Goulart, em suas aparições nas charges na seção “A Piada da Semana”, Carvalho Déda fez uma linearidade de críticas sobre as diferentes reivindicações que o presidente desenvolvia.

2.3 De João Goulart ao período ditatorial sob a ótica de Carvalho Déda

Com a renúncia de Jânio Quadros, o seu vice João Belchior Marques Goulart, mais conhecido como João Goulart, assumiu o poder da presidência no dia 07 de setembro de 1961, através da aprovação do regime parlamentarista, manobra por conta de ter sido “(...) rejeitado pelos militares” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 626). Seu governo iniciou sob uma forte crise que assolava o Brasil, marcada por uma “(...) forte efervescência e instabilidade política” (DELGADO, 2010, p. 126).

Em *A Semana*, na edição nº 466, publicada em 09 de setembro de 1961, exhibe em primeira página uma nota relatando como havia sido a posse do presidente, destacando que:

(...) A sua posse, porém, não foi pacífica, porque precedida de uma grande crise político-militar que intranquilizou a Nação durante muitos dias e que resultou em profunda modificação no regime. Assumiu a Presidência, mas não assumiu o Governo pleno da República (A SEMANA, nº 466, 1961, p. 01).

Notas jornalísticas, como a publicada em *A Semana*, foram escritas em diversos estados do país, mostrando para a população as zonas de impasses que Jango iria enfrentar em sua estadia no poder da presidência por conta da crise que o Brasil estava enfrentando no período. Sobre o papel desempenhado na imprensa durante o período da renúncia de Jânio Quadros, posse de João Goulart e Golpe de 1964, Rodrigo Lima Braga (2018) faz um estudo macro de tais acontecimentos, desenvolvido a partir de manchetes, editoriais, notas e seções da imprensa escrita nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, que evidenciou o papel decisivo da imprensa no desenrolar da crise política, econômica e social brasileira. Em âmbito local, Carvalho Déda estabeleceu uma leitura crítica em relação ao período que Jango enfrentaria, apresentando para os simão-dienses e cidades circunvizinhas, o impacto de tais acontecimentos no Nordeste.

Figura 15: Posse de João Goulart.



Fonte: A SEMANA, nº 466, 1961, p. 02.

A figura nº 15 representa a primeira charge sobre João Goulart publicada no semanário, a partir de uma recopilação de outras duas publicações anteriores, postadas quando houve a posse e renúncia de Jânio Quadros. Nessa charge, divulgada na edição nº 466, do dia 09 de setembro de 1961, transparece que a sua posse na presidência da República manteria um período conturbado na política nacional, como podemos ver na legenda: “*Jango: — Esta é minha vez...*”. A metáfora do abacaxi alude a “(...) um problema de difícil solução ao ato de descascar um abacaxi, fruta com casca grossa, repleta de espinhos e que, no caso, representa os problemas do país” (BERTO, 2018, p. 31).

Outro momento representado foi a escolha do primeiro ministro. Jango tinha pressa para a escolha de novos representantes do ministério, fator esse que incentivou a articulação e “(...) nomeação do pessedista Tancredo Neves para primeiro-ministro e estimulou a montagem de um gabinete sustentado por uma base suprapartidária que reunia os três principais partidos políticos — PSD, PTB, UDN” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 437). Os jornais em todo país destacavam tal acontecimento. No jornal *Última Hora* é publicada entrevista com Tancredo Neves, em que promete que seu “(...) Gabinete vai ser um sucesso” (ULTIMA HORA, nº 3.438, 1961, p. 01). Em seu discurso de posse, Tancredo Neves (1961) destaca que:

É necessário, e mais do que necessário, urgente e indispensável, que o Brasil prossiga na marcha para seu completo desenvolvimento. Não será com medidas policiais, artifícios ou processos enganosos que faremos face aos altos custos de bens de consumo que são ao mesmo tempo consequência e causa do surto inflacionário (...). Será impossível construir e tornar tranquila esta Nação se não houver uma operação de transformação de nossas

bases econômicas, e esta transformação não se verificará sem o apoio dos homens criadores de riqueza, que vêm lutando para sermos um povo próspero e, na realidade independente (NEVES, 1961 apud SILVA; NEVES; MARTINS, 2011, pp. 102-103).

O discurso, em alguns momentos, passa a ideia que o ministro estava se colocando como supremo, ou melhor como “Premier”, como era chamado. Nesse sentido, na edição nº 474, publicada no dia 04 de novembro de 1961, foi divulgada uma nota na seção “Política em Pequenas Doses”, criticando a forma como o país estava sendo administrado:

Equilibrar um partido de cima não é tarefa fácil, mormente nas localidades onde diversos chefes se movimentam e “mandam” numa mesma área. Aliás, a sabedoria popular ensina que “panela em que muitos mexem, fica salgada ou insossa” (A SEMANA, nº 474, 1961, p. 04).

Carvalho Déda queria chamar atenção para as brigas internas sobre a escolha do ministro, assim como a forma que estava sendo gerenciado o país. O *Diário Carioca*, na edição nº 10.410, publicada no dia 16 de fevereiro de 1962, destaca uma entrevista de Tancredo Neves com alguns jornalistas, relatando sobre a forma sistemática de algumas medidas que seriam feitas no país, como também as críticas que o governo sofria naquele período.

Tomado pelas críticas e analisando o modo como estava a política nacional, Carvalho Déda, na edição nº 476, publica uma charge criticando a forma de governança do Brasil. Na charge apresenta-se um diálogo entre Tancredo Neves e João Goulart. Ao observar a legenda é possível notar que havia um jogo de poder, no qual um queria maior governança que o outro.

Figura 16: O “Premier” e o Presidente.



Fonte: A SEMANA, nº 476, 1961, p.02

Nesta charge, nota-se que Tancredo Neves e João Goulart foram representados em uma conversação, ambos bem vestidos, com traços fisionômicos similares aos que eram apresentados em outros jornais circulantes nos grandes centros do país, sendo o nariz de Jango representado de modo exagerado. A forma como foi confeccionado era muito característico entre os cartunistas. Motta (2006), ao destacar as particularidades existentes nas charges e caricaturas de João Goulart, diz:

Alguns artistas tentaram captar traços de caráter atribuídos a Goulart como certo retraimento e timidez, associados à amabilidade. Dizia-se que o presidente dificilmente encarava os interlocutores nos olhos, preferindo fixar a atenção em algum objeto ou olhar para o chão enquanto conversava, quase sempre sorrindo. Muitas caricaturas apresentam-no exatamente assim: olhos fechados, ou vol-

tados para o chão, com um rosto sorridente. Essa personalidade tímida, que alguns explicavam como fruto da modéstia, combinava-se com malícia política e talento para a negociação (MOTTA, 2006, p. 44).

Percebe-se que algumas dessas características foram utilizadas por Carvalho Déda em suas charges, principalmente o modo de olhar de Jango, destacando que Tancredo Neves como ministro mantinha atitudes que se sobrepunham aos de João Goulart. Na figura, tal ato é representado com o dedo fixado e apontado para o presidente. Como forma de resposta, a figura de Jango foi desenhada com a faixa presidencial, e a fala representada na legenda enfatiza o seu papel, ou seja, o seu poder à frente da presidência da República.

Outro ponto marcante no período presidencial de João Goulart foi as propostas de reformas de base estruturais, que objetivavam a diminuição da desigualdade social no Brasil e fortalecimento da economia nacionalista. Segundo Caio Navarro de Toledo (1988), o presidente mantinha como ponto de reivindicação central a reformulação constitucional, uma vez que “(...) visava basicamente a alterar o § 16 do Art. 141 que condicionava as desapropriações de terra à ‘prévia e justa indenização em dinheiro’” (TOLEDO, 1988, p. 15).

O pesquisador enfatiza também que a “(...) vigência de tal preceito constitucional, na prática, impedia (...) a realização de uma Reforma Agrária que implicasse uma ampla redistribuição de terras àqueles que nela efetivamente trabalhavam” (TOLEDO, 1988, p. 15).

Na edição nº 530, publicado no dia 01 de dezembro de 1962, *A Semana* traz para o público uma nota do jornal norte-americano *Araus Press*, pontuando as medidas que esse governo estava tomando no país, principalmente na região Nordeste. Nesse sentido, a recopilação dessa nota no jornal serviu para reforçar e mostrar para

os moradores da cidade e região como os jornais internacionais viam os impasses que o Brasil estava passando.

Na nota, enfatiza-se sobre a nova política agrícola adotada através do ministro Renato Costa Lima, que estava fazendo novas medidas para organizar e “(...) dinamizar a economia agrícola como suporte do desenvolvimento nacional” (A SEMANA, nº 530, 1952, p. 02). Nessa mesma edição, Carvalho Déda publica uma charge colocando o presidente João Goulart com uma ferramenta nas mãos — uma picareta — escavando as terras do Brasil, especialmente na região Nordeste do país.

Figura 17: Jango e a Reforma de base.



Fonte: A SEMANA, nº 530, 1962, p. 02.

A crítica exposta na charge exhibe a configuração dos desdobramentos que João Goulart articulou sobre a questão das Reformas de Bases. Veja que na imagem o personagem foi desenhado de forma contorcida, olhando para cima, trabalhando com a sua picareta para tentar resolver a questão agrária no país. Observa-se também que a postura crítica na legenda da charge, ele coloca que: “*Jango: — Reforma de base, de cima prá baixo*”

baixo”. Mergulhado em sucessivas dificuldades e crises, Jango não conseguiu efetivar o plano econômico, por conta da alta inflação, assim como o plano político institucional, tornando-se uma administração que “(...) pouco se realizava, pois o governo se consumia em sucessivas crises políticas. Como assinalavam os observadores políticos, havia — do ponto de vista administrativo — “uma pasmaceira geral contaminando todas as hostes governistas” (TOLEDO, 1988, p. 29).

Uma das soluções tomadas pelo governo para tentar solucionar a crise foi o Plano Trienal, que trouxe o confronto político do presidente com o movimento sindical e setores nacional-reformistas, já que a busca por uma política de estabilidade tinha como base o controle salarial, com o intuito de satisfazer o grupo da oposição udenista, juntamente com o empresariado brasileiro, associado ao capital estrangeiro e a cúpula das forças armadas.

Na edição nº 542, publicada em 23 de fevereiro de 1963, Carvalho Déda expõe em primeira página publicação que teve como base de escrita uma entrevista do presidente para o jornal *The Economist*, de Londres, divulgada no Brasil através da Agência Nacional. Ao destacar na entrevista sobre o Plano Trienal, João Goulart enfatiza que “(...) a política do governo, após a devolução dos poderes constitucionais, já está enunciado pelo Plano Trienal, que é um programa de governo assentado em premissas políticas claras (...) para conter a inflação em nível compatível com o crescimento do país” (A SEMANA, nº 542, 1963, p. 01).

Na mesma edição, Carvalho Déda publica uma charge destacando a crise no país, uma vez que tal situação auxiliou para a carestia dos artigos em geral e a esperança do presidente através do Plano Trienal.

Figura 18: Alô Jango, sou eu, a carestia!



Fonte: A SEMANA, nº 542, 1963, p. 02.

A charge faz a crítica sobre o posicionamento de como João Goulart lidava com as decisões em relação aos diferentes momentos difíceis de sua gestão, tocando no ponto da carestia, representada como um fantasma, com pés de pato — o uso dos pés para dar a ideia de desengonçado. Observa-se que a charge foi construída tendo como base uma ligação entre a carestia e o presidente — que foi chamado na charge de bicudo — e como forma de conter logo a conversa, na legenda, a fala do João Goulart manda a carestia esperar o “trienal”, o já citado Plano Trienal.

Entretanto, tal ato não foi suficiente para reverter a crise brasileira. Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling (2015, p.

442) destacam que havia um jogo de conflito entre os líderes da esquerda e direita contra o governo, gerando o enfraquecimento da autoridade do presidente. Desse modo, a crise que se fortificava em sua gestão trazia ranços de gestões anteriores, porém as atitudes de Jango e seus ministros inflamavam-na ainda mais.

Nesse contexto, Toledo (1988) destaca que:

A sucessão de crises políticas advinha das contradições em que se debatia o governo: ao mesmo tempo que agitava a bandeira do nacionalismo e das reformas — solicitando, pois, o apoio das massas populares e dos setores políticos de esquerda —, Goulart, por outro lado, protelava indefinidamente a realização de medidas populares, afastava colaboradores ideologicamente progressistas, combatia os setores independentes (não pelegos) do movimento sindical, condenava abertamente iniciativas políticas de esquerda (...) As concessões à reação não se reduziam a estes fatos, pois o governo reservava os cargos mais importantes da administração federal (...) apenas para os representantes das classes dominantes, indicava também “duros” das Forças Armadas para estratégicos postos de comando e mantinha compromissos com o conservador PSD (TOLEDO, 1988, p. 29).

Portanto, houve diferentes contradições com a questão do Plano Trienal desenvolvido na gestão de Jango, que contribuiu para o alargamento da crise nacional. Carvalho Déda na edição nº 542, traz na seção “Política em Pequenas Doses” uma reportagem destacando como o Governo Federal incorporava determinadas manobras para resolver a carestia e demais problemas:

O Governo Federal está conclamando a todos os brasileiros para o combate à carestia. Cada um dará sua

parcela de sacrifício, comprando mais caro durante três anos. Ao fim desse período de sacrifício, o plano trienal estará produzindo os seus bons resultados, e não haverá mais carestia. A história poderá parecer com aquela do cavalo do inglês. Daqui até lá, vamos comendo planejamentos. Quem aguentar... (A SEMANA, nº 542, 1963, p. 04).

Observa-se que a nota não apresenta somente um comentário político, mas uma crítica sobre os sacrifícios que a população estava fazendo para conseguir sobreviver frente à crise e carestia. Na edição nº 543, publicada no dia 02 de março de 1963, foi apresentada ao público uma crônica de Francino Silveira Déda, intitulada “Mordendo tanta gente, tendo apenas um dente”. No escrito, o jornalista faz um panorama histórico sobre a política nacional brasileira, narrando principalmente os problemas existentes desde Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart. Assim, ao falar sobre o plano trienal, Francino Déda destaca que:

(...) Goulart, discípulo e herdeiro do malabarismo getuliano, pediu aos boticários do seu novo ministério uma fórmula paliativa e esta veio. Aí está a fórmula dos alquimistas da idade média, em frasco fechado com o seguinte rótulo — Xarope remoçador — Agite bem antes de usar — Resguardo de boca três anos. É o plano trienal (A SEMANA, nº 543, 1963, p. 01).

Ao falar que o Plano Trienal seria o remédio, a crônica critica a visão de João Goulart e ministros, uma vez que pensavam que a crise e carestia seriam resolvidas com o plano. Carvalho Déda, na mesma edição, publica uma charge, retratando o personagem Zé Povo em conversa com o presidente.

Figura 19: Zé Povo não suporta mais tanto aperto.



Fonte: A SEMANA, nº 543, 1963, p. 02,

Zé Povo — personagem utilizado pelos cartunistas para ser o porta-voz da crítica do povo — aparece com um cinto muito apertado na cintura, olhando para João Goulart com um olhar de não saber mais o que fazer. Já a figura do presidente, foi construída com as mãos para trás, observando o Zé Povo. Na legenda, a fala do João Goulart destaca: “*Jango: — Aperte mais o cinto para ajudar o plano trienal*”, deixando subtender que momentos mais difíceis iriam chegar. Em resposta, o personagem Zé Povo responde: “*Mas, eu já apertei até o ultimo buraco! Se apertar mais, o estomago sairá por baixo...*”, dando a entender que a população não suportava mais viver naquele desconforto de crise nacional e carestia.

Em favor das reformas de base, durante os primeiros meses de 1964, João Goulart promoveu uma série de comícios com o intuito de mobilizar a população em benefício dos seus projetos. Segundo Motta (2006), ao longo do período presi-

dencialista de João Goulart, havia um vínculo estreito criado em sintonia com os líderes sindicais, que “(...) alimentaram muitas cogitações e boatos, com a ideia de que ele pretendia transformar o Brasil numa República sindicalista” (MOTTA, 2006, p. 103). Porém, Jango no decurso de sua estadia no poder não conseguiu efetivar as reformas de base, resultando na “(...) radicação do movimento, sobretudo durante o período presidencialista (...) com os rumores de um possível golpe para depor o presidente, o CGT ameaçou decretar uma greve geral com o objetivo de defender as liberdades democráticas” (KORNIS; MONTEIRO, 2017, s/n.).

Quando o presidente foi deposto, a imprensa brasileira publicou diferentes noticiários sobre o ocorrido. No semanário *A Semana* não foi diferente, Carvalho Déda publicou algumas notas destacando o ato. Na edição nº 600, divulgada em 04 de abril de 1964, em primeira página, foi exposta em destaque o seguinte título:

Imagem 2: Deposto o presidente Goulart.



Fonte: A SEMANA, nº 600, 1964, p.01

Carvalho Déda pontuou sobre o agravamento da crise nacional, destacando sobre a questão das deposições ocorridas em alguns estados, como o caso do governador Miguel Arrais, membro do PST de Pernambuco, e Badger Teixeira da Silveira, atuante do partido PTB no Rio. Nessa primeira nota não relatou sobre o caso do governador de Sergipe, João de Seixas Dória, somente enfatizou que: “Até a hora em que escrevemos

estas notas, era desconhecido o paradeiro do governador de Sergipe, que se encontrava ao lado do sr. João Goulart desde o comício do dia 13 de março” (A SEMANA, nº 600, 1964, p. 01).

Ainda nessa edição foi publicada um artigo que Carvalho Déda serviu-se de um acontecimento familiar, representado com seu filho Artur Oscar Déda, para destacar o caso da política de João Goulart e a CGT. Nesse artigo relatava que seu filho gostava de brincar de cavalo feito com cabo de vassoura, e na época de carnaval, embora tivesse pavor de caretas, queria ter uma para brincar e fazer medo as crianças menores da localidade. Porém, em um determinado dia, o Artur Déda encontrou um grupo de encaretados e saiu chorando.

De modo crítico, Carvalho Déda quis comparar a trajetória de João Goulart com um episódio familiar ocorrido em período de carnaval, enfatizando que o presidente vivia em uma farsa de aparências, com usos constantes de máscaras, na qual dizia ser uma coisa que não era. Desse modo, Carvalho Déda destaca:

Volto agora aos últimos acontecimentos políticos dos últimos dias brasileiros. Sempre duvidei do comunismo de Jango. Nada de comunismo. Ao contrário, a sua pinta sempre foi de latifundiário. Mas, demagogo e especulador do populismo eleitoreiro, fez careta de comunista. Deu-lhe na cabeça fazer o comício da Supra no dia 13 de março, com um espetacular dispositivo de segurança. Fez caretas. Mas, na quarta-feira, quando viu o Palácio das Laranjeiras cercado de tanques e o C.G.T. determinando a greve geral, ao tempo em que ouvia as proclamações dos generais, aí o Presidente fez o “Tutuzinho”: Correu abrindo a boca no mundo: — É careta de verdade! (A SEMANA, nº 600, 1964, p. 01).

Neste artigo, e em outras passagens sobre o governo de João Goulart, há uma certa comicidade e ironia de Carvalho Déda e demais jornalistas do semanário, em decorrência de sua posição

partidária udenista. Segundo Benevides (1981), a ação da UDN contra a administração do presidente auxiliou para o processo de ataques a ordem do governo de João Goulart:

(...) O antigetulismo (...) e o anticomunismo (...) corporificaram a luta udenista. Para a UDN, as forças do mal estavam soltas. Sua missão, o exorcismo; seu objetivo, a defesa da propriedade, contra a ação do Estado; sua bandeira, a manutenção da ordem cristã e ocidental. Um programa coerente com os interesses predominantemente conservadores do partido e da aliança de classes da qual participava, e que levaria a UDN, fatalmente, a se associar aos militares, aos empresários e aos políticos da Ação Democrática Parlamentar, na preparação e efetivação do golpe de 64 (BENEVIDES, 1981, p. 119).

É importante destacar uma crônica de Francino Silveira Déda, publicada na edição nº 601, divulgada em 11 de abril de 1964, intitulada “Flagelo Vermelho”, em que o jornalista faz uma retrospectiva de alguns artigos publicados no semanário, trazendo a política de João Goulart de apoio às ideologias comunistas. Ao destacar sobre o golpe de 1964, o cronista enfatiza:

(...) As nossas autoridades constituídas, de tanto cerrar ouvidos a clamores como tais, e de tanto se aproximarem dos comunistas, algumas delas apareceram nesses últimos dias de braços dados com inimigos da Pátria até que no dia 31/3/64, as classes armadas, sempre atentas na defesa da Pátria, de acordo com os governos democráticos de alguns Estados, numa formidável e bem coordenada campanha, dentro de três dias, sem derramamento de sangue, baniram do meio político da nossa terra, a onda nefasta do comunismo e continuam expurgando da vida administrativa do País, o que resta ainda daquele FLAGELO VERMELHO (A SEMANA, nº 601, 1964, p. 01).

Nessa crônica, Francino destaca a presença dos militares, mas sua exaltação vai aos poucos se modificando ao longo do ano de 1964 e demais anos em que o jornal fora editado. Porém, Carvalho Déda não tinha essa mesma concepção, em seus escritos tinha sempre dúvida sobre o caráter dos militares. Como forma de representar o fim do mandato do João Goulart foi publicado, na edição nº 602, divulgado em 18 de abril de 1964, uma charge do presidente apontando para a sigla “CGT”.

Figura 20: Jango e o CGT.



Fonte: A SEMANA, nº 602, 1964, p. 02.

Na charge é possível observar uma crítica em relação ao apoio que Jango dava ao Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), enfatizando na imagem o discurso proferido por João Goulart. Veja que a expressão do presidente é de tristeza, com uma mão no bolso, e com roupas características dos gaúchos, salientando a sua

volta para a região de origem, ou seja, Rio Grande do Sul. Como também destaca os seus ideais, que alguns deles foram heranças de Getúlio Vargas. Embora tenha sido um acontecimento de grande proporção, é importante destacar que a estética da charge não traz elementos complementares para um melhor aprofundamento de conteúdo.

Foi na edição nº 601 que Carvalho Déda escreveu uma nota relatando sobre a prisão do governador Seixas Dória, que havia sido conduzido para Salvador. Na reportagem, enfatiza que: “A Revolução é precedida de uma série de ‘considerandos’ que ressaltam o comportamento do Governador Seixas Dória como ‘instrumento das forças extremistas atendendo contra a segurança e tranquilidade do país e do Estado’” (A SEMANA, nº 601, 1964, p. 04).

Segundo Ibarê Dantas (2014), após sua prisão no 19º BC, em Salvador, no dia 12/04/1964, foi “(...) transferido para a ilha de Fernando de Noronha, onde passaria 117 dias, tendo como companheiro de prisão Miguel Arraes, ex-governador de Pernambuco” (DANTAS, 2014, p. 30).

Em sua obra *Eu, réu sem crime*, Seixas Dória faz uma narrativa de como foi sua estadia em Fernando de Noronha, sem saber o que tinha motivado sua prisão, pois “(...) Administrei o Estado com mais economia e rigidez do que o faria com meu patrimônio particular. A oposição era agressiva, mas reconhecia a integridade e honestidade do meu governo” (DÓRIA, 2007, p. 59).

Analisando o jornal, não houve notas ou charges que criticassem a figura do Seixas Dória nem sua deposição, talvez em decorrência da amizade entre Carvalho Déda com Seixas Dória, fortalecida durante a participação de ambos na UDN. Ao observar as charges sobre o regime militar em Sergipe, atenta-se que houve muita cautela no processo de confecção dos desenhos. Nesse senti-

do, entre os anos de 1963, 1964 e 1965⁴, as charges traziam sempre objetos ou animais, com o intuito de simbolizar o período, como por exemplo: sapos, porcos, cobras, espadas, balança da justiça, entre outros elementos.

4 Esses anos foram citados pelo fato de ter sido o período em que houve mais charges publicadas no semanário sobre a Ditadura Militar. É importante destacar que no segundo semestre do ano de 1966 até o segundo semestre de 1967 não houve publicações de charges e caricaturas no periódico, e algumas notas diminuíram o seu teor crítico, principalmente na seção “Políticas em Pequenas Doses”.

3. Do povo para o povo: Zé Povo e suas andanças em Sergipe

Neste segmento, analisamos o papel social e cultural desempenhado na seção a “Piada da Semana” em articulação ao personagem Zé Povo. Desse modo, foram acompanhadas as imagens que trazem críticas sobre o desenvolvimento da cidade, luta pela reforma agrária, alta de preços, entre outros temas, articulando-os com a história regional e nacional.

O personagem Zé Povo não foi algo exclusivo do semanário, sendo bastante recorrente no meio jornalístico, associado à crítica do “povo”. Segundo Herman Lima (1963), cada país, a fim de construir uma imagem nacionalista, criou personagens com intuito de representar a sociedade através de um simbolismo que ligasse o povo à nação. O Brasil também tentou criar só que “na verdade é que os anos correram e até hoje não temos ainda o nosso” (LIMA, 1963, p. 27).

O povo inglês tem seu John Bull; o norte-americano, descendente do inglês, tem o seu Tio Sam, esguio irmão do gordo John Bull; o português, paciente, na sua ingênua bondade, é o ingênuo Zé-Povinho; o alemão, trabalhador e pesado, quis ser o Michel, e, além dessas formas caricaturas, majestáticas figuras alegóricas recordam — a Britânia, a majestosa Inglaterra; o velho guerreiro de rutilante armadura e longas barbas brancas, o Portugal aventureiro e conquistador; a Germânia, a antiga Alemanha imperial, a Minerva, de gorro frígio, a França republicana e, enquanto aquelas figuras interpretam a índole de cada povo, estas refletem a grandeza de cada nação (LIMA, 1963, pp. 27-28).

Utilizando-se dos traços pictóricos construídos em outros países, os cartunistas brasileiros puderam se especializar e construir elementos para incorporar em seus trabalhos no século XIX e início do século XX, como por exemplo, Ângelo Agostini, Cândido

de Faria, Joseph Mill e Rafael Augusto Bordalo Prostres Pinheiro. Este foi responsável pela criação do personagem Zé Povinho em Portugal, sendo publicada pela primeira vez no periódico *A Lanterna Mágica*, em 12 de junho de 1875. Com sua vinda para o Brasil, trabalhando em conjunto com demais cartunistas, Rafael Bordalo proporcionou aos cartunistas brasileiros uma nova versão do Zé Povinho.

Para João Medina (2012), o Zé Povinho é merecedor de um estudo mais aprimorado, pois é “uma das mais complexas e ricas criações culturais lusas” (MEDINA, 2012, p. 66). Como forma estereotípica, o personagem “seria sinopse da própria mentalidade do povo que engendrou e nele, através dum (duplo) diminutivo tão revelador, ao mesmo tempo enternecido e desdenhoso José (Zé) e Povo (Povinho)” (MEDINA, 2012, p. 66).

Para Pedro Krause Ribeiro (2011), a inserção do personagem no Brasil modificou a sua conotação nominal, mas a essência do significado continuou a mesma, sendo bem aceita “pelo fato do povo português fazer parte da constituição do povo brasileiro” (RIBEIRO, 2011, p. 153), somente sofreu “adaptações e substituindo o sufixo ‘inho’ pelo ‘o’, de Zé Povinho para o Zé Povo” (RIBEIRO, 2011, p. 153).

Já Marcos Silva (1990) ressalta que o personagem Zé Povo traz em sua conjuntura e contexto “a vontade de crítica, expressa na denúncia dos efeitos problemáticos que ‘cousas governamentais’ e outros núcleos de poder produziam em sua vida” (SILVA, 1990, p. 10). Ao mesmo tempo, destaca sobre o caráter pendular desse personagem na “representação do público, simétrico às oscilações do próprio Zé Povo, evoca na saída crítica a constituição do povo como um lugar de eterna frustração” (SILVA, 1990, p. 95).

Para Guilherme Mendes Tenório (2009), a representação do Zé Povo na imprensa ganhou maiores proporções com o

avanço da alfabetização e a inserção das novas tecnologias, “(...) construindo a pauta dos debates no dia a dia das sociedades de massa” (TENÓRIO, 2009, p. 112). Por exemplo, Laura Nery (2005) expõe estudo sobre o caricaturista Raul Pederneiras, que em suas charges do *Zé Povo* critica o período da República das oligarquias cafeeiras e do coronelismo, satirizando os acontecimentos da época.

Roger Chartier (2002) aborda que as lutas existentes no efeito das representações têm uma determinada importância para a sociedade:

As lutas de representação têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social — como julgou durante muito tempo uma história de vista demasiado curta — muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 2002, p. 17).

Carvalho Déda incorporou, no *A Semana*, o personagem *Zé Povo*, trazendo um arsenal de informações sobre o cotidiano simão-diense e regiões circunvizinhas, assim como assuntos presentes no estado de Sergipe e no país, sempre com um posicionamento crítico, humorístico e sarcástico. Sua composição é a de um homem sertanejo, utilizando-se de trajes a caráter, como chapéu de couro, calças gastas, camisas longas e sapatos, vestuário similar aos utilizados pelos moradores desfavorecidos da cidade no período. É importante frisar que a estrutura fisionômica sempre se modificava em determinadas situações e acontecimentos.

Tabela 2 - Quantidade de publicação de charges com Zé Povo.

| Personagem Zé Povo | |
|---------------------------|-------------------|
| Ano | Quantidade |
| 1959 | 9 |
| 1960 | 24 |
| 1961 | 10 |
| 1962 | 11 |
| 1963 | 4 |
| 1964 | 1 |
| 1965 | 6 |
| 1966 | 6 |
| 1967 | 0 |
| 1968 | 1 |
| Total | 72 |

Fonte: Jornal A Semana (1959–1968).

Os dados apresentados na tabela quantificam a aparição do personagem Zé Povo no jornal *A Semana*. Durante os dez anos analisados, ele aparece com mais frequência nos anos de 1959 a 1962, época em que o país passava por momentos de transição política e crises desde o governo presidencialista de Juscelino Kubitschek e que se desdobraram nos governos posteriores. Lília M. Schwarcz (2015) destaca que Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek investiram, de modo pesado, para o processo de desenvolvimento da infraestrutura do país, cujos “danos existiram e não foram pequenos” (SCHWARCZ, 2015, p. 422).

Como visto anteriormente, no ano de 1960, Carvalho Déda intensifica suas críticas sobre o jogo político existente no muni-

cípio e faz um massivo apoio político ao presidenciável Jânio da Silva Quadros e ao candidato a vice o ex-governador Leandro Maciel. O pilar utilizado para desenvolver o seu personagem Zé Povo parte da seguinte trilogia: crise econômica no Brasil e suas consequências para os sertanejos; a questão política nacional e o seu engajamento no estado de Sergipe; e como modo de revolução e ataque ao sistema, destaca o tema da reforma agrária e o abuso do latifúndio.

O latifúndio simbolizava o subdesenvolvimento, “mas a posse da terra era fonte de poder, significava representação no Congresso, sustentava as bases regionais do PSD; os grandes proprietários rurais” (SCHWARCZ, 2015, p. 423). Apesar de ter convivido com ambos os partidos (PSD e UDN), Carvalho Déda, depois da crítica ao governo de Vargas e a repressão militar de 1958, “reapareceu bastante ativo no governo de Leandro Maciel, participando de campanhas pela exploração do sal-gema, pela Reforma Agrária, integrando-se inclusive na Conferência dos Lavradores e trabalhadores agrícolas de 1956” (DANTAS, 1989, pp. 285-286). É nesse período que intensifica suas críticas em prol dos sertanejos, por meio da “Coluna dos Lavradores” e, em 1959, utiliza o personagem Zé Povo para representar, de maneira gráfica, os assuntos presentes no cotidiano dos nordestinos.

3.1 A “Coluna dos Lavradores” e as críticas do “Povo”

Carvalho Déda, durante toda a sua trajetória como ser político, advogado, jornalista e escritor, sempre apontava questões que perpassavam o meio político e causas sociais, como Reforma Agrária, alta de presos, fome e seca. Em seus debates trazia pontuações sobre a reformulação de questões sociais que assolavam o país, destacando que somente dessa forma poderia mudar e transformar o Brasil. Nessa perspectiva, na “Coluna dos Lavradores”

ele escrevia utilizando o pseudônimo João Sem Terra, discutindo as principais contrariedades e reivindicações dos moradores. Essa seção começou a ter publicações periódicas a partir da edição nº 42, de 18 de julho de 1953.

Nesta primeira edição, Carvalho Déda destaca que

Com o objetivo de defender os reais interesses dos agricultores, abordarei nesta coluna todos os assuntos pertinentes a vida rural. Homem da imprensa que sou (...) conhecedor dos vários problemas que afligem os nordestinos (...). Como todo nordestino sou um inconformado com as condições atuais do homem do campo. Não me conformo em que os nossos conterrâneos camponeses continuem sem assistência, sujeitos às mutações climáticas, aos azares, pagando de qualquer jeito os tributos que enchem as arcas dos governos sem a devida compensação, nem ao menos água para beber no verão (A SEMANA, nº 42, 1959, p. 02).

Nesse sentido, o seu objetivo de anexar uma seção somente sobre as causas dos lavradores fora motivado pelas suas andanças pelo município, colhendo informações de “roça em roça, de fazenda em fazenda, de sítio em sítio, de curral em curral, nos grandes alpendres e nas pequenas choças, irei colhendo dados e recebendo queixas” (A SEMANA, nº 42, 1953, p. 02).

A seção, aos poucos, ia ganhando popularidade e destaque. Em entrevistas com moradores nos diferentes povoados do município de Simão Dias, Carvalho Déda pôde colher as informações necessárias para a construção do seu ideal representativo do desejo do “povo” na seção “Coluna dos Lavradores” e na confecção do personagem Zé Povo. Também os dados coletados auxiliaram na escrita do romance *Formigas de asas*, o qual relata o cotidiano dos lavradores e suas dificuldades corriqueiras, como a seca, a fome, a lida com as lutas de reformas agrárias, sobre o pagamento dos impostos para os governantes, entre outros.

Todos esses elementos pontuados trazem consigo uma dimensão de como era a visão do jornalista sobre a necessidade e carência da população. Nos artigos sobre a fome, a seca e reformas de modo geral auxiliaram na compreensão das charges aqui estudadas.

A partir da edição nº 348, publicada no dia 06 de julho de 1959, foi apresentado aos leitores um novo personagem, com fisio-nomias e vestimentas de um simples lavrador. Inicialmente chama-do de O Lavrador, a partir da edição nº 352, publicada em 04 de julho de 1959, o nome foi modificado para Zé Povo, continuando desse modo até a sua última publicação. Nessa primeira imagem expõe a crítica sobre a falta de assistência da prefeitura em relação aos moradores rurais do município.

Figura 21: O Lavrador e a Dona Cota.



Fonte: A SEMANA, Nº 348, 06/06/1959, p. 02.

Na imagem, a figura de um lavrador conversa com uma senhora bem vestida, portando bolsa, sapatos, joias, óculos e cabelos arru-mados — todas essas características, Carvalho Déda quer enfatizar como estavam os bancos da prefeitura, ou seja, a figura da senhora transmite a ideia do alto valor cobrado no ato da prestação de contas

do município, razão pela qual o nome “Cota” está exposto em sua bolsa e no recibo na qual a mulher segura.

A conversa iniciada traz a conotação do lavrador cobrando seus direitos. De maneira humorística, afirma: “*O Lavrador: — D. Cota, a senhora está engordando demais! Divida esta gordura com a gente dos campos! Lei é lei!...*”.

A charge surge como forma de crítica aos investimentos da gestão municipal. Na resposta da Dona Cota é possível perceber como a prefeitura vinha passando por momentos de dívidas, e os impostos cobrados não seriam suficientes para fazer os pagamentos. Desse modo, quando aparece a legenda relatando: “*D. Cota: — Tu sabe de nada, Zé! Tá vendendo essa gordurona toda? Pois não vai dar prá tapar o buraco dum dente!...*”, reforça a questão da má administração, principalmente em favor dos lavradores do município.

Na charge, apresentada no dia 04 de julho de 1959, Zé Povo em frente a um circo, conversando com um mágico de cartola. Aqui Carvalho Déda critica a política local chamando-a de “circo”, por esse motivo que na charge tem a representação de uma grande tenda de circo armada e o mágico com a cartola demonstrando para o personagem Zé Povo o que poderia sair dali.

Figura 22: Zé Povo na porta do circo.



Fonte: A SEMANA, nº 04/07/1959, p. 02.

Na legenda é possível perceber a retomada da compra da caminhoneta adquirida durante a gestão de Pedro Almeida Valadares, para reforçar ainda mais a crítica à administração. Nota-se que a resposta do personagem Zé Povo traz consigo a questão da compra: *“Estes truques de vanceis eu conheço, mas vou entrá nesta ‘bixiga’ só prá vê cai gente dos trapéze”*. Ainda tomando como base a legenda, e observando o período de publicação, percebe-se a aproximação com o período eleitoral para a escolha do presidente.

Maria Victoria de Mesquita Benevides (1976) destaca como o PSD se consolidou em um partido de forte representação na política nacional. No Nordeste, esse partido se fortificou de modo intenso através da aliança com os coronéis existentes, sendo eles “chefes políticos conservadores” (BENEVIDES, 1976, p. 115), principalmente no agreste nordestino.

Na cidade de Simão Dias, o grupo do PSD tinha uma forte representação, sendo presente a participação do Marcos Ferreira de Jesus, Gervásio Prata, Celso de Carvalho, Nelson Pinto de Mendonça, entre outros. Em contrapartida, a UDN mantinha como incisiva representação a figura de José Almeida Dória, conhecido como Dorinha, grande latifundiário, possuidor de 16 fazendas e grande fortuna, que atuava na cidade como político, sendo temido e respeitado.

Nessa perspectiva, chama atenção também na imagem o nome “Frente Única”, remetendo-se à frente única partidária, que tinha como ligação os partidos PSD, PSB e PR, criada na cidade com intuito de diminuir o poder da UDN na região. Na seção “Política em Pequenas Doses”, edição nº 353, publicada no dia 11 de julho de 1959, traz consigo uma nota relatando sobre os desentendimentos existentes dentro dessa ligação partidária:

Pessedistas e pessepistas andam ultimamente calados como toucinho no sal. Não é que este silêncio tenha o significado de paz e harmonia nos terreiros da “Frente”, porque, na verdade, não há paz perene nem passageira (...) Segundo nos informam, o P.R. local vai abandonar ou já abandonou a “Frente Única”. A coligação organizada com tantos rompantes, teria ficado desfalcada, de aza quebrada, sem este “bom” companheiro (A SEMANA, nº 359, 11/07/1959, p. 04).

Esse jogo político prolongou-se durante anos. Na edição nº 361, publicada em 05 de setembro de 1959, Carvalho Déda expõe, na seção “Política em Pequenas Doses”, um artigo sobre a tríplice aliança formada no município, cujo objetivo era o confronto partidário contra os membros da UDN local. Na nota, relata que os “(...) chefes não procuram rodear o coronel Candinho para prestigiá-lo como chefe supremo, ao contrário disso, se afastam, isolam-no” (A SEMANA, nº 361, 05/09/1959, p. 04).

O jornalista destaca ainda que “(...) o chefe do PSP não tem roda de amigos. Na verdade, causa admiração à muita gente esta pobreza de roda representativa, mormente para um político que é muito rico e é situacionista, embora por debaixo do pano” (A SEMANA, nº 361, 05/09/1959, p. 04).

Na edição nº 362, publicada em 12 de setembro de 1959, na seção “A Piada Da Semana” é publicada uma charge em que aparece o personagem Zé Povo chamando um homem de malandro, pois, em meio a algumas dificuldades e incertezas, começou a andar como alguns sapos, ou seja, a pular.

Figura 23: Zé Povo e o malandro.



Fonte: A SEMANA, nº 362, 1959, p. 02.

O cenário apresentado na imagem remete ao ditado popular: “Quem se mistura com porco farelo come”, só que, na charge, foi incorporada à figura dos sapos, apresentando a ideia de andar igual a eles. O personagem do Malandro alude ao líder político Candinho que, para ter aceitação partidária local deveria andar como os demais membros da coligação.

Durante o segundo semestre de 1959 e primeiro semestre de 1960, Carvalho Déda lançou duras críticas no jornal, utilizando-se do personagem Zé Povo, com o intuito de atingir a administração de Pedro Valadares e o PSD. Para ele, um dos motivos que o levou à vitória nas urnas foi o assistencialismo prestado aos moradores da cidade. A popularidade de Pedro Valadares foi marcante, tornando-se um mito na região, por causa da sua investida na questão da “(...) assistência social, tomando para si a responsabilidade que cabia ao poder público” (SOUZA, 2002, p. 90).

Em entrevista cedida ao pesquisador Marcelo Domingos de Souza, o ex-governador sergipano e político simãodiense Sebastião Celso de Carvalho afirma que Pedro Valadares

(...) era mesmo popular, o povo gostava dele. Era um mito extremamente caridoso (...) um homem me disse uma vez que houve uma crise de gasolina, e ele ia passando com a camioneta (...) com pouca gasolina, e tinha um parado assim na rua, amigo dele, por falta de gasolina. Ele parou o carro e deu gasolina do carro dele, isso é um gesto de abertura, de generosidade, de caridade ao outro que tava em dificuldade (...) dava tudo da prefeitura ou dele, o que fosse. Foi um prefeito desorganizado, mas fez uma política forte até hoje. Deu filho governador, filho senador, neto deputado federal (CARVALHO apud SOUZA, 2002, p. 90).

Carvalho Déda, durante todo período administrativo de Pedro Valadares, criticou a desorganização administrativa, agindo de modo partidário, o que nos leva a crer que a representação do personagem Zé Povo não fica somente restrita ao desejo do povo, mas o seu sentido persuasivo objetivava mudar o pensamento político — já que naquele momento estava prestes a ter uma eleição — e o uso da desorganização administrativa foi utilizado de maneira ostensiva durante todo o período também em outras seções do jornal.

Na edição nº 385, publicada no dia 20 de fevereiro de 1960, foi divulgada charge sobre as dívidas da prefeitura, apresentando para o público uma mulher acima do peso, portando uma faixa com o nome “prefeitura”, com uma corda no pescoço e a língua de fora. A apresentação do Zé Povo nesse cenário aduz a configuração que a população permanecia atenta às investidas da prefeitura que estava passando por maus momentos, e que a população não iria ajudar a resolver os problemas.

Figura 24: O Lavrador e a Prefeitura na forca.



Fonte: A SEMANA, nº 385, 1960, p. 02.

Constata-se que o personagem está com as mãos nos bolsos, trazendo o sentido que não está preocupado. Contudo, a maneira como ele olha para a senhora enforcada transmite a ideia de advertência. A legenda destaca que: *“Enforcada. Com a língua de fora! Não acudo não! Quem deu seu nó que desate...”*. E, desse modo, as críticas foram constantes e intensas, sempre com a conotação de atingir os seus adversários políticos, com intuito de atrair mais eleitores para o grupo da UDN.

3.2 Zé Povo: reforma agrária, seca e alta de preços

O Nordeste brasileiro durante seu processo histórico foi marcado por problemas sociais que assolaram a vida dos sertanejos, como o poder dos grandes latifundiários, a seca, a fome e o processo de migração dos nordestinos para outras localidades do país, entre outros enfrentamentos. Carvalho Déda, através de suas

charges, pôde trazer à tona esses problemas, criticando a falta de assistência existente no estado para os diferentes impasses presentes na vida dos moradores da região.

Na seção “Coluna dos Lavradores”, publicada em 15 de outubro de 1955, Carvalho Déda escreveu sobre o que seria a reforma agrária e os benefícios dela para os brasileiros de maneira geral. Sua base de sustentação era que a nação estava arcaica e que dever-se-ia pensar na questão agrária brasileira:

Enquanto as terras não forem loteadas, dando oportunidade a todos que querem trabalhar, enquanto a terra permanecer trancada debaixo de sete chaves, sem produzir, haverá miséria. Tudo isso ocorre por conta do vigente sistema agrário, em que alguns guardam terra no baú, esperando valorização sempre crescente. Dizer isto não é fazer comunismo. É ter visão, é ser sensato, é dizer verdades. E não é fazer comunismo, porque o exemplo das vantagens da reforma agrária está nos países tradicionalmente conservadores, como a Inglaterra, onde a reforma se fez há 400 anos. Enquanto não vier a reforma agrária não se pode dizer que o Brasil é um país essencialmente agrícola, nem desenvolvido, nem essencialmente coisa nenhuma. Será um país essencialmente faminto (A SEMANA, edº 159, 15/10/1955, p. 02).

Com relação ao processo histórico e desenvolvimento da reforma agrária no Brasil, Melissa de Miranda Natividade (2013) elabora uma análise importante sobre a caracterização e construção dos partidos na época, que interferiram a todo o momento no processo reformista:

Do ponto de vista político, a partir do Decreto de Lei Nº 7.856 (“Lei Agamenon” 28/05/1945) e da Constituição de 1946, ficou favorecido o surgimento de partidos “nacionais”. Isso porque para que um partido obtivesse seu registro, deveria apresentar assinaturas de dez mil eleitores distribuídos entre, pelo menos, cinco estados, nenhum

deles com menos de quinhentas assinaturas. Dessa forma, três partidos políticos alcançaram relevo: o Partido Social Democrata (PSD), o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e a União Democrática Nacional (UDN). Analisando o cenário político-partidário brasileiro, vê-se que a aliança PSD-PTB se destacou, cabendo à UDN o papel de segundo partido em número de votos (NATIVIDADE, 2013, pp. 30-31).

Desse modo, a UDN modificou seu sistema político, uma vez que teve que passar por adaptações e associar-se a outros partidos — como PR, PL e ED — para poder ganhar mais aceitação do público e alcançar um maior espaço. Segundo Natividade (2013), o PSD e o PTB também passaram por reformulações estruturais com o intuito de construir um esquema de sustentação em todo país. O PSD “(...) passou a apresentar uma base muito mais ‘federativa’ do que ‘nacional’. Já o PTB, embora tão desprovido de esquemas estaduais quanto a UDN, contava com o respaldo do getulismo que transcendia o regionalismo, e com o voto operário” (NATIVIDADE, 2013, p. 31).

Como membro e líder local da UDN, Carvalho Déda buscou fortificar o partido na cidade de Simão Dias. Com o passar dos anos, em busca da melhoria dos direitos e assistência aos lavradores da cidade e regiões circunvizinhas, o político e jornalista intensificou os noticiários sobre a luta da reforma agrária na localidade, denunciando o modo de divisão das terras. Segundo Wagner Miralha (2006), durante os anos finais de 1950 e década de 1960, começou a aparecer no campo brasileiro “(...) militâncias políticas de diferentes setores de trabalhadores rurais e movimentos sociais, como as Ligas Camponesas no Nordeste, que começam a contestar a grande desigualdade social e concentração fundiária que existe no Brasil” (MIRALHA, 2006, p. 156).

Nas seções “Coluna dos Lavradores”, “Políticas em Pequenas Doses” e as charges confeccionadas em “A Piada da Semana”

transpareciam a ideia de que a falta de uma reforma agrária seria a base de todo um conjunto de problemas, os quais os brasileiros, principalmente os sertanejos, se deparavam, como: miséria, fome, isolamento, baixos níveis de escolaridade, precárias condições de moradia, falta de infraestrutura, entre outros.

Na edição nº 462, publicada em 12 de agosto de 1961, uma charge apontava a insatisfação do Zé Povo quanto ao andamento da reforma agrária, representada na imagem por uma senhora com dupla cabeça — uma masculina e outra feminina —, portando em suas mãos foice e enxada, símbolos do poder da força de trabalho dos lavradores, sejam eles homens ou mulheres. Embora elaborada com poucos elementos de persuasão, a gravura reforça a crítica de Carvalho Déda, na seção “Política em Pequenas Doses” publicada na mesma edição.

Figura 25: As fases da reforma e o Zé Povo.



Fonte: A SEMANA, nº 462, 1961, p. 02.

Na publicação, Carvalho Déda expõe também que era “(...) preciso que os partidos cuidem do assunto com bastante censo, prudência e amplo conhecimento da realidade brasileira, para que não venha uma reforma com duas caras” (A SEMANA, nº 462, 12/08/1961, p. 04). Nesse sentido, a dualidade das caras destacada por Carvalho Déda refere-se a análise e prestação correta dos direitos do povo, como estampada na legenda da charge: “*Com duas caras assim, não me venha*”. Para haver uma reforma correta eram necessários que todos os partidos envolvidos pensassem e agissem em conjunto, visando somente uma única direção com o intuito de juntos conseguirem a melhoria e qualidade de vida dos moradores brasileiros.

Em Sergipe, uma das personalidades que contribuiu para a propagação e debate sobre a reforma agrária foi João de Seixas Dória, seja como advogado, jornalista, escritor ou como político, nos mandatos de deputado federal e governador do estado, eleito em 1962 e deposto pelos militares em 1964. Considerado um líder político de grande aceitação no país, “(...) defendendo com ardor as suas ideias nacionalistas, vigilante com o Governo Federal, radical na defesa da moralidade pública e intransigente na proteção da riqueza nacional” (BARRETO, 2007, p. 144). Na edição nº 478, publicada em 02 de dezembro de 1961, Carvalho Déda apresentou uma charge, destacando uma conversa de Seixas Dória com um coronel a respeito da necessidade da reforma.

Figura 26: O coronel e Seixas Dória.



Fonte: A SEMANA, nº 478, 1961, p. 02.

Seixas Dória atuou “(...) como membro destacado da Frente Parlamentar Nacionalista” (BARRETO, 2007, p. 145), exercendo de modo ativo a liderança da UDN. Na “(...) Assembleia foi líder do seu partido e exerceu um mandato que, no cotidiano dos debates, revelava o orador, reconhecidamente influenciado pelo padre Cabral” (BARRETO, 2007, p. 144). Ao apresentar a charge ao público, Carvalho Déda queria retratar não somente o poder argumentativo de Seixas Dória, mas também como conseguiu atrair o grupo conservador da época, escolhendo-o para ser o representante político do pleito eleitoral de 1962, no qual concorreu com Leandro Maciel.

Na legenda destaca sobre o interesse de Seixas Dória em relação ao seu programa de reformas, enfatizando que seria um espetáculo. E

o modo como ele foi desenhado na charge transmite a ideia que ele estava querendo convencer o coronel para apoiá-lo, ou seja, os grupos conservadores. Ao analisar a fala do coronel, observa-se que ele tinha plena ciência sobre as escolhas do Seixas Dória em relação às reformas, mas tinha certo temor em relação ao que aconteceu no Piauí, uma vez que nas décadas de 50 e 60, do século XX, passou por momentos de grande atuação de movimentos sociais.

Na década de 1960, o nordeste brasileiro foi palco de grandes conflitos e variadas mobilizações em busca do direito à terra, com destaque para as Ligas Camponesas que “(...) em meados da década de cinquenta do século XX, é criada, em Pernambuco, a Sociedade Agrícola de Plantadores e Pecuaristas de Pernambuco — SAPPP” (NATIVIDADE, 2013, p. 125). As “(...) Ligas passaram a preocupar-se não somente com questões como melhores condições de trabalho para as populações rurais, mas também com a problemática do acesso à terra, terra essa que estava cada vez mais inacessível ao homem do campo” (NATIVIDADE, 2013, pp. 125-126).

Clodomir Santos de Moraes (2012) destaca que, a partir do ressurgimento das Ligas Camponesas, em 1955, elas deixaram de ser organizações e passaram a ser movimentos camponeses, contagiando grandes massas rurais e urbanas. Segundo ele, as Ligas agiram principalmente como “(...) um movimento rural um tanto amorfo e sem estrutura nacional sólida” (MORAIS, 2012, p. 71).

É importante destacar que as Ligas começaram a ganhar mais forças quando conseguiram o apoio de Francisco Juliano de Paula, mais conhecido por Francisco Julião, advogado e escritor que, depois, exerceu o cargo de deputado. Segundo Célio Diogo Boni e Elisângela Francisca Silva (2013), a militância de Julião em prol das causas sociais “(...) fez com que as lideranças das Ligas Camponesas fizessem contato para uma parceria e uma ajuda, devido ao desprendimento do advogado e de seu conhecimento de causa em relação à forma de tratamento a que os trabalhadores estavam

submetidos por seus patrões” (BONI; SILVA, 2013, p. 12). Na edição nº 480, publicada em 16 de dezembro de 1961, Carvalho Déda publica uma charge com a imagem do Julião.

Figura 27: Julião marretão e as Ligas.



Fonte: A SEMANA, nº 480, 1961, p. 02.

A charge foi confeccionada com poucos adornos hermenêuticos, sendo possível perceber na imagem duas mulheres — que estão representando duas Ligas Camponesas — e a representação de Julião, portando em suas mãos uma marreta, sendo que tenta esconder atrás do seu corpo. A legenda expõe uma possível conversa das duas ligas sobre o posicionamento a respeito da reforma agrária. Uma delas pergunta se ele era marreteiro, ou seja, se tinha dualidade de pensamentos em relação a sua posição reformista. A outra, alude a vinculação aos ideais da Revolução Cubana e a utilização do “*paredón*” para os contrarrevolucionários.

Nesta mesma edição, pequena nota jornalística alude a visita que o deputado Julião faria em Sergipe, reunindo-se com

Seixas Dória e Leonel Brizola, reveladora de que o governador sergipano compartilhava de parte dos ideais de Francisco Julião. Para reforçar as causas reformistas, Carvalho Déda posicionava-se em relação aos descasos sofridos pelos sertanejos durante anos. Através de suas charges, desenvolveu um panorama retratando o sofrimento que a população enfrentava. Na publicação do dia 21 de outubro de 1961, edição nº 472, foi divulgada uma charge expondo sobre a alta do preço da carne no município, por causa de um longo período de estiagem.

Figura 28: Será que vai suportar preço.



Fonte: A SEMANA, nº 472, 1961, p. 02.

A charge foi construída colocando como plano central a conversa entre os dois animais — um boi e um porco — e ao fundo uma escada com o valor de 500 cruzeiros, anexado ao último degrau. Faz-se necessário destacar que a escada é um dos

objetos mais utilizados por Carvalho Déda para representar a alta ou o baixo preço de algum produto. No caso da imagem acima representada traz consigo a pergunta do boi, se os dois — boi e porco — iriam subir na escada. E como forma de resposta, o personagem do porco pergunta se ela — a escada — iria suportar o peso dos dois, ou seja, se a população iria suportar a alta do valor da carne no bolso.

Além do alto valor da carne, na edição nº 481, publicada em 23 de dezembro de 1961, uma charge critica o preço da farinha, em que aparece o personagem Zé Povo, andando e apontando para a farinha, representada por uma senhora roliça em cima de um esqueleto, que tentava suportar o seu peso na cabeça.

Figura 29: Zé povo e a gordura da farinha.



Fonte: A SEMANA, nº 472, 1961, p. 02.

As imagens e os textos publicados no semanário expõem as agruras do longo período de estiagem na região, com sua população em situação alarmante. Nas publicações, um dos pontos mais tocados era a falta de chuvas na região, sendo um dos principais colaboradores para o descaso social, a alta de preços e a fome. Este fator fica claro na edição nº 478, de 02 de dezembro de 1961. Com o título “O desêspero da pobreza”, Carvalho Déda chama atenção para a alta dos preços dos gêneros alimentícios:

No sábado passado as utilidades alimentícias tomaram impulso na sua subida. A farinha, o feijão, a carne, o arroz e todas as utilidades subiram, atingindo um nível insuportável pela pobreza. Estamos chegando a um ponto de desespero. Ninguém pode imaginar as consequências terríveis desta alta desenfreada (A SEMANA, nº 478, 02/12/1961, p. 01).

Como modo de representar tal momento alarmante na cidade, Carvalho Déda lança contínuas publicações chargistas relatando a crise da alta dos preços, destacando a falta de água na região, entre outros acontecimentos corriqueiros. Na edição nº 489, publicada no dia 17 de fevereiro de 1962, a elevação de preço da farinha foi o mote da charge. Embora sem a presença do personagem Zé povo, vemos os traços matutos na mulher, destacando a configuração da mulher nordestina. A charge foi construída com duas mulheres. Uma, com o nome chuva escrito em seu corpo, remetendo-se ao clamor que a população tinha para o período das chuvas, e a outra representando a farinha. A primeira senhora foi confeccionada com os pés descalços, pote na cabeça, vestimenta simples, ou seja, representando o sofrimento vivido pelos menos favorecidos, o qual se alargava por causa da falta de chuvas na região.

Figura 30: Você vai cair Dona Farinha.



Fonte: A SEMANA, nº 481, 1961, p. 02.

A legenda reforça ainda mais essa ideia ao destacar que a Dona Chuva olha e aponta para a Dona Farinha, que sobe sem rumos na escada, e avisa que: “Quando eu abrir minha sobrinha e derramar meu pote, você vai cair espalhada”, ou seja, se referia ao caso de quando as chuvas chegassem, e não fosse mais necessário levar mais o pote de água na cabeça, o preço da farinha iria cair de forma desgovernada, alimentando toda população.

Na edição nº 654, publicada no dia 17 de abril de 1965, Carvalho Déda chama atenção novamente para o preço do feijão.

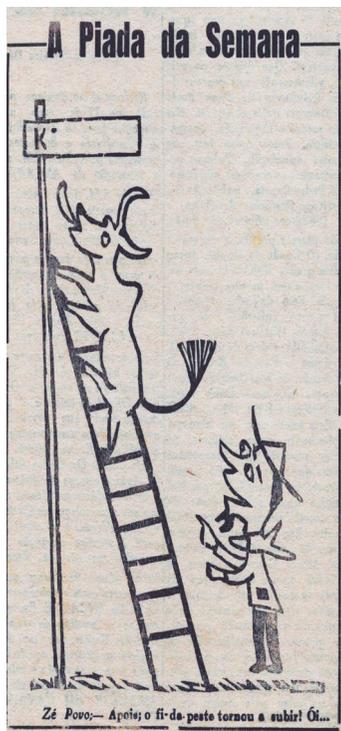
Figura 31: O feijão ganhou asas.



Fonte: A SEMANA, nº 654, 1965, p. 02.

A elaboração da charge traz poucos elementos pictóricos, somente aparece a imagem de um caroço de feijão portando asas. As asas construídas e o cenário entre as nuvens conotam que o preço estava nas alturas. A charge também alude a representação do sofrimento da população pela elaboração dos pés descalços, como na imagem anterior da Dona Farinha. Outra charge foi publicada na edição nº 660, publicada no dia 29 de maio de 1965, nessa gravura, trazendo a figura do personagem Zé Povo, desenhado com um ar de sofrimento e aspectos fisionômicos representativos de uma pessoa cansada, que não sabia o que fazer com a alta dos preços.

Figura 32: Zé Povo e o caro boi



Fonte: A SEMANA, nº 660, 1965, p. 02.

Na imagem, é possível notar que estava em alta o preço da carne do boi, e o valor estava tão incerto que nem aparece mais anotado na tabela de preço em cima da escada, onde o animal sobe de modo desenfreado. Observa-se também a maneira como o Zé Povo foi confeccionado, com as mãos apontando para o animal, de modo espantado. Traz um pouco a alusão que ele — Zé Povo — está tentando pegar no rabo do boi, a fim de derrubá-lo da escada.

Ao analisar as edições entre os anos de 1959 até o início de abril de 1966, observou-se que a cidade de Simão Dias e regiões circunvizinhas passou por um longo período de estiagem que prejudicou, de forma alarmante, a vida dos moradores. Carvalho

Déda não ficava somente restrito à representação humorística do que estava passando — pois, em alguns momentos essa conotação não é fluente —, mas reforçava a questão da falta de assistencialismo dos políticos para a resolução daqueles problemas presentes na região.

Na edição nº 661, publicada em 05 de junho de 1965, trouxe a representação de um senhor na extrema pobreza e abandono social.

Figura 33: A cara do povo brasileiro.



Fonte: A SEMANA, nº661, 1965, p.02.

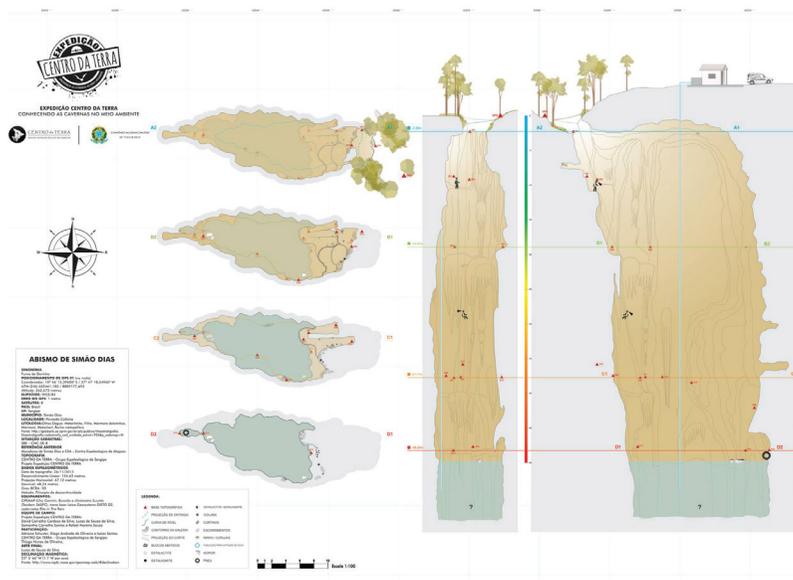
Embora tenha sido construído com poucos elementos pictóricos, ao analisar a charge, juntamente com a legenda — “*O sertanejo arrazado: E agora, Zé; desemprego no Sul e fome no*

sertão.” —, fica perceptível que Carvalho Déda estava fazendo uma crítica da situação do país e como a população estava sofrida e abalada. Também é possível perceber que o personagem foi elaborado com traços minuciosos de um peregrino, possuindo um cajado e uma pequena capanga ao lado, e seus linhas fisionômicas trazem a concepção de maus tratos diários.

Durante todo esse processo de seca na cidade, Carvalho Déda trouxe um arsenal de representações sobre os serviços prestados pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DENOCS), que na sua implantação no município houve variadas interrupções e descontentamento da população, pois os serviços apresentados nunca conseguiam resolver os problemas da seca na região. Nesse sentido, é importante destacar que a região na qual está localizada a cidade de Simão Dias é conhecida por possuir uma grande quantidade de furnas subterrâneas, que por conta de sua cavidade, armazenavam águas. Uma das mais conhecidas era a furna localizada na propriedade do coronel Dorinha.

Sobre a furna do Dorinha foram desenvolvidas pesquisas espeleológicas que auxiliaram para dar uma nova visão científica ao local. Foram feitas inúmeras pesquisas no abismo, sendo que a primeira fora realizada na década de 1990, pelo Centro Espeleológico de Alagoas (CEA). Através dos mergulhos realizados em 1997, os pesquisadores encontraram uma carapaça fossilizada de um jabuti. Antes mesmo desse estudo, Carvalho Neto, no ano de 1928, já tinha escrito sobre a furna, dando conta de sua existência. A furna ainda mantém um grande mistério, principalmente por ser um abismo com depressão de 50 metros, porém com profundidade máxima explorada até 26 metros.

Mapa 1: Mapa topográfico da furna do Dorinha.



Fonte: Acervo do Centro de Terra/Grupo Espeleológico de Sergipe. Disponível em: <http://lagartocomoeuvejo.com.br/2017/03/09/conheca-a-furna-do-dorinha-cavidade-natural-existente-em-simao-dias/>. Acessado em 15/11/2019.

Na imagem, observa-se a cavidade da furna existente na fazenda do coronel Dorinha. Percebe-se não somente a profundidade do local, mas, quando melhor analisada, colocando como pano de fundo a demora do atendimento da DNOCS e falta de água no município nos períodos de grande estiagem, é possível perceber que não existiam equipamentos adequados na época que pudessem chegar ao final da furna, fazendo com que o abastecimento de água fosse precário e com pouca circulação no município.

Dessa maneira, quando analisadas as imagens que trazem o Zé Povo como pano de fundo ou como meio de crítica aos acontecimentos presentes na cidade, é importante enfatizar que, em vários episódios corriqueiros no município — como a falta de

assistencialismo —, em muitos casos a culpa não era somente da gestão municipal da época, mas dos impasses que favoreceram para tais acontecimentos, como da questão da fome, seca e alta de preços, decorrentes do período de estiagem.

Os temas apresentados no decorrer da escrita demonstram como Carvalho Déda e demais jornalistas se posicionavam em relação aos diferentes acontecimentos presentes nas instâncias: Municipais, Estaduais, Nacional e Internacional; uma vez que traziam para o jornal *A Semana* assuntos corriqueiros que atingiam os distantes cantos do país e do mundo. Ter esses episódios representados através de charges e caricaturas colabora de forma significativa para observar o potencial crítico que o periódico manteve durante seus anos de circulação.

Desse modo, ter presente em Sergipe um jornal interiorano, portador de maquinários rudimentares — uma rotativa francesa —, tendo em vista que no período já existiam equipamentos tipográficos mais avançados, demonstra como o jornal era fabricado de modo artesanal e precário. Os desenhos gráficos elaborados através da técnica da xilografia, uma arte milenar, a qual Carvalho Déda soube usufruir dando formas às suas diferentes críticas, pontuações políticas, representando o cotidiano, as mazelas sociais e econômicas que envolviam a cidade e demais regiões. Momentos exibidos principalmente pelo personagem Zé Povo, o qual trouxe para a seção “A Piada da Semana” a concepção dos episódios sofridos pela população no período.

Considerações finais

Representar a sociedade nunca foi tão divertido quando se utiliza o meio gráfico para expressar os diferentes acontecimentos de uma determinada época. Nesse sentido, faz-se necessário destacar a configuração humorística e crítica presente no campo chargístico. É por meio desses elementos gráficos que os diferentes cartunistas expressam e criticam diferentes episódios corriqueiros na sociedade; sejam assuntos políticos, culturais, econômicos, entre outros. São desenhos que consistem em materializar os acontecimentos por meio do humor, despertando o riso nos diferentes leitores.

No desenvolvimento dessa pesquisa, buscou-se analisar a atuação do jornalista José de Carvalho Déda no processo de confecção de charges e caricaturas no semanário sergipano *A Semana* e a forma que ele utilizou esses elementos gráficos como suporte ideológico para a expansão de determinadas informações, principalmente as de cunho político. Utilizamos como corpus documental o periódico em sua totalidade, mas com maior ênfase na seção “A Piada da Semana”, destinado para a publicação das charges e caricaturas.

A pesquisa possibilitou perceber que a disputa política sergipana entre os anos de 1946 a 1968 alargava-se em diferentes perspectivas em todo território, sendo que no município de Simão Dias Carvalho Déda, através de suas charges, criticava alguns grupos políticos de oposição, trazendo para a cidade e regiões circunvizinhas uma configuração ideológica que alicerçava e priorizava o udenismo.

A sua atividade como jornalista possibilitou confeccionar um arsenal de informações que percorriam os acontecimentos políticos presentes na época, e utilizando-se de uma conjuntura ampla de diferentes episódios que atingiam a vida cotidiana dos municípios, como a fome, a seca, a desigualdade social, falta de assistência, entre outros; Carvalho Déda soube aproveitar para atingir os principais grupos políticos contemporâneos no período.

Como forma de escrita, foi possível construir na dissertação uma análise pontuando o caráter político e ideológico de Carvalho Déda frente à sua atuação no campo político sergipano; como ele conseguiu atrelar a política com o meio jornalístico, desenvolvendo seus desenhos gráficos, que se concentram em mais de 400 xilogravuras, que criticavam e satirizavam os diferentes acontecimentos. No decorrer da pesquisa e análise das fontes foi possível deparar-se com várias passagens recorrentes no período, uma vez que foram selecionados somente aqueles que traziam uma perspectiva local, regional e nacional.

Ao conhecer o meio político no qual Carvalho Déda estava inserido, ficou perceptível que as intenções de suas charges ofereciam para o público elementos que perpassavam o riso humorístico. Mas enfatizava de maneira pontual a sua concepção do cenário político e social que os municípios estavam inseridos. Nessa perspectiva, foi importante a análise e problematização da seção “Piada da Semana”, que traz consigo elementos de grande relevância para várias áreas de pesquisa, perpassando os dados históricos, linguísticos e semânticos existentes nas charges e caricaturas, além do poder sintético dos desenhos que simplificaram os principais acontecimentos da época, possibilitando fazer uma investigação discursiva de elementos pré-construídos.

A hipótese levantada sobre a linguagem dinâmica dos desenhos gráficos na explanação e difusão das informações, assim como a escolha do uso desses elementos para atingir grupos políticos presentes no período, foi confirmada através da análise das fontes no decorrer do estudo, uma vez que Carvalho Déda conseguiu representar graficamente, bem como intencionar ideologias a favor de sua posição política. As charges com o personagem Zé Povo foram indispensáveis para a expansão de seu pensamento crítico sobre a má administração e descaso social com o povo, que quando atrelada ao período político eleitoral nas instâncias municipais, estaduais e nacionais, legitimava que as más escolhas

nas urnas ocasionaram aqueles agravamentos, então o personagem criticava não somente o sistema, mas o próprio povo.

Através das diferentes leituras foi possível evidenciar uma discussão sobre o potencial dos desenhos gráficos no âmbito historiográfico e como as mais diversas formas representativas imagéticas são elementos chaves no processo de comunicação, nesse caso na imprensa impressa. Para além das obras sobre o uso da fonte icnográfica, foi de suma importância os livros do historiador sergipano Ibarê Dantas, os quais subsidiaram na investigação da conjuntura política existente em Sergipe durante o período estudado.

Contribuindo para compreender como Carvalho Déda soube articular as informações vigentes no período, as quais foram representadas em forma de desenhos. Desse modo, o presente trabalho não tem somente o teor de narrar a história política sergipana através das charges e caricaturas, mas traz consigo o caráter historiográfico em compreender como essas imagens foram mecanismos ideológicos de pensamentos, sendo aliadas às principais concepções políticas existentes no momento. Por essa razão, a dissertação contribui de modo significativo para a historiografia sergipana.

FONTES

AUDIOVISUAIS

ALVES, João Oliva. **O mundo de Carvalho Déda: vida e obra.** DVD-Rom, 2008.

CAMPOS, Edvaldo. **O mundo de Carvalho Déda: vida e obra.** DVD-Rom, 2008.

DÉDA, Artur Oscar de Oliveira. **O mundo de Carvalho Déda: vida e obra.** DVD-Rom, 2008.

DÉDA, Marcelo. **O mundo de Carvalho Déda. O mundo de Carvalho Déda: vida e obra.** DVD-Rom, 2008.

MACHADO, Manoel Cabral. **O mundo de Carvalho Déda: vida e obra.** DVD-Rom, 2008.

DIGITAIS

DÉDA, Carlos Alberto de Oliveira. **Os rolos espalhadores de tinta de impressora, o velho tipógrafo e o artesão.** Aracaju, 2015.

DÉDA, Carlos Alberto de Oliveira. **Um depoimento sobre o jornal “A SEMANA”.** Aracaju, 2011.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 8.031 de outubro 1945.** Presidência da República, Rio de Janeiro, 1945.

DÉDA, Marcelo. **Discurso da abertura exposição sobre Carvalho Déda.** 2008. Disponível em: http://ica.institutomarcelodeda.com.br/uploads/r/instituto-marcelo-d-da/1/e/b/1eb2d-6f0b76ef3ac0bd406ae08b86ca69a11454b97a433ef2de39e43a-09d4f0b/2008-12-09_.pdf. Acessado em: 25/05/2019.

ESCRITAS

BARRETO, Armando (ORG.). **Commercial, industrial, agrícola e informativo Estado de Sergipe**. Aracaju, 1933.

SERGIPE, Tribunal Regional Eleitoral. **100 anos de eleições em Sergipe**. Aracaju: TER/SE, 2002.

Gervásio Prata, carta 25/10/1948.

Gervásio Prata, carta 20/10/1946.

Carvalho Neto, carta 05/11/1951.

Epifânio Dória, carta 28/04/1954.

HEMEROGRÁFICAS

Jornal A Semana (1946-1969)

Jornal Correio de Aracaju (1945-1960)

Jornal Diário Carioca, 16/02/1962. Disponível:http://memoria.bn.br/pdf/093092/per093092_1962_10410.pdf

Jornal Diário de Sergipe (1945-1960)

Jornal O Estado, 13/03/1960. Disponível: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/oestadofpolis/estadof1960.html>

Jornal Última Hora, 08/09/1961. Disponível:http://memoria.bn.br/pdf/386030/per386030_1961_03438.pdf

ORAL

BÁRBARA, Luiz Santa. Entrevista concedida a Amanda de Oliveira Santos, 05 de maio 2017.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio. Imprensa alternativa: opinião, movimento e em tempo. IN: LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **História da imprensa no Brasil**. 2º ed. 3º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 8º ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil 1900-2000. Rio Janeiro: Mauad X, 2007.

BARRETO, Luiz Antônio. **O desmonte do Morro do Bonfim e outras obras**, 2005. Disponível em: <http://clientes.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=9&titulo=Aracaju150anos> Acessado em: 14/06/2019.

BARRETO, Luiz Antônio. **Personalidades sergipanas**. Aracaju: Editora Typografia, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o udenismo**: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O governo Kubitschek**: desenvolvimento econômico e estabilidade política (1956-1961). 2º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O PTB e o trabalhismo**: partido e sindicato em São Paulo (1945-1964). 1º ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. São Paulo: Edipro, 2018.

BERTO, Ligia Carla Gabrielli. **A política econômica dos ex-presidentes FHC e Lula nas charges do jornal O Globo (1995-2010)**. Trabalho de conclusão curso (Dissertação). Curitiba: UTFPR, 2018.

BONI, Célio Diego; SILVA, Elisangela Francisca. **Intelectuais e movimentos sociais**: a atuação de Francisco Julião junto às Ligas Camponesas. Trabalho conclusão curso (artigo), 2013.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. IN: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRAGA, Rodrigo Lima. **O papel da imprensa escrita nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo durante o período João Goulart**. Trabalho de conclusão de curso (monografia). Rio de Janeiro: UFERJ, 2018.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CARLONI, Karla Guilherme. **Marechal Henrique Teixeira Lott**: a opção das esquerdas. Tese doutorado. Niterói: UFF, 2010.

CARVALHO, Gilmar de. **Xilogravura**: doze escritos na madeira. 2º ed. Fortaleza; Museu do Ceará, 2011.

CARVALL (Org.). **Belmonte**: 100 anos. São Paulo: Ed. SENAC, 1996.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto história**, São Paulo, PUC-SP, nº 35, pp. 253-270, dez. 2007.

DANTAS, José Ibarê Costa. **A tutela militar em Sergipe (1964-1984):** partidos e eleições num Estado autoritário. 2º ed. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

DANTAS, José Ibarê Costa. **História de Sergipe:** República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DANTAS, José Ibarê Costa. **Leandro Maynard Maciel na política do século XX.** Aracaju: Criação. 2017.

DANTAS, José Ibarê Costa. **Os partidos políticos em Sergipe (1889-1964).** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

DÉDA, José de Carvalho. **Bréfaias e burundangas do folclore sergipano.** 3º ed. Aracaju: Editora J. Andrade, 2008.

DÉDA, José de Carvalho. **Carvalho Déda:** vida e obra. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2008.

DÉDA, José de Carvalho. **Formigas de asas.** Aracaju: Editora J. Andrade, 2008.

DÉDA, José de Carvalho. **Simão Dias:** fragmento de sua história. 2º ed. Aracaju: Editora J. Andrade, 2008.

DELGADO, Lucila de Almeida. O governo João Goulart e o golpe de 1964: memória, história e historiografia. **Tempo.** 2010, vol. 14, nº 28, pp. 123-143.

DINIZ, Dora Neuza. **Aracaju:** a construção da imagem da cidade. Dissertação mestrado em arquitetura e urbanismo. São Paulo: USP, 2009.

DÓRIA, Seixas. **Eu, réu sem crime.** 5ºed. Aracaju: J. Andrade, 2007.

ELEUTÉRIO, Maris de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. IN: LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **História da imprensa no Brasil.** 2º ed. 3º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

FAUSTO, Boris. **História geral da civilização brasileira: o Brasil republicano, v3: sociedade e política (1930-1964)**. 3º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 6º ed. São Paulo: Ática, 1998.

FLÔRES, Onici. **A leitura da charge**. Canoas: ULBA, 2002.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura: a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

GARCIA, Néson Jahr. **Propaganda: ideologia e manipulação**. 1ºed. Rocket Edition, 2005 (eBook).

GOMBRICH. E.H. **Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica**. Raul de Sá Barbosa (trad.). Martins Fontes: São Paulo, 1995.

KORNIS, Mônica Almeida; MONTEIRO, Débora Paiva. **O movimento sindical urbano e o papel do CGT**. FGV, 2017. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/O_movimento_sindical_urbano_e_o_CGT. Acessado em: 02/01/2020.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

LEITE, Sylvia Helena Telarolli de Almeida. **Chapéus de palha, panamás, cartolas: a caricatura na literatura paulista (1900-1920)**. São Paulo: UNESP, 1996.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1963. Vol. 1.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1963. Vol. 2.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**.

2º ed. 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **História da imprensa no Brasil**. 2º ed. 3º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

MEDEIROS, Kênia Érica Gusmão. Riso, humor e história. IN: KUYUMJIAN, Marcia de Melo Martins; MELLO, Maria Theresza Negrão de. (Orgs.) **Cultura cômica e ambiência cotidiana: história cultural, risibilidade e humor**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.

MEDINA, João. **O Zé Povinho, totem nacional português: estudo de mitogênese e simbologia nacional**. Abriu, Universidade de Lisboa, p.65-78, 2014. ISSN: 2014-8526.

MIANI, Rozinaldo. Charge editorial: iconografia e pesquisa em história. **Domínios da Imagem**, Londrina, v.8, n.16, p.133-145, jun./dez. 2014.

MIRALHA, Wagner. Questão agrária brasileira; origem, necessidade e perspectivas de reforma hoje. **Revista NERA**, Presidente Prudente, ano 9, nº8. pp. 151-172, jan./jun. 2006.

MORAIS, Clodomir Santos de. História das Ligas Camponesas do Brasil (1969). IN: STEDILE, João Pedro (org.). **A questão agrária no Brasil: história e natureza das Ligas Camponesas 1954-1964**. 2º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

MOTTA, Rodrigo P. Sá. **Jango e o golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NATIVIDADE, Melissa de Miranda. **A questão agrária no Brasil (1961-1964): uma arena de lutas de classe e intraclasse**. Niterói: UFF, 2013 (Dissertação mestrado).

NERY, Laura. Cenas da vida carioca: o Rio no traço de Raul Pederneiras. IN: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **História em**

cousas miúdas: capítulos de história social na crônica no Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

NETO, A. Carvalho. “O homem das cabeças de pito”. IN: PRATA, Ranulpho. **A longa estrada:** contos. Rio de Janeiro, 1925.

NETO, Osvaldo Ferreira. **Quadrado de Pirro: nosso eterno centro (parte 2)**, 2017. Disponível em: <https://expressaosergipana.com.br/quadrado-de-pirro-nosso-eterno-centro-2/> . Acessado em: 14/06/2019.

OLIVEIRA, Ana Maria Ferreira de. **O jornalismo como ferramenta de recuperação da história:** as crônicas de Francino Silveira Déda e as memórias de Paripiranga (1920-1960). Disponível em: http://www.encontro2016.se.anpuh.org/resources/anais/53/1486494907_ARQUIVO_OJORNALISMOCOMO-FERRAMENTADERECUPERACAOODAHISTORIA.PDF. Acessado em: 04/03/2019.

PILLA, Armando; QUADROS, Cynthia Boos de. **Charges:** uma leitura pela análise do discurso de linha francesa. Curitiba: Intercom, 2009. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2082-1.pdf Acessado em: 17/06/2019.

PROPP, Vladímir. **Comicidade e riso.** Editora Ática, 1992.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário essencial de comunicação.** 1ºed, Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

RIBEIRO, Pedro Krause. **Usos do povo no discurso político da charge:** Zé Povo e Zé Povinho na imprensa luso-brasileira (1875-1912). Dissertação mestrado em história. Rio de Janeiro: UFRJ/IH, 2011.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística:** intertextualidade e polifonia: um estudo de charge da Folha de S. Paulo. 1º reimp. Maringá: Eduem, 2000.

SANTOS, Rose Mary Oliveira. **Sob a lupa de Carvalho Déda**: fragmentos das memórias de Simão Dias-SE. Trabalho de conclusão curso (graduação). Faculdade José Augusto Vieira, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil**: uma bibliografia. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Marcos A. da. **Caricata república**: Zé Povo e o Brasil. São Paulo: Editora Marco Zero, 1990.

SÓDRE, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4º ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Marcelo Domingos de. **Simão Dias**: a transição da oligarquia ao populismo (1940). Trabalho de conclusão curso (Monografia). UFS (Polo de Lagarto), 2002.

SOUZA, Vânia Batista de. **Carvalho Déda e o jornal “A Semana”**: visibilidade da educação (1946-1969). Dissertação Mestrado em educação. São Cristóvão: UFS, 2016.

TENÓRIO, Guilherme Mendes. **Zé Povo cidadão**: humor e política nas páginas de O Malho. Dissertação mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, 2009.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

VACCARI, Ana Beatriz Lia. **Os casos de Araquara e São Carlos- SP (2001-2008)**: um modo petista de governar a educação? Tese doutorado em educação. Campinas: Unicamp, 2011.

VILLAMÉA, Luiza. Revolução tecnológica e reviravolta política. IN: LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **História da imprensa no Brasil**. 2º ed. 3º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Projeto história**. São Paulo, PUC-SP, nº 4, pp. 89-102, jun. 1985.

| | |
|------------|---------------------------------------|
| Tiragem | 250 exemplares |
| Formato | 15x21cm |
| Tipografia | Adobe Garamond Pro 14, 12pt |
| Papel | Pólen Soft 80g/m ² (miolo) |
| Capa | Supremo 250g/m ² (capa) |